



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH) se**

**ANTROPOLOGIA – DIVERSIDADE CULTURAL
LATINO-AMERICANA**

**DA TRANSGRESSÃO À ETNOGRAFIA
EXPERIÊNCIAS ITINERANTES NO TERRITÓRIO DAS INFÂNCIAS**

EDIANE HIRLE

Foz do Iguaçu
2022



**INSTITUTO LATINO-AMERICANO DE ARTE,
CULTURA E HISTÓRIA (ILAACH)**

**ANTROPOLOGIA – DIVERSIDADE CULTURAL
LATINO-AMERICANA**

DA TRANSGRESSÃO A ETNOGRAFIA
EXPERIÊNCIAS ITINERANTES NO TERRITÓRIO DAS INFÂNCIAS

EDIANE HIRLE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana.

Orientadora: Prof. Dr^a. Angela Maria de Souza

Foz do Iguaçu
2022

EDIANE HIRLE

DA TRANSGRESSÃO À ETNOGRAFIA
EXPERIÊNCIAS ITINERANTES NO TERRITÓRIO DAS INFÂNCIAS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Antropologia – Diversidade Cultural Latino-Americana.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Dra. Angela Maria de Souza
UNILA

Coorientadora: Jade Alcantara Lôbo
UFSC

Profa. Dra. Patrícia Santos Pinheiro
UNILA

Profa. Dra. Regina Coeli Machado e Silva
UNIOESTE

Foz do Iguaçu, 10 de Março de 2022.

Dedico esse trabalho a todas as crianças da fronteira que insistentemente transbordam territórios e que não desistem de transgredir. A todas as formas de desobediências que burlam as normas de inteligibilidade. A todas que vieram antes de mim falando, escutando e escrevendo.

AGRADECIMENTOS

À minha bisavó Florinda, por ser aquela que sempre dispõe escuta atenta, pela sua generosidade e presença; pela sua história, suas lutas...89 anos de vida longa. Pelo acalanto que seu quintal repleto de tantas flores, folhas e magia, oferece a meu mundo.

À minha avó Vanda, por ter me cuidado em todas as fases de minha vida; pela amorosidade e aconchego ao fazer de seu coração, minha morada. Por ter me ensinado a ler e escrever as primeiras palavras. Por me acolher na alegria e na potência das infâncias.

À minha mãe Marcinha, por me inspirar com determinação e ousadia. Por me ensinar sobre ser forte, afrontosa e questionadora. Por todo o carinho junto da Aurora, por cuidar da gente com comidas saborosas no afeto da cozinha nestes últimos meses de escrita.

À Aurora, minha semente mestra. Por me escolher para ser sua casa e nutri-la agora no rizoma da vida; pela oportunidade de aprender mais da luta nos desafios e nas ambiguidades da maternidade. Pela sua ternura e força de menina, em cada sorriso e choro seu que acompanham esta escrita.

Ao meu pai, por seu projeto de fixar minhas raízes em terras mineiras, servindo de impulsor para que eu pudesse sempre bater asas mundo afora, sendo movimento e multiplicidade. Por me desafiar a ser a primeira mulher da família na Universidade.

À Laura, Checho, Jandir e Sandra, pelas partilhas em terras de *Arapy*, pelos saberes e experiências em torno da construção da autonomia e soberania alimentar. Pelo tanto que senti e aprendi construindo na prática, com plantio, cuidado e colheita.

Às minhas negras amigas e companheiras, pelo cuidado, pelas reuniões em torno da minha cozinha, pelo encontro nas dororidades; por acreditarem na minha potência e pelas muitas vezes que me trouxeram para respiração e menos cabeçaço.

Ao Marcelo Villena, pela amizade, carinho, e cuidado; pela leitura atenta e por permitir se afetar pelas minhas escrevivências. Por estar perto de mim me apoiando todas as vezes que eu precisei e me ajudar a suportar a academia quando meu corpo parecia não dar mais conta. Pela escuta das paisagens sonoras e cigarras junto das crianças.

À minha orientadora Angela Maria de Souza por ter encarado o desafio de somar na minha caminhada de mãe negra na academia, por cada sugestão que me fizeram ir além e por me incentivar a transbordar palavras em poesia, cheiros, sabores e cores.

À minha co-orientadora Jade Alcantara Lôbo por ter me acompanhado desde que essa pesquisa era só uma idéia nas aulas de TCC 2, por ter aceitado segurar minha mão na potência de Intelectual Negra e confluirmos juntas.

À Bella, por aparecer no meu caminho de viajante desde a Chapada dos Veadeiros até minha casa, me ensinando tanto sobre aromaterapia; por aceitar ler e corrigir minhas palavras, por colocar minha escrita nas normas... Seguimos transbordantes de magia, por mais encontros e menos normas.

À Heloísa Gimenez, por todas vezes que colocou meus pés no chão e me escudou com coração; por acolher nossas ideias itinerantes e acompanhar de perto na comunidade. A todo o grupo PET Conexões de Saberes da UNILA, pelas ações de extensão, ensino e pesquisa.

A todas minhas companheiras e companheiros de curso, professoras e professores, que instigaram, debateram e provocaram profundas inquietações.

À Tereza Spyer, por ter um espaço nas suas aulas como Monitora de FAL e um cantinho também na sua culinária mineira. À Michele Dacas, por abrir horizontes na Revista PEABIRU, e no projeto de Território e Cultura pelo IMEA. Ao Andréa Ciacchi por me apresentar o que é a academia com a oportunidade da breve caminhada pelas trajetórias das Antropologias da América Latina no projeto de Iniciação Científica. Ao Mario René, à Mayara Costa, Júlio Moreira e todos os participantes do projeto de Extensão Memórias do Resto, que também somaram na minha longa travessia unileira.

À Dona Elza, Mara e Tereza, mulheres amigas e vizinhas que fizeram minha passagem mais alegre por Foz, compartilhando um pouco de seu vasto conhecimento comigo. Por me ajudarem a entender um pouco da dinâmica do território da região norte. Por confluirmos as experiências com a terra.

Ao querido Mano Zeu, por ser grande parceiro das peripécias, traquinagens, rimas, batalha, piruetas com as crianças, com a ginga da palavra poesia. Por pisarmos no chão da fronteira de pés descalços, e as mudas e sementes transbordando por entre tantos jardins e quintais... Porque no hay frontera.

Aos coletivos que se aproximaram do Espaço *Arapy*: Movimento Negro, movimento hip-hop, a galera do grafite, o pessoal da capoeira, coletivo Colmena, e demais pessoas que fizeram canteiros de sementeiras e colheitas de quintal a quintal, de quintais a *Arapy* e de *Arapy* para seus quintais, seguimos (re)existindo.

Ao Tupi por ser o melhor animal que logo sou, pela parceria nesses cinco anos de chão vermelho de Foz.

À comunidade do Cidade Nova, Andradina, Almada, Jardim Universitário que acolheu esta pesquisa e contribuiu para que a roda do conhecimento não parasse de girar.

Às crianças da comunidade do Almada, Andradina, Cidade Nova e Jardim Universitário por tanta transgressão, afetos, aprendizados e confluências.

RESUMO

Este relato etnográfico é fruto das experiências de campo realizadas inicialmente com algumas crianças do Loteamento Universitário das Américas 2 e posteriormente do bairro Cidade Nova, situados na região norte da cidade fronteiriça Foz do Iguaçu, Brasil. Meu objetivo é percorrer alguns possíveis caminhos ao descrever como se dá a concepção dos olhares sobre as crianças e à infância desde o pensamento ocidental, em seguida apresento a noção de infância dentro do acorde Afroperspectivista. Ao traçar um recorrido pelos Estudos das Infâncias considero alguns desafios éticos metodológicos bem como as desobediências epistêmicas que perpassam a escrita do fazer antropológico com crianças. Busco descrever as experiências itinerantes no território - potencialmente transgressoras - indicando como elas ajudam a pensar os termos em que a infância é pensada e como as crianças dessa região de fronteira vivenciam suas trajetórias. Por fim relato como foi articulada a construção de um espaço público nomeado *Arapy*, onde se deram confluências de saberes na comunidade, ao redefinir os sentidos físicos, subjetivos e políticos do espaço a partir da escuta das crianças.

Palavras chave: Crianças; infâncias; confluências de saberes; racismo; território.

RESUMEN

Este relato etnográfico es resultado de las experiencias de campo realizadas inicialmente con algunas crías del Loteamento Universitário das Américas 2 y luego del barrio Cidade Nova, situados en la región norte de la ciudad fronteriza de Foz do Iguaçu, Brasil. Mi objetivo es recorrer algunos caminos posibles al describir cómo se dá la concepción de las perspectivas sobre las crías y las infancias desde el pensamiento occidental. Enseguida presento la noción de infancia dentro del acorde Afroperspectivista. Al trazar un recorrido por la Estudios de las Infancias considero algunos desafíos éticos metodológicos así como las desobediencias epistémicas que impregnan la escritura del trabajo antropológico con crías. Busco describir las experiencias itinerantes en el territorio – potencialmente transgresoras - indicando cómo ayudan a pensar los términos en que la infancia es pensada y cómo las crías de esa región fronteriza vivencian sus trayectorias. Finalmente expreso cómo fue articulada la construcción de un espacio público donde se dieron confluencias de saberes en la comunidad, al redefinir los sentidos físicos, subjetivos y políticos del espacio a partir de la escucha de las crías.

Palabras clave: Crías; infancias; confluencias de saberes; racismo; territorio.

ÑEMOMBYKY

Ko ñemombe'u etnográfico ha'e tekovekue ojejapo va'ekue mitākuerandi oikova loteamento Universitario America 2 pegua ha avei cidade nova pegua, opytava tavaguasu herava Foz de iguasu, Brasil-pe. Che katupyryra ko ñemombe'upe ha'e ahechaka mba'éicha ojehecha mitã reko, pe ñeimo'a occidental peve ha avei pe afropespectiva pegua, ko rembiapope ajetopa joavy'andi pe etica metodologica ha ñe'ẽrendu'y epistemicandi ndohupytyi ñembohaipende ko rembiapo, upeare che amombe'use mba'éichapa oiko umi mitanguera -ndorekoi tekopy-, che avei aña'ẽimi mba'eichapa ojejapo peteĩ tekoha herava *Arapy*, upepe ha'ekuéra oñe'e heta ha ohendu mita rekove rehe.

Ñe'ẽ guasu: Mita, mita reko, yñuguaiti, tekoha

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 – Johnny, Moinho Gigante	24
Fotografia 2 – Coisa de Gente Grande.....	52
Fotografia 3 – Respeita as Minas	70
Fotografia 4 – Muralismo Agroecológico.....	88
Fotografia 5 – Cuidado de la Tierra, Cuidado de la Vida.....	90
Fotografia 6 – A horta: Plante, Colabore, Colha!.....	93
Fotografia 7 – O Menino Regador de Plantas Medicinais.....	98
Fotografia 8 – Dia da Soberania Alimentar.....	103
Fotografia 9 – Cartas a Antropóloga.....	106
Fotografia 10 – Verbo Esperançar.....	107

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
2. APRESENTAÇÃO GERAL: O OLHAR, O ENCONTRO, AS INFÂNCIAS, A ESCRITA	24
2.1 OLHARES ANTROPOLÓGICOS SOBRE AS CRIANÇAS	29
2.2 OLHAR E SER OLHADA OU A LINHA DIVISÓRIA ADULTIDADE E A INFÂNCIA	34
2.3 UM OLHAR SOBRE AS POLÍTICAS DA INFÂNCIA NO BRASIL	37
2.4 CAMINHOS POSSÍVEIS PARA ESCRITA ETNOGRÁFICA DAS INFÂNCIAS	46
3 EXPERIÊNCIAS ITINERANTES NO TERRITÓRIO DAS INFÂNCIAS	52
3.1 AS EXPERIÊNCIAS E A POSSIBILIDADE DO AFETO	57
3.2 O TERRITÓRIO	62
3.3 AS ITINERÂNCIAS: A PAISAGEM E OS PONTOS CEGOS	70
4. CONFLUÊNCIA DE SABERES: UM LUGAR PARA HABITAR AS INFÂNCIAS	78
4.1 CONFLUINDO NO TERRITÓRIO: OS DESAFIOS NA FRONTEIRA	82
4.2 DAS TRANSGRESSÕES: ESCUTAS ANTROPOLÓGICAS E POÉTICAS DAS INFÂNCIAS	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	105
APÊNDICES	108

INTRODUÇÃO

Escrevo este relato etnográfico em primeira pessoa como fruto das experiências de campo realizadas inicialmente com algumas crianças do Loteamento Universitário das Américas 2 e posteriormente do bairro Cidade Nova, situados na região norte¹ da cidade fronteiriça Foz do Iguaçu, Brasil. Meu objetivo é percorrer alguns possíveis caminhos ao descrever como se dá a concepção dos olhares sobre as crianças e às infâncias desde o pensamento ocidental, em seguida apresento a noção de infância elaborada por Renato Nogueira (2019), dentro do acorde afroperspectivista.

Ao traçar um recorrido pela Antropologia das Infâncias considero alguns desafios éticos metodológicos bem como as desobediências epistêmicas que perpassam a escrita do fazer antropológico com crianças. Busco descrever as experiências itinerantes no território - potencialmente transgressoras - indicando como elas ajudam a pensar os termos em que a infância é pensada e como esses sujeitos vivenciam suas trajetórias nessa região de fronteira.

Por fim relato como foi articulada a construção de um espaço público onde se deram os encontros de saberes na comunidade, ao redefinir os sentidos físicos, subjetivos e políticos do espaço a partir da escuta das crianças. E como esse espaço foi um convite para habitar os nossos corpos nas experiências das infâncias e ao exercício do aprendizado e partilha de sabedorias tão necessárias para vivermos em *confluência*.

Me envolvi com a pesquisa de campo desde 2016 até o início de 2020, quando estive nas mais diferentes situações de instabilidade, buscando alugar uma casa que

¹ Durante a fase inicial de pesquisa de campo, esta região oficialmente era denominada “região norte”, entretanto, no final do ano de 2019 foi publicada no Diário Oficial, uma Lei Municipal que mudava os nomes e as delimitações de todos os bairros da cidade. A região passa a ser denominada Região da Vila C a partir da lei complementar aprovada pela Câmara Municipal e sancionada pelo Prefeito da cidade, criou, delimitou e denominou os novos perímetros urbanos. Dos mais de 290 bairros existentes, a nova lei enxugou para 37, os dividindo em 12 regiões. Assim, o Bairro Cidade Nova, faz parte da região da Vila C e passou a ser composto pelos territórios: Cidade Nova II, Loteamento Residencial Andradina, Loteamento Nova Andradina, Jardim Almada e Loteamento Andradina - que fazem parte desta pesquisa- além da Vila Solidária, Vila Rural e Imóvel Veneza.

suprisse minhas necessidades e condições de orçamento para permanência na universidade. Assim, ao longo desses anos morei nos territórios que constituem a região norte: Jardim Universitário das Américas e Loteamento Nova Andradina. Inicialmente conheci as crianças nos percursos das ruas, sendo notada como estudante-moradora, e a cada mudança de casa, eu fui ampliando os trajetos, as redes, conexões e trocas com algumas delas, que por ser de diversas comunidades\bairros, aconteceu uma potência de aprendizados no território.

Meu interesse em pesquisar com crianças se materializou a partir de um exercício prático de entrevista utilizando gravador e caderno de campo. Nesse momento foi possível conseguir autorização para pesquisar com 12 crianças pertencentes ao núcleo familiar da vó Dália, cuidadora dos netos e netas. Conjuntamente elaboramos perguntas e entrevistamos a avó e bisavó para um trabalho acadêmico da disciplina História Oral. Depois a minha presença passou a ser articulada junto à Biblioteca Comunitária do Cidade Nova, quando utilizamos o espaço para corporificar o projeto “Experiências Itinerantes no Território das Infâncias”.

Em seguida contamos com apoio da Secretaria da Agricultura e a Secretaria de Direitos Humanos e Relação com a Comunidade por intermédio do Núcleo de Cultura e Integração da UNILA, até então ligado ao Instituto Mercosul de Estudos Avançados (IMEA), que em 2018 lançou edital fomentador de ações propostas por estudantes dentro da temática “Território e Cultura”, na qual fui contemplada com bolsa. Também contamos com custeio de R \$2.000,00 para compra de materiais que foram utilizados na realização das oficinas que foram construídas a partir da relação e demandas que eram trazidas.

Gerando a mobilização de ocuparmos um terreno público - área atrás ao Banco de Alimentos - onde nos espalhamos sementes em uma terra que passou a ser chamada de *Arapy* - no guarani significa mundo - para plantio de uma horta comunitária e execução de eventos colaborativos com artistas locais, Movimentos Sociais, e a comunidade em geral. Trazendo as crianças interessadas para o centro do debate em torno da organização desse espaço, essa pesquisa que nasceu com

um grupo específico se ampliou em busca de enraizamento, redes e articulação territorial.

De antemão é preciso marcar que nem as instituições (UNILA, secretarias municipais), nem representantes de bairros (Cidade Nova e Andradina), nem o Núcleo de Integração e Cultura (UNILA) ou a Biblioteca Comunitária CNI, faziam total sentido para definir a maneira como se davam a espontaneidade dos encontros, trajetos, desejos e capacidades das crianças. Talvez a grandeza do modo de vida e resistências que habitam essa fronteira, transpassam as lógicas do entendimento e burlam qualquer meio que possa tentar explicar, definir e enquadrar suas experiências.

Além disso, trago as questões que envolvem a autorização de pesquisa como um limite ético, como uma barreira que eu tive que ultrapassar ao fazer a minha escolha de não revirar aquelas que mais causavam desconforto na maioria das crianças: perguntar pelos pais. A maneira como elas vivenciam seus vínculos familiares é sintoma de problemáticas estruturais: o pai não assumir a paternidade, estar encarcerado, trabalhar fora, etc.

Por isso eu escolhi ter mais delicadeza para conhecer, acolher e aprofundar as suas histórias de vida. Conseqüentemente, uma das poucas formalizações de consentimento de pesquisa foi registrado em um gravador, pela voz de Dona Dália e Márcia, mãe de 12 crianças. As outras foram dadas em reuniões coletivas com as mães da comunidade Andradina e fortalecidas pelas atividades e eventos no *Arapy*, no corpo a corpo cotidiano.

Evidentemente não pretendo escrever falando pelas crianças, muito menos homogeneizá-las. Por isso, escolhi tratar de cada uma com seus nomes verdadeiros, para falar de pessoas específicas e me refiro ao termo “as crianças” quando se trata de uma escolha como categoria política. Também faço uso de algumas fotos, que propositalmente não revelam o rosto das crianças. De modo geral, a composição dessas fotografias nos faz pensar na ação, no movimento e nos seus trajetos pelo território.

Figura 1 - Projeto Arapy na Comunidade



Fonte: Desenho Técnico feito pela estudante de arquitetura Jéssica Machado, elaborado em 2019.

O que de fato importava era a relação com as crianças, onde eu me deparava em várias questões éticas pois elas não assinam e não autorizam pesquisa. Portanto, se eu escolho tratar as crianças como sujeitos da pesquisa, como validar a autoria e autorização e ao mesmo tempo que é político utilizar seus nomes verdadeiros como preservar as crianças que vivenciam duras realidades na zona do tráfico?

Optei por começar a investigação com as crianças que quiseram fazer parte dos encontros, e em alguns casos eu utilizei da técnica infantil de inventar nomes (escolhi nomes de heróis) para preservar as suas identidades. Evidentemente o contexto de morar na comunidade muda a relação de trabalho de campo. Às vezes gerando facilidades e outras vezes grandes desafios, e assim podendo ampliar minha rede e criar conexões com afeto e proximidade. Ao passo que simplesmente busquei traduzir, o que seria ser pesquisadora-moradora, e muitas vezes fui indagada sobre

“como é estudar naquele prédio grande? O que tem lá dentro, a gente pode entrar um dia e ver o que tem lá? Estudar ali é muito caro?”.

Apesar de parecer que os muros da UNILA ainda eram intransponíveis para a maioria das crianças, os convites para conhecer seus mundos aos poucos foram ganhando traços do desenho inacabado desta pesquisa: “Vamos brincar no morrinho? Quando vai ter piquenique na Biblioteca Comunitária do Cidade Nova? Vamos no rio? Vamos na horta hoje?”. Interessantemente, fui surpreendida por uma criança que estava soltando pipa e me aproximei tentando comunicar que fazia pesquisa com crianças e, neste primeiro contato, ela me disse que já tinha entendido que “ser antropóloga só podia ser coisa de gente curiosa!”.

Aos poucos fui me desengessando do caderno de campo, das perguntas prontas, de quantificar/qualificar as crianças, de não saber quando sacar o gravador e fui me abrindo aos sentidos, ao movimento, corpo, intuição. Dando lugar às experiências de ser tocada pelos acontecimentos, pelos convites despretensiosos, pelas aventuras intermináveis, pelas visitas inéditas primeiramente no meu quintal e depois os encontros em torno do manejo da horta que construímos conjuntamente e com demais colaboradores e colaboradoras que se identificaram com a terra que ocupamos.

Quando iniciei esta investigação, os mapas que configuram os bairros denominados Polo Universitário e Cidade Nova eram diferentes. Mas desde o princípio eu optei por me permitir ser guiada pelas referências subjetivas, afetos e sentidos das crianças no território, sem me importar com as delimitações e nomenclaturas estabelecidas oficialmente. Considero importante que a história dessa região seja contada por quem viveu essas dinâmicas de territorialização. Porque as formatações destas comunidades se deram a partir de remoções forçadas e/ou realocações de pessoas, além de processos migratórios, na medida em que a cidade foi se constituindo a partir de assimetrias e segregações que silenciam as vozes de quem viveu/vive o processo.

Vozes que rompem os silêncios, sobrevividas aos discursos desenvolvimentistas de ser polo do capital transnacional, do turismo, da hotelaria, da

construção de Itaipu como a segunda maior hidrelétrica do mundo em tamanho e a primeira em geração de energia. Vozes espoliadas de seus territórios, e hoje se denomina “Iguaçu” topônimo indígena, podendo ser decomposto originalmente em Y (água) e guazú (grande). Assim sendo reconhecida internacionalmente pelas Cataratas do Iguaçu, uma das 7 Maravilhas da Natureza.

De acordo com informação do site oficial da prefeitura: “Em 1960, o município contava com 28.080 habitantes e, em 1970, com 33.970, passando a ter, em 1980, 136.320 habitantes, registrando um crescimento de 385%”². O acelerado crescimento de Foz do Iguaçu se deu com a inauguração da ponte internacional da Amizade em 1965 (Brasil-Paraguai), principalmente através do comércio implementado com a atual Ciudad del Este; a construção da BR-277 que liga o município à Curitiba e ao litoral e no ano de 1970 a construção da Hidrelétrica de Itaipu.

Além da localização estratégica da fronteira, que faz com que haja intenso trânsito por suas bordas as mercadorias alvo do capitalismo transnacional e o escoamento de armas, drogas e contrabando. Ainda há exploração de suas reservas naturais, bem como, seu projeto segregador e excludente de cidade. Além de ser exaltada uma cidade multiétnica por abrigar mais de 81 etnias, e oficialmente não se faz menção a presença negra. São inúmeras combinações entre a violência de Estado e a violência dos projetos de desenvolvimento que impactaram e ainda impactam diretamente na vida da comunidade, em especial das crianças no que se refere ao acesso às políticas públicas e ao direito à cidade:

Foz do Iguaçu é assim
Intensa, cortante
Com tantas belas paisagens
E com contrastes gritantes
Barracos beijando a lama
Resorts exuberantes
Uns gozam, outros se fodem
Esse é o modus operandi
Foz do Iguaçu é assim
Um mar de miséria aos pés das rodas-gigantes
(Mano Zeu, 2021)

² Foz do Iguaçu (PR). Prefeitura. 2013. Disponível em:< <https://www5.pmfi.pr.gov.br/cidade/#next> > Acesso em: dez. 2021.

As palavras poéticas de Mano Zeu³ são muito propícias para exemplificar que a grande maioria das crianças que conheci nunca tinham visitado as Cataratas, Parque das Aves, Parque dos Dinossauros, Roda Gigante, ou qualquer outro ponto turístico de Foz. Uma ou outra conseguiu visitar as Cataratas com a escola. A infância no Brasil tem rosto e seu território é muito bem demarcado socialmente.

Recentemente foi divulgado um relatório pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância - Unicef⁴ (2021). Este documento define diferentes critérios para trabalhar dados relativos à pobreza entre crianças brasileiras, incluindo indicadores de renda per capita e uma análise do cumprimento de direitos fundamentais garantidos na lei. O relatório que tem como base dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) 2015, revelou que nos últimos 5 anos, trinta e cinco mil crianças e adolescentes morreram de forma violenta no Brasil. A maioria destes jovens tinha entre 15 e 19 anos. Tal informação aguça que se formássemos uma cidade com crianças e adolescentes brasileiros em situação de precariedade, seja financeira ou no acesso a direitos como educação e moradia, seriam formadas quase três metrópoles como São Paulo.

Assim mesmo indica que duas crianças e adolescentes são mortos por dia pela polícia no Brasil. Considerando apenas as privações de direitos nas categorias educação, informação, trabalho infantil, moradia, água e saneamento somam-se 26,7 milhões de crianças e adolescentes (49,7% do total) têm um ou mais direitos negados. O relatório igualmente constata que em todas as idades, as principais

³ Mano Zeu é meu camarada de luta, poeta e agitador cultural, Membro do Coletivo No Hay Frontera, Selo Editorial Capivara Preta e ECO Estúdio Comunitário. Também é membro e Fundador da Biblioteca Comunitária CNI. Se apresenta em forma de palavra poesia: “Mano Zeu, hermano, cidadão do mundo, como poeta é um bom Dj. Pesquisador da música negra, se organiza no Quilombo Comuna. Luta contra os senhores de engenho moedores de cana e carne negra que transforma tudo em mercadoria. Nas trincheiras da escrita, como esgrima, se esquivava, se alastra, assim como a água que nem os canos prendem. En la contra-mano da moda, da onda, suor e saliva salgados como o mar e abraço dulce como dominguear en lunes en una cachoeira. pantera negra de dentes en riste, mandando a letra. Porte ilegal de sonhos. Caneta Preta. No horizonte: la integracion latinocaribenha” (Mano Zeu, 2016).

⁴ O Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) foi criado pela ONU para promover os direitos e o bem-estar de crianças e adolescentes em todo o mundo, está presente no Brasil desde 1950. Pesquisa disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/media/16421/file/panorama-violencia-letal-sexual-contra-criancas-adolescentes>> Acesso em 20 Setembro 2022.

vítimas são meninos negros. Entre meninos e meninas negras, a 'taxa de privação de direitos' supera a média nacional e passa dos 50%.

Também podemos observar essas diferenças analisando o saneamento básico, entre crianças e adolescentes privadas deste serviço 70% são negras. Considerando todas as categorias de privações envolvidas no estudo, meninos e meninas negras têm uma “taxa de privação de direitos” de 58%, versus 38% dos brancos (no Brasil, a taxa é de 49,7%). No que diz respeito às crianças que não possuem acesso algum ao direito em questão, a desigualdade entre negros e brancos é intensificada atingindo 23,6% dos negros e 12,8% dos brancos com menos de 18 anos. Averiguando os dados, na educação existem 545 mil meninos e meninas negras de 8 a 17 anos analfabetos contra 207 mil brancos. A Unicef (2021) adverte que além de considerar recortes como a influência da raça e da região do país, o desenho de políticas públicas para lidar com a pobreza na infância deveriam considerar também a assistência a mães, pais e responsáveis delas.

Levando em consideração as referências apresentadas anteriormente, é preciso pontuar que este trabalho é uma pesquisa de campo com crianças e não sobre crianças. Por isso, meu objetivo não foi realizar pesquisa quantitativa ou qualitativa, apesar de eu recorrer a estes dados para demarcar socialmente essas infâncias. Pesquisar com é diferente de pesquisar sobre, portanto considero que a maneira como se entra, permanece, atua e interage em campo faz total diferença. O que traz o desafio de negociar a minha presença com a família e com as entidades religiosas, de caridade e tutela, enquanto meu rastro, demarcado neste território como “unileira”, era visto como problemático pela maioria dessas instituições que circundam as infâncias.

A título de contextualização os dados institucionais apresentam a UNILA como um projeto de Universidade implementado durante a gestão do presidente Luís Inácio Lula da Silva, cuja missão institucional da UNILA é “formar recursos humanos aptos a contribuir com a integração latino-americana”. No imaginário da grande maioria das pessoas a UNILA era uma Universidade criada pelo Partido dos Trabalhadores (PT),

que abrigava estudantes estrangeiros que vinham “tomar” as vagas dos brasileiros e ainda eram assistidos com bolsa.

O clima de tensão entre a comunidade e unileires é marcado principalmente por racismo, xenofobia gerando convivência em ambientes que se apresentam com certa hostilidade onde somos constantemente discriminados. No ano de 2016 Getho Mondésir, acadêmico haitiano de Administração Pública e Políticas Públicas, foi agredido verbalmente e fisicamente no centro de Foz do Iguaçu. Configurada como racismo e xenofobia⁵.

Esse contexto de tensão política, entre uma crescente nova onda de práticas fascistas, de avanços das instalações neoliberais e imposição de um discurso único, centrado, racializador e ocidentalizado. Em grande medida, se refletiu no cotidiano desta pesquisa, tanto na maneira como eu era vista por uma parcela de pessoas vizinhas, que de certa forma participavam do cotidiano desta pesquisa observando as aproximações e encontros com as crianças - explicitamente se posicionavam com discursos em defesa do que chamavam de “uma nova política” e me consideravam “petralha”- quanto no modo em que se dirigiam às crianças, enquadrando-as como “arruaceiras”.

Entretanto, nossa presença foi rompendo os ruídos, silêncios e a normalidade, ao transgredir lógicas do entendimento da paisagem que compunha a região norte: da plantação de soja às margens da avenida que dá acesso ao campus da Universidade; ao morrinho da associação de Moradores; à Biblioteca Comunitária do Cidade Nova; à encruzilhada que traçava o acesso às comunidades, a subestação de energia de Furnas, aos bairros centrais da cidade, até o espaço que encontrei juntamente com as crianças para ocupar, no ano de 2018 e 2019.

Assim, realizamos atividades construídas de forma colaborativa com o recurso proveniente do Núcleo de Integração e Cultura da UNILA. Éramos invariavelmente itinerantes e com diversas maneiras de nos encontrar na rua, chegar, aproximar, convidar outras que quisessem fazer parte. Foi possível reunir um número bastante

⁵Para saber mais acesse: <https://racismoambiental.net.br/2016/05/19/nota-de-repudio-unila-repudia-ato-de-violencia-racial-contr-a-estudante-haitiano-em-foz-do-iguacu/>> Acesso em 10 nov 2021.

considerável de crianças em dias de eventos culturais, para a roda de leituras, piquenique, batalha de rima, oficina de grafite, brincadeiras, plantios e colheitas.

Transpunha as lógicas normativas, sobretudo porque em alguns momentos caminhávamos por certas ruas de concreto - onde a construção de kitinetes para estudantes da unila alavanca como um grande negócio - carregando enxadas, mudas, sementes, livros, tintas, rimas e batalhas, rumo a uma terra que plantamos horta e realizamos eventos. Com a terra entranhada na nossa pele e roupas, chamávamos atenção para histórias, escutas, partilhas, que conseqüentemente levava moradores e moradoras da comunidade (crianças e adultos) a se envolverem e se mobilizarem em torno do que esse espaço subjetivamente e materialmente viesse a significar.

Busquei tecer redes como uma moradora dessa comunidade, também tive a oportunidade de acompanhar mulheres de luta. Dona Dália e seus 17 netos e netas, com alegria e resistência, morando todos na casa do terreno que ocuparam nos anos 2000. Dona Elza e seu engajamento e lucidez na luta. Neuza, suas filhas e sua história de vida e plantação. Mara e sua trajetória de plantar para toda comunidade comer. As mães da Vila Andradina que em reuniões comunitárias convidaram a Universidade a construir um espaço para as crianças. As senhoras catadoras que paravam na horta comunitária agroflorestal e partilhavam suas histórias de luta diária. Elas estão aqui nas entrelinhas dessa narrativa, e merecem a visibilidade de terem participado no curso dessa trajetória de pesquisa.

Por outro lado, eu também tentava estabelecer diálogos entre a universidade, comunidades e o poder público ao mediar as demandas que se apresentavam no território, o que nem sempre era uma tarefa fácil, a universidade tinha sofrido exposições midiáticas que repercutiam em adversidade e desacolhimento. Desde o Golpe de 2016 que destituiu a presidenta Dilma Rousseff, as Universidades públicas brasileiras já vinham sofrendo ataques e grandes retrocessos. A UNILA, em especial, sofreu ataques diretos quando o Senador Alvaro Dias (PV-PR) acusou a universidade de ser um “elefante branco” e promover doutrinação ideológica. Posteriormente o deputado Sérgio Souza propôs uma emenda que alterava o projeto da Universidade da Integração Latinoamericana. O projeto previa mudanças das características e identidade que fundaram a UNILA, transformando-a em Universidade Federal do

Oeste do Paraná, com claros objetivos que buscavam beneficiar empresas ligadas ao agronegócio.

Consequentemente este cenário convidava à mobilização coletiva para ocuparmos as ruas e manifestar. No âmbito individual, eu sentia que carregava a responsabilidade de ser a primeira mulher negra de minha família a ter acesso a Universidade Pública, e deste direito conquistado surgiu uma forte pulsão de compromisso social. Elementos que refletiram em minhas escolhas, e por conseguinte, nos rumos desta pesquisa. Cada pisada por essa terra vermelha que demarcava uma fronteira, abria também rachaduras, e foi justamente no meio destas frestas que eu tentei semear utopias.

Certamente, o “de onde vim” passou a ser uma forma de demarcar minhas raízes no campo, na zona rural de Teófilo Otoni - Minas Gerais, onde criei relações com a terra e vivi minha infância em um território que também tinha várias sobreposições e relações resultantes das lutas por acesso à terra. Esse talvez seja o principal motivo de aproximação entre mim e as crianças, cujas histórias são atravessadas por trajetórias transgressoras, que se moveram pela fronteira em busca de chão, de brincadeiras na rua para se alegrar, de árvores para subir e colherem frutos, de rio para banhar, de cigarras na cantiga da boa vida, de passar tempo a observar formigueiros milimetricamente organizados, de abelhas fecundantes se lançando de flor em flor, de frestas para plantar, de piquete nas ruas para protestarem por calçadas, sinaleiro e campinho de futebol, rompendo assim com os silêncios.

Não esquecer de onde vim, foi elemento importante para escrever sobre histórias de nossas lutas coletivas. Porém, o processo de envolvimento⁶ e engajamento na investigação também carrega ambiguidades, pois em certa medida causa um peso do mundo no âmbito da experiência individual. Porque é preciso trilhar caminhos em constante prudência para não se acometer do erro de minimizar a narrativa a um relato essencializado ou reducionista, e ao mesmo tempo não se dispersar das vozes que ecoam comumente. No intento de resgatar o protagonismo

⁶ Antônio Nego Bispo (2015) nos lembra de usar o termo envolvimento com pesquisa ao invés de “desenvolvimento”, na qual seria uma forma positivista e Ocidental de fazer Ciência, isto é, a relação e dicotomia entre sujeito e objeto na forma de apreender o conhecimento, como algo linear e ahistórico.

de sujeitos que por muito tempo foram objetificados pela ciência ocidental. Foi necessário apurar meus sentidos para apreender a realidade por meio de sensações, de intuições, dos afetos, da espiritualidade e não apenas me basear no modo de fazer ciência fundamentada na observação e visão de mundo racional.

Neste emaranhado espiralar fui me envolvendo, buscando saídas e caminhos outros para continuar. Sentindo ser permeada por afetos, por discontinuidades e pausas, por silêncios e intensidades de ruídos. Lancei-me ao trabalho de campo de corpo presente, para olhar, escutar, sentir, tocar e me afetar pelas diferenças que alguns entre muitos *devires* produzem.

Em busca de outros sentidos para espaços físicos, territórios, políticas e subjetividades. Com o objetivo de construir conhecimentos a partir das vozes das crianças. “O que dizem as crianças?” Já interrogava G. Deleuze (1997). De um mapa a outro, como sugere F. Guattari, “de trajetos e devires de onde podem saltar indicadores de universos de referência suscetíveis de ganhar consistência para inverter uma situação” (GUATTARI apud DELEUZE, 1997, p. 75-76).

Neste sentido, tomo algumas perguntas e problemáticas de pesquisa: quais são as minhas escolhas ao refletir a categoria infância? Como e porque pesquisar com crianças? Poderia considerar as crianças como sujeitos de pesquisa? Como descrever os sujeitos de pesquisa? Afinal, como tratar a autoridade etnográfica? O olhar e ser olhada ou a linha divisória *adultidade*⁷-infância? Qual era meu lugar nesse território? Podem as crianças falar? E se falam, o que se pretende fazer com o que se escuta?

Seguindo esses mapas de questionamentos, a maioria dessas proposições talvez sigam em aberto, com a intenção primeira de não fixar em certezas temporárias ou conclusões duramente fechadas. Porém, elas servem para elaborar as reflexões sobre os termos em que a infância é pensada, bem como os termos em que as políticas das infâncias são construídas e pensadas, entre as fricções causadas pelas duras arestas que figuram “o eu” e “o outro” do fazer antropológico clássico.

⁷ Conceito de Renato Nogueira, a ser melhor explicado no capítulo 1.

No convite de bell hooks de buscar ser “intelectual comprometida com as lutas de nosso tempo”. Esse relato está organizado de acordo com as temporalidades de pesquisa e ações no território. Sendo que, no primeiro capítulo, trato do momento de encontro com uma das crianças no ano de 2016 e como transcorreram os intentos de aproximação etnográfica entre outras crianças do Jardim Universitário e demais Vilas. Abro a narrativa trazendo algumas questões teórico-metodológicas para tratar da categoria infância, recorrendo ao pensamento de Derrida (2002) para refletir sobre o olhar antropológico e a tentativa de descrever o “outro”. Focando este capítulo na importância de fazer breve recorrido pela Antropologia das Infâncias.

Já o segundo capítulo, intitulado “Experiências itinerantes no Território das Infâncias”, se refere às atividades e interações que aconteceram entre os anos de 2017 a 2019, quando ocupamos o espaço que passou ser chamado *Arapy*, para construção de uma horta comunitária e realização de eventos construídos colaborativamente. Trazendo reflexões sobre o conceito de experiência concebido por Larrosa (1998), descrevo sobre como a vivência no campo foi uma experiência transformadora. Narrando sobre as paisagens sobrepostas no território e como a presença das crianças possui, nas palavras de bell hooks (2013), um caráter potencialmente desobediente, marcado por resistência às formas de poder que configuram conceitos universalizantes, inclusive de ser criança.

Por fim, no terceiro capítulo discorro sobre como esses encontros podem ser pensados como confluências⁸ de saberes na comunidade, ao redefinir os sentidos físicos, subjetivos e políticos desses espaços a partir da tentativa de escuta das crianças. Entre 2020 e 2021 me debrucei no desafio de compor a escrita na tarefa (do impossível) de transpor para o papel a multiplicidade de experiências e questões profundas vivenciadas nessa relação com as crianças. Como contraponto à correria e ao produtivismo que vem tomando conta das universidades brasileiras, o trabalho de criação da escrita e do pensamento é um artesanato que se tece devagar, a partir de materiais levantados com registro audiovisual; entrevistas com representantes das comunidades e dos movimentos; anotações poéticas em caderno e interações com

⁸ Conceito de Nego Bispo. Buscar esses novos pluriversos de referência requer de nós, o exercício da crítica como prática de si, que nos torne capazes de abstinência da função colonizadora pela qual, historicamente, engendraram-se as disciplinas antropológicas.

grupos e coletivos das comunidades. Considero que integrar pesquisa, ensino e extensão tem caráter potencialmente transgressor, ao possibilitar a problematização e deslocamento dos lugares instituídos como produtores de saber.

Importante explicar que concordo com Renato Noguera (2019) ao acreditar que o relato nem sempre se encaixa na teoria. É preciso traçar linhas fora da curva e buscando uma forma de não submetê-lo a emoldurar em categorias definidas previamente, mas de estar aberta ao fortuito dos acontecimentos sem buscar nas crianças um padrão de inteligibilidade, mas na constante escuta ativa, da presença nos sentires, na desmedida de afetos, na corporeidade e movimentos itinerantes.

E assim, talvez experimentar uma forma de se permitir tocar, ainda que limitadamente, pelos acontecimentos. Dando preferência à leitura coletiva das tessituras e poéticas feitas com Mano Zeu; e ainda os cadernos rabiscados pelas crianças, as cartolinas desenhadas para planejar o espaço que ocupamos, além de registros audiovisuais feitos por mim e pelas crianças. Na tentativa de envolver os sujeitos participantes da pesquisa nos diferentes feitiços de “cadernos de campo”, que alimentam e nutrem nossas escrituras e saberes.

Fotografia 1 - Johnny, Sendo Moinho Gigante das Siembras do Quintal.



Fonte: Acervo pessoal da autora, tirada em 2017.

2. APRESENTAÇÃO GERAL: O OLHAR, O ENCONTRO, AS INFÂNCIAS, A ESCRITA

“Frequentemente me pergunto, para ver, quem sou eu – e quem sou eu no momento em que, surpreendido nu, em silêncio, pelo olhar de um animal, por exemplo os olhos de um gato, tenho dificuldade, sim, dificuldade de vencer um incômodo”. (DERRIDA, 2002a, p.15)

“E a partir desse estar-aí-diante-de-mim, ele pode se deixar olhar, sem dúvida, mas também, a filosofia, talvez o esqueça, ela seria mesmo esse esquecimento calculado, ele pode, ele olhar-me. Ele tem seu ponto de vista sobre mim. O ponto de vista do outro absoluto, e nada me terá feito pensar tanto sobre essa alteridade absoluta do vizinho ou do próximo quanto os momentos em que eu me vejo visto nu sob o olhar de um gato”. (DERRIDA, 2002, p.28)

Era o ano de 2016 quando aconteceu meu primeiro encontro com as crianças que, mais tarde, se tornaram sujeitos de minha pesquisa. O primeiro contato se estabeleceu quando um menino me olhava e, através desse olhar, pude reconhecer que no jogo das relações de poder e resistência, as crianças têm pontos de vista sobre mim, e isso me leva a repensar os modos de se fazer pesquisa antropológica. No instante em que sou olhada meus referenciais mudam completamente, através do encontro inevitável com a alteridade. Este menino me olhava pela fresta do portão de minha casa, enquanto eu preparava uma terra para plantar hortaliças. Certamente o plantar também passou a ser um código dessa pesquisa.

Um menino me fixou o olhar, se aproximou, começou um diálogo oferecendo trabalho em troca de qualquer quantia em dinheiro e disse que seu nome era Johnny, tinha 13 anos, morava na primeira rua do bairro. Estava buscando algum serviço e o dinheiro seria usado para ir ao Cinema com a turma do quinto ano do Colégio Estadual Ipê Roxo, na grande expectativa de assistir ao filme com óculos 3D. Embora eu tivesse dito que daria os R\$8,00 reais, mas que não precisaria trabalhar, pois ele

deveria estar fazendo “coisas de criança”, ele insistia: “você está por fora de mim, eu já sou acostumado a trabalhar na casa de altas pessoas, hoje mesmo já rastelei o quintal pra tiazinha da rua de baixo!” Então eu encarei o rosto daquela criança, tal como ela se colocava e me olhava: “está por fora dos meus corres, tia! Eu cato latinha, ferro para reciclagem, vendo milho, cato folhinhas de meloquias⁹ para os árabes!”

Tal qual enuncia as citações de abertura deste capítulo, onde Derrida se encontra com o seu gato, estávamos frente a frente, o menino e eu. Muros e portões nos separavam, o dentro e o fora de uma vizinhança. Situação que me convidava a olhar mais profundamente e reconhecer o quanto eu tinha uma visão limitante sobre o que significava “ser criança” ou “fazer coisas de criança” nesta fronteira. A intuição me levava a encarar as diferenças que permeiam as experiências da infância das crianças vizinhas. O menino foi se personificando como Jhonny, me olhava e contatava que eu era alguém que estava “por fora de mim” e por mais que ele pudesse me dizer sobre si, eu estava usando minhas próprias lentes que diziam muito mais sobre mim mesma. Por isso, desde o início, me pergunto quem sou nesta relação de pesquisa.

Nos dias seguintes fui apresentada aos irmãos, irmãs e primas de Jhonny, eu já tinha cruzado algumas vezes e percebido que eles viviam brincando pelas ruas do Jardim Universitário: subindo em árvores, colhendo araticum, goiabas, jamelão, seriguelas, guaviroba e amora. Desta vez, Jhonny disse que eu era a “Tia da horta no quintal” e, pra aliviar minha curiosidade, cada uma delas foram me dizendo o nome e a idade: Fred 14 anos, José 12 anos, Nathalia 8 anos, Carolina 7 anos, Emily 5 anos, Brayan 3 anos, Cristiano 2 anos, Fernando - que não sabia falar- me contaram que tinha 1 ano. Minha hipótese um tanto simplista, era de que a turminha caminhava quase sempre junta para passar as tardes negociando a vida, enquanto um e outro

⁹ (Mulukhie, popularmente conhecida como mororreia, melóqueia, melouqueie, juta azul, caruru da Bahia, satar, melokhia, malukhya, molokhia, mulikhiyah, arabs mallow, espinafre do Egito, quiabo do mato ou malukhya (Corchorus olitorius) é uma planta alimentícia anual nativa dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, e da Índia). Muito comum na cozinha do Oriente Médio e Egito, da família Malvaceae, a mesma do quiabo e hibisco, uma pequena produtora rural plantava vários canteiros em um terreno em frente a UNILA e ela dizia que vendia à quilos para os árabes. Algumas crianças trabalhavam na colheita.

dos mais velhos se alternavam em algum serviço pela vizinhança em troca de uns trocados.

De acordo com o que me disseram, Jhonny, Fred e José nasceram no Paraguai, onde trabalhavam com a família em plantações de algodão. O restante das irmãs, dos irmãos, primas e primos nasceram no Brasil e a mãe já trabalhou com reciclagem e em hortas na região do Jardim Universitário. Quando eu perguntei de onde eles eram, Fred respondeu: “No soy de aqui, e também não soy de allá”. Os outros já não falavam espanhol e nem guarani, que era a língua articulada na comunidade em que moravam do outro lado da fronteira. José me disse: “Tia é engraçado, mas quando eu sonho eu falo em paraguay, acordado eu não sei mais falar, mas sonhando eu sei!” Eu disse que achava interessante falar em Guarani e que estava tentando fazer algumas aulas na Universidade. “Pra quê aula tia?! Tem aquele menino e aquela menina paraguainhos que recém estão morando ali no terreno da rua de cima, vamos lá na casa deles!! A tia pode dar algum dinheiro pra eles te ensinarem”.

E ali passamos algumas tardes no pé de jabuticabas da casa das crianças que sabiam falar em guarani e elas achavam muito engraçadas minhas tentativas de pronúncia. Todos os dias variamos os interesses: subir em pés de frutas, colheitas de milho, plantio no quintal, banhos de rio. Fui me enredando na relação de vizinhança e aos poucos fui configurando a pesquisa ao propor às crianças que fizéssemos entrevistas e registros. Elas também ficaram curiosas e se embrenharam na novidade do mundo que era o meu quintal. Lá fora, na rua, eu aprendia e movia serelepe lembrando da minha infância entre peripécias da roça em Minas Gerais, essas habilidades causavam aproximações e, sobretudo, disposição para o encontro.

Buscando compreender sobre quais dispositivos operam as infâncias neste contexto de fronteira, eu refletia: Como as crianças migrantes acessam as escolas e os serviços de saúde? Elas são reconhecidas pelas políticas públicas? Essas eram algumas das muitas inquietações que me desafiavam. Constatei que a região do Cidade Nova tinha apenas uma creche CEMEI, uma escola de nível Fundamental (Jorge Amado) e um colégio do Ensino Médio (Ipê Roxo).

Como o número de vagas geralmente é insuficiente, primeiramente se preenche com as crianças que moram mais perto das escolas. Outras escolas da região aceitam matricular as crianças restantes e um ônibus escolar da prefeitura faz o itinerário das principais ruas que dão acesso ao Jardim Almada e a algumas ruas do Cidade Nova, e assim elas são conduzidas para o Colégio Estadual Paulo Freire, situado na Vila C. As crianças da Andradina precisam cruzar o asfalto - onde já aconteceram vários atropelamentos - e esperar o ônibus na rua Vila Nova Andradina. O acesso às escolas e serviços de saúde vai se tornando mais difícil e distante na condição de migrantes, pois não possuir comprovante de endereço é o mesmo que não existir, é ser olhado, mas ser invisível.

Quando de fato as infâncias se tornaram meu tema, para mim se apresentou como problemática, tanto o fato das crianças serem invisibilizadas como sujeitos em pesquisa na área das Ciências Sociais, quanto pela infância ser abordada desde uma perspectiva universalizante e ocidentalizada. Além disso, normalmente, as crianças aparecem nas pesquisas como meros objetos. Principalmente os estudos sobre infâncias negras e indígenas, são pensados a partir da ideia da falta e tendem a enfatizar muito mais as faltas, os problemas, as mazelas, precariedades, vulnerabilidades, fracasso escolar, dados de exclusão social, privações e insuficiências de diversos tipos relacionadas principalmente às crianças negras ou indígenas.

Atentei-me a sentir e me permitir ser tocada pelos pluriversos daquelas crianças. Reconhecendo que elas tinham seus pontos de vista a me influenciar, a friccionar o modo de fazer antropológico. Compassada com bell hooks ao considerar como sujeito aquele que pode definir a sua própria realidade, suas história e identidade, enquanto o objeto é aquele que é definido pelo outro, que tem seus aspectos definidos a partir da sua relação com o sujeito. A “passagem de objeto a sujeito é o que marca a escrita como ato político”, diz Grada Kilomba (2008, p.28). O que sem dúvidas é uma problemática de nosso tempo, pois as crianças são estabelecidas como o outro do adulto.

Assim, também retomando as epígrafes que abrem este capítulo, ao utilizar o discurso da ética animal, Derrida situa a problemática que fundamenta a moral do

pensamento ocidental, que determina o que é o conhecimento, e o que seria pessoa, e portanto, sujeito. Considera que qualquer Outro é qualquer radicalmente Outro, não havendo a possibilidade de conhecer o Outro que me olha, "O animal nos olha, e estamos nus diante dele" (DERRIDA, 2002, p.57). O encontro de Derrida com o olhar de seu gato gerou inquietação e incômodo, e ele parte deste acontecimento para elaborar a seguinte premissa: o que é observado, não é mais um mero objeto da visão, mas um sujeito da visão, a origem do olhar, no qual os humanos são objetos.

O encontro com seu gato desafia a fantasia de um conhecimento objetivo daquilo que é chamado de natureza. A experiência de se sentir olhado faz com que o gato se torne sujeito e propicia a Derrida experimentar "o limite abissal do humano". Afinal, ele está nu, "nu como um animal", já que ser olhado ressalta a existência de um corpo, significando retornar a sua animalidade. A animalidade da qual "o homem" sempre buscou se distinguir. Ao ser olhado por seu gato, Derrida desconstrói a mais dominante das diferenciações utilizadas para designar a linha divisória entre humanos e animais: a linguagem.

Pensadores ocidentais não concebiam a ideia de se perceberem sendo vistos pelo animal, e que essa foi uma imensa negação, "cuja lógica atravessa toda a história da humanidade." (DERRIDA, 2002, p.33). Isto explica que foi negado aos animais o olhar que fala, ou seja, a eles foi negado o direito da linguagem, "ou mais precisamente, de resposta, de uma resposta a distinguir precisa e rigorosamente da reação: do direito e do poder de responder." (DERRIDA, 2002, p.62). Na inexistência e ausência da capacidade de responder - dentre outras coisas que seriam o próprio do "homem"- foi estabelecida a fronteira, uma única fronteira entre o homem e o animal: a linguagem.

Essa narrativa também é uma reivindicação das crianças como sujeitos de pesquisa. Portanto, é possível traçar semelhanças ao pensar na maneira que as crianças são estabelecidas como "o outro do adulto", e por não serem inseridas na linguagem. O próprio significado de infante como sem fala, significa também que é visto mas não tem voz. A identificação entre grupos de pessoas oprimidas e animais não pode ser vista como um mero acidente na história, mas sim, como uma questão substancialmente ligada aos conceitos ocidentais de homem, humano e animal

(OLIVER, 2010). O assujeitamento do outro animal e o assujeitamento do outro humano se assentam nas mesmas bases. Assim, reconsiderar o conceito de animalidade não diz respeito somente à ética animal, mas à ética com qualquer e todo outro. Essa é uma caminhada longa rumo a profundas mudanças em relação ao modo como nos relacionamos com o mundo e coexistimos como humanidade e com outros seres.

2.1 OLHARES ANTROPOLÓGICOS SOBRE AS CRIANÇAS

No intento de traçar um recorrido sobre os marcos antropológicos fazendo menção a pesquisa, como estado de arte¹⁰, desenvolvida por Adriana Friedmann: História do percurso da sociologia e da antropologia na área da infância¹¹ (2011), apontando que as primeiras referências às crianças no campo da antropologia surgiram no final do século XIX, entre os evolucionistas Tylor (1871) e Spencer (1882). Esses estudos buscavam estabelecer padrões para os estágios de desenvolvimento da espécie humana, e este discurso atravessou aproximadamente cem anos e migrou para a pedagogia, psicologia, assistência social, medicina e direito.

As referências trazidas remetem a Margaret Mead como a primeira a romper com esses pressupostos na antropologia, quando no final da década de 1920 trouxe as crianças para o centro do debate, alertando para a influência da cultura em seus processos de crescimento, contrapondo-se às teorias que explicavam o comportamento infantil como algo biologicamente determinado.

Mead (1971) recolheu e formatou o maior número de dados etnográficos sistemáticos que existem sobre as crianças em sociedades ocidentais (3200 desenhos infantis), enfatizando a importância de conhecer suas vidas. A autora

¹⁰ O estado da arte é, de forma geral, um mapeamento de toda a produção acadêmica sobre um assunto específico. Trago com a finalidade de pensar como os conceitos e categorias são criadas e para contextualizar as abordagens.

¹¹ O trabalho de Adriana Friedmann é importante para situar o leitor a respeito da história dos estudos, teorias e autores relevantes na área de Ciências Sociais – Sociologia e Antropologia – no âmbito da Infância. E assim perceber como eram construídas as narrativas dos clássicos sobre a categoria infância.

defendia, por exemplo, que as crianças não nascem balinesas, mas tornam-se balinesas por meio de um processo educacional que está imerso na cultura e emergindo dela, não dependendo exclusivamente das etapas de crescimento biológicas do indivíduo.

Na década de 70, ela expôs o desinteresse da antropologia por assuntos da infância, ao tratar das potencialidades das atividades lúdicas infantis e das lacunas existentes nessa área, concordando com as ideias de Philippe Ariès de que “as crianças são consideradas seres incompletos” (ARIÈS, 1970). Ela foi influenciada por Franz Boas e por Ruth Benedict, ao utilizar métodos de pesquisa específicos da antropologia - a observação contínua e a participação dos cotidianos das crianças - no lugar de testes, observações isoladas ou a elaboração de estatísticas. Vale lembrar que, além disso, ela inovou a metodologia fazendo o uso de fotografias.

Em meados do século XX, o antropólogo Edward Evans-Pritchard, em seu estudo dos Nuer (1978), mostrou que as crianças são potenciais reveladoras de algo que deveriam investigar. Contudo, na visão clássica, as crianças continuavam a ocupar um lugar secundário e passivo de análise para mostrar outros temas mais relevantes. Somente a partir da década de 70 a antropóloga inglesa Charlotte Hardman, em seu artigo *Can there be an anthropology of children?* (2001), tenta, pela primeira vez, sistematizar as tendências e contribuições existentes na área até então. Ela começou citando a obra de Iona e Peter Opie: *Children's games in street and playground* (1984), em que os autores mostraram que as tradições infantis circulam de uma criança para outra, fora da influência do ciclo familiar. O que talvez fosse uma lacuna no estudo das crianças em seu direito de expressarem sentimentos e idéias, eles acreditavam que os adultos não sabiam nada sobre as crianças que, de uma geração a outra, essa cultura da consciência de si continua a não ser notada.

Por outro lado, os escritores evolucionistas das primeiras décadas do século XX, consideravam o comportamento, o pensamento e as crenças de crianças como suportes necessários para estabelecer estágios de desenvolvimento. Charlotte Hardman (2001) constituiu uma abordagem das crianças como pessoas a serem estudadas em seus próprios direitos: ela procurou descobrir se há, na infância, um mundo autônomo auto regulado que não reflete necessariamente o desenvolvimento

infantil da cultura adulta. Afirmava que embora as crianças se sobreponham, por exemplo, imitando ou incluindo os pontos de vistas, valores, símbolos, crenças e tradições orais, teria que haver uma dimensão exclusiva para elas.

Posteriormente Claude Lévi-Strauss contribuiu com a ideia da criança universal, a da natureza: o pensamento infantil providencia os recursos das estruturas mentais esquemas de socialização para todas as culturas que, por sua vez, utilizam alguns elementos para seus modos particulares. O autor assemelhou o pensamento da criança ao que chamava de “pensamento primitivo” em sua obra. Charlotte Hardman (2001) relacionou Lévi-Strauss e Piaget analisando que poderiam existir alguns aspectos do pensamento mítico próximos ao pensamento da criança, como mentalidade simbólica. A autora conclui que elas têm um mundo autônomo, independente, em certa medida, do mundo dos adultos, e que pensamento e comportamento social delas não seria de todo incompreensível para os adultos.

Somente na década de 1980, com a abordagem socioantropológica - representada por pensadores como William Corsaro (1997), Manuel Jacinto Sarmiento (2008), Régine Sirota (1994), Jens Qvortrup (1994), Clarice Cohn (2005) Ângela Nunes (2002), entre outros , que voltaram à tona significações que as crianças atribuem aos diversos componentes de seus estilos de vida, levando em conta a diversidade de comportamentos, representações e contextos de natureza múltiplas. As ciências sociais começam a formular pensamentos sobre os grupos infantis, considerando as crianças como atores sociais que têm voz, linguagens, como criadoras de culturas, que têm direitos e que precisam ser ouvidas e (re)conhecidas. O antropólogo norte-americano Lawrence Hirschfeld (2002) apontou que o pressuposto da antropologia dos processos realizados pelas crianças, melhor do que quaisquer outros, é o da aquisição cultural de conhecimento: as crianças formam subculturas semiautônomas.

Florestan Fernandes também tem uma obra de referência sobre estudos relacionados à infância: “As ‘trocinhas’ do Bom Retiro” (2004); que defendia o registro dos elementos constitutivos das culturas infantis, com base em observações de grupos de crianças dos bairros operários de São Paulo que brincavam na rua. Ele entendia a criança como participante da vida social: observou, registrou e analisou

como se dava seu processo de socialização e como constituíam as culturas “infantis”. Com base nos estudos dos folguedos infantis, o autor afirmou que os grupos apresentavam-se como grupos de iniciação à vida adulta.

Roger Bastide (2004) prefaciou a relevante obra de Florestan Fernandes, enfatizando a dificuldade de comunicação entre o mundo dos adultos e das crianças. Ele defendia a multiplicação das pesquisas nessa área e afirmava que “Para estudar a criança é preciso tornar-se criança” (BASTIDE, 2004, p. 195), não adianta só observá-la, “é preciso penetrar além do círculo mágico que dela nos separa, em suas preocupações, suas paixões, é preciso viver o brinquedo” (BASTIDE, 2004, p.195). Como principais referências na área da antropologia da infância no Brasil temos: Aracy Lopes da Silva (2002) , Ângela Nunes (2003) e Clarice Cohn (2005).

Aracy Lopes da Silva desenvolveu pesquisa com as crianças indígenas e propôs a criação de uma antropologia da criança ou da infância para explicar uma dimensão da realidade social a partir de pesquisas etnológicas: “que se escute o que ela tem a dizer, que se veja o que ela faz, que seja sensível ao que ela sente, que se acolha o que ela expressa” (LOPES DA SILVA et al., 2002, p. 240). A antropóloga Angela Nunes (2003) apontou o trajeto da antropologia da infância brasileira na sua tese de doutorado "Brincando de ser Criança": contribuições da etnologia indígena brasileira à antropologia da infância.

A antropóloga Clarice Cohn (2005) contribuiu com as suas reflexões teóricas, apontando possíveis diálogos das pesquisas antropológicas com a psicanálise, a psicologia, a pedagogia e as ciências da educação. A autora apresentou alguns exemplos que corroboram a ideia de que “há na infância um processo de produção e reprodução cultural” (2005, p. 19-20). A partir da revisão de alguns conceitos chave da antropologia, suas provocações possibilitam ver a criança de uma forma totalmente nova: exercendo um papel ativo na definição de sua própria condição.

Outro ponto importante abordado por Cohn é considerar a “antropologia da criança” e não “antropologia da infância”, compreendendo essa última como um modo particular, não universal, de pensar a infância. Sob essa ótica em cada sociedade, a ideia de infância é definida de forma diferente, e uma antropologia da criança deve ser

capaz de apreender essas diferenças. As vivências das crianças são diferentes em cada lugar e, portanto, devem ser compreendidas em cada contexto sociocultural. A antropologia da criança dialoga com as análises do desenvolvimento cognitivo e quer saber a partir de que sistema simbólico as crianças elaboram sentidos e significados. Como afirma Clarice Cohn (2005, p.50) “quanto mais óbvio parecer o que se vê e ouve, mais se deve desconfiar é procurar desatar as tramas”.

A antropóloga Adriana Friedmann (2015) também elaborou uma gama de estudos para analisar as crianças, suas condições de vida e a diversidade de seus ambientes ecológicos, culturais, educacionais e sociais em que crescem. Ela dá os primeiros passos para reconhecer as crianças como atores sociais, proporcionando espaços de expressão para que vivam plenamente suas infâncias a partir de suas expressões. Também criou e coordena o Mapa da Infância Brasileira¹². E objetivando o desenvolvimento de processos e desenhos de caminhos e possibilidades de escuta e o reconhecimento do repertório e saberes das crianças. O que leva ao desafio de uma urgente e necessária mudança de postura por parte dos adultos: educadores, gestores, cuidadores, estudiosos e pesquisadores. “Mudança ética e metodológica a partir da qual os adultos se tornam, em certas situações, aprendizes e ouvintes, e que provoquem verdadeiro respeito pelas crianças” (FRIEDMANN, 2007, contracapa¹³).

A partir desse recorrido é importante pontuar que também houve uma disputa dentro do campo, não somente metodológicos, mas teóricos. É posto em debate se podemos dizer infância no singular ou infâncias plurais. Pensar a infância no singular é conceber que em toda sociedade contemporânea há um estrutura de infância dentro do arcabouço social, e o que muda são as diferentes crianças de um determinado momento histórico, e isto iria compor identidade social da infância. Essa concepção de Sociologia da Infância está inserida dentro da abordagem estruturalista, e serve às pesquisas qualitativas e quantitativas. Já a concepção de infâncias no plural, que considera que o tempo social habita várias infâncias, geralmente são as pesquisas que fazem o enfrentamento de realizar com as crianças.

¹² Mapa da Infância Brasileira (MIB) foi criada como uma comunidade colaborativa de aprendizado que reúne diferentes atores na área da infância..

¹³ Citação transcrita da contracapa do livro. Fonte: Friedmann, Adriana. A vez e a voz das crianças: escutas Antropológicas e Poéticas das Infâncias. São Paulo: Panda Books, 2020.

Essa é uma pesquisa das respostas não esperadas, que provoca a ampliar o repertório metodológico, me convida a experimentar e, ao mesmo tempo, a ter demasiado cuidado metodológico e analítico. Portanto, a questão consensual é muito complexa, primeiramente porque as crianças não assinam, não autorizam a pesquisa e muitas vezes realmente não estão interessadas em “serem pesquisadas”, como respondeu o menino que abordei: “ser antropóloga é coisa de gente curiosa”. E mesmo quando querem participar, as crianças simplesmente falam com a verdade que lhes é própria. Tendo em vista essas considerações, me apresento aos desafios éticos em busca de criatividade e encantamento para pesquisar com crianças.

2.2 OLHAR E SER OLHADA OU A LINHA DIVISÓRIA ADULTIDADE E A INFÂNCIA

Sou uma adulta que olha para essas infâncias. Uma adulta que se propõe a acompanhar essas crianças em alguns acontecimentos cotidianos. Não porque tenha escolhido ser uma adulta atípica¹⁴, nas palavras de William Corsaro (2005), afirma que é necessário abrir mão da autoridade do saber, buscar enxergar a partir do ponto de vista e interesses das crianças. Mas porque subir em árvores, partilhar frutos, caçar rios e açudes para banhar, contar histórias e estar com a avó ao pé do fogão à lenha são ações que fazem parte de um modo de vida que carrego comigo na memória e desejos. Sou uma adulta que acolhe as memórias de minha infância. Ainda que esse viver na fronteira me faça sentir fragmentada nesta cidade de concreto e terra vermelha, onde a paisagem é, majoritariamente, feita de soja, por outro lado ainda há aqui rios com alguns cílios de árvores, ruas com árvores frutíferas e quintais com cheiro de temperos, hortaliças e ervas frescas.

Sou uma adulta! E essa categoria, posta como antagônica à Infância, sem dúvidas é uma relação de poder na pesquisa. A saída talvez seja procurar não partir de um ponto de vista sobre as crianças enquanto objetos, e as considerar como sujeitos de

¹⁴ Willian Corsaro formulou o termo “adulto atípico” para se referir a sua posição enquanto pesquisador. Para investigar o que as crianças faziam enquanto brincavam, ele percebeu que seria necessário se desprender da postura e comportamentos típicos de um adulto. Sendo assim, passou a interagir com as crianças de forma mais igualitária e foi visto por elas como imaturo em relação aos adultos e sem a autoridade adulta.

pesquisa. Elas também têm olhares sobre mim e sentidos de mundo que constantemente me convidam a partilhar, por isso, pesquisar com as crianças é ir experimentando essa combinação de sentidos: olhar, tocar, provar com o paladar, cheirar tudo que há no entorno, subir em árvores tateando por aventuras infindáveis, escutar as águas dos rios em que nos banhamos juntos, etc. Este foi um modo de alastrar-nos no território.

Nas encruzilhadas do Afroperspectivismo, Renato Nogueira¹⁵ (2019) elabora o conceito de infância como filosófico-espiritual, baseado em sentidos de mundo afro-perspectivistas ou cosmosentidos. Para isso, recorre às contribuições da antropóloga nigeriana Oyeronke Oyewumi (2017) e do mestre quilombola Antônio Bispo dos Santos (2015), através dos quais é possível construir sentidos de mundo para o conceito de infância, que ao final também encontra muitos elementos comuns com autores e autoras ocidentais.

Citando Oyewumi ao afirmar que as bases do pensamento ocidental está fundamentada em epistemologias que se erguem sobre visões de mundo:

“O termo ‘visão de mundo’ que se usa no ocidente para sintetizar a lógica cultural de uma sociedade, expressa adequadamente a prerrogativa ocidental da dimensão visual. Mas, teríamos um resultado eurocêntrico se utilizássemos essa expressão para nos referirmos a culturas que provavelmente dão prioridade para outros sentidos. A qualificação ‘sentido de mundo’ é uma alternativa de maior abertura para descobrir a concepção do mundo de diferentes grupos culturais. Por outro lado, neste estudo ‘visão de mundo’ se aplicará exclusivamente a descrição do sentido cultural ocidental e usaremos ‘sentido de mundo’ em referência à sociedade iorubá e outras culturas que podem privilegiar outros sentidos ou inclusive uma combinação deles (OYEWUMI, 2017, p. 39).

Ela retoma essa referência à sociedade iorubá a fim de ampliar os sentidos que permeiam a experiência de se relacionar com o conhecimento. Este posicionamento me ajuda a sustentar que a minha relação de pesquisa é transpassada por afetos e a abertura genuína aos sentidos. Assumir que a forma de conhecer desde o ocidente é calcada no olhar, ajuda a compreender como a relação com a alteridade é baseada no mito de apreender o outro, onde as diferenças são sempre classificadas em função

¹⁵ Renato Nogueira é coordenador do Grupo de Pesquisa Afro Perspectivas, Saberes e Infâncias (Afrosin).

de um modelo que estabelece a existência de *outros* diante de um *eu* como parâmetro de mundo.

Portanto, as visões de mundo sempre trazem o incômodo da divisão e de inventar outros: “Mulheres, primitivos, judeus, africanos, pobres e toda pessoa qualificada com a etiqueta ‘diferente’, em diversas épocas são considerados grupos dominados pelo “instinto e afetividade, alheios à razão” (OYEWUMI, 2017, p. 40). As classificações da outridade se consolidaram nas culturas que se fundamentam em visões de mundo, onde o objeto de pesquisa: “(...) sempre se mantém à vista e na vista. E por definição nos convida a olhá-lo fixamente, a contemplar a diferença, convocando a um olhar de diferenciação” (OYEWUMI, 2017, p. 39). Neste sentido, a infância surgiu como um *outro* do adulto, assim como o negro foi estabelecido como outro do branco. O ocidente criou fábulas que concebem a África como a infância da humanidade. Colocando em um mesmo patamar de desumanização que sustentam os alicerces comuns do racismo.

Segundo Manuel Jacinto Sarmiento (2007), é por meio da categoria de infância que conseguimos identificar elementos comuns que distinguem crianças de adultos e fatores que expressam uma condição geracional comum. A infância como categoria é “[...] relativamente independente dos sujeitos empíricos que a integram, dado que ocupa uma posição estrutural” (Sarmiento, 2008, p. 7). Temos, portanto, elementos das culturas infantis que aproximam todas as crianças independentemente de raça, classe social, gênero e cultura, mas, ao mesmo tempo, a categoria infância opera por meio de intersecções.

No texto “Infâncias Diante do Racismo: Teses para um bom Combate”, Renato Noguera (2019) em uma passagem explica que o projeto de colonização europeia operou por meio de fabulações que fizeram miscelâneas estapafúrdias, dentre as quais a filogênese da humanidade tem início em África. Para isso, partem da tese mais aceita de que os primeiros seres humanos surgiram no continente africano, justificando, assim, que a “infância filogenética” como sendo um sinônimo para gente negra. O cerne dessa questão é fundamentada por diversos expoentes intelectuais do século XIX, responsáveis por introjetar os seus discursos científicos: “[...] mitos destinados a fundamentar o seu poder, o hemisfério ocidental considerava-se o centro

do globo, o país natal da razão, da vida universal e da verdade da humanidade” (MBEMBE, 2018, p. 29).

O hemisfério norte se coloca como a fase adulta da humanidade. E a partir deste pensamento, é moldada a visão de mundo que passa a organizar as relações geopolíticas, os povos negros representariam essa infância de toda a humanidade, e o sujeito branco, o adulto-salvador. Assim Noguera (2019) elaborou o conceito de adultidade para explicar como essa categoria que é tida como oposta à infância funciona dentro do arcabouço da opressão racial. É preciso considerar que:

A produção da infância é inseparável da produção da raça. É inseparável da produção do gênero, da orientação sexual, é inseparável da racialização, sexualização de nossa história. Os processos de produção da infância levam aos processos mais radicais de nossa produção como sociedade, como história. (ARROYO, 2018, p.44).

Portanto, falar de infância também é falar das relações etnico-raciais. Assim, acompanho o pensamento de Renato Noguera quando diz que: Se o conceito faz a infância funcionar como uma condição de experiência vivente, algo que está para além das fases biopsíquicas (noção) e que não pode ser visto apenas como uma construção social e histórica (categoria analítica), é possível utilizá-lo, numa equação complexa, como uma tática combativa para enfrentamento do racismo que organiza estruturalmente o nosso mundo. Partindo da hipótese: "a força mais poderosa contra o racismo permanece sendo a infância" (NOGUERA, 2019, p.6).

2.3 UM OLHAR SOBRE AS POLÍTICAS DA INFÂNCIA NO BRASIL

O ocidente criou a ficção universalizante de infância, e reifica a ideia de “ser criança” como práticas historicamente e culturalmente muito bem situadas: ser criança é ir para escola, é brincar, é não precisar trabalhar. Além disso, a Infância moderna, figurada como inocente, frágil, imatura e dependente, impulsionou as práticas de proteção e controle, por parte da família e do Estado. Dessa forma, a relação de tutela e dependência a que foi submetida tornou-se um índice do percurso civilizatório

universal a ser gloriosamente realizada no adulto, branco, independente, individualizado, senhor da vontade e da razão.

Renato Nogueira (2019) diz que, para a abordagem afro-perspectivista, a infância pode ser atribuída tanto com conceitos, como com noções e categorias analíticas. Logo a noção de infância tem relação com os aspectos jurídicos, psicológicos, biológicos, enfermagem pediátrica e médico-pediátricos; comumente essas áreas trabalham baseadas na definição de que a infância é uma fase da vida. Pelo olhar jurídico temos no Brasil a Lei 8069/1990 que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em seu Artigo 2º estabelece que infância é a fase da vida compreendida entre 0 a 12 anos incompletos (BRASIL, 2017, p. 10). A partir da psicologia, temos a Associação Brasileira de Psicologia do Desenvolvimento (ABPD)¹⁶ que concebem a recorrente perspectiva de que a infância é uma fase dividida em três etapas: a primeira é a do nascimento até os 3 anos, a segunda de 3 a 6 anos, e, por fim, de 6 a 11 anos. Do ponto de vista da medicina, a Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) trabalha com as fases de 1 a 18 meses, 18 meses a 3 anos, 3 a 4 ou 5 anos, 5 a 9 anos e de 10 a 13 anos. Por fim, a enfermagem pediátrica estabelece a divisão em três períodos: neonatal de 0 a 28 dias, lactente de 29 dias a 2 anos, pré-escolar de 2 a 7 anos e escolar de 7 a 10 anos de idade. Apesar das diferenças entre os períodos, o que todas essas áreas têm em comum é olhar e classificar a infância como uma etapa da vida, onde a definição de ser criança aparece como sinônimo da infância.

O conceito de infância se diferencia tanto destas noções que se apoia numa dimensão natural e biologizante. Deslocando o sentido biopsíquico para uma dimensão histórico-cultural. Enquanto categoria analítica, Infância não corresponde a uma fase transitiva, mas sim a uma categoria permanente (QVORTRUP, 2011). Então torna-se necessário diferenciar as categorias criança e infância e considerar essas categorias como condição historicamente construídas por práticas institucionais. “A infância é a condição social que unifica as crianças de um grupo etário e as coloca em

¹⁶ Formada por profissionais que fomentam e trocam informações sobre pesquisas e estudos na área de desenvolvimento humano.

experiências comuns, uma vez fazendo parte da mesma experiência histórica e cultural” (ARENHART, 2016, p.2011).

A infância que o ocidente criou responde a uma certa disposição de lugares. Desse modo, o lugar que é atribuído a esse "Outro" que é diferente de mim, mas que traz no seu corpo circunscrito o que comumente chamamos de "nosso futuro", é uma construção também política que perpassa relações de poder em seus aspectos simbólicos, culturais e lugares sociais como raça, classe e gênero. Portanto, a maneira como as crianças são vistas serve para analisar como são pensadas e construídas as políticas das infâncias.

Para exemplificar como essas práticas e discursos são vigentes relembro que no ano de 2016 foi oficialmente lançado o programa Criança Feliz¹⁷, decretado pelo presidente interino Michel Temer¹⁸, o qual a primeira dama Marcela Temer assumiu como embaixadora voluntária. No discurso oficial¹⁹ ela enfatizou que: quem ajuda os outros muda histórias de vida e que se sentia feliz em poder colaborar com as causas sociais do nosso país. Além de considerar que cada brasileiro e cada brasileira importa para o desenvolvimento do Brasil.

Em primeiro lugar, caberia uma pergunta: uma política de Estado ajuda pessoas ou garante direitos? As causas sociais devem ser tratadas com políticas sociais ou filantropia? Outros trechos do pronunciamento vão dizer que certas crianças precisam de ajuda para ter um desenvolvimento mais adequado. O que está

¹⁷ O Programa Criança Feliz foi lançado em Outubro de 2016 pelo então ministro do Desenvolvimento Social e Agrário, Osmar Terra, que tomou posse após o Golpe de 2016. da seguinte forma: "O programa Criança Feliz serve para que essas crianças, principalmente das famílias mais carentes, tenham um acompanhamento adequado, conseguindo se desenvolver e criar boas raízes. Pois muitas vezes, como o pai e a mãe tem que trabalhar fora, essas crianças ficam sem uma orientação adequada. Assim o programa surge para preencher este vácuo. O qual tem uma importância enorme para o desenvolvimento dessas famílias. Tudo isso é importante para garantir que essas crianças tenham um crescimento mais adequado, fazendo com que o desenvolvimento infantil seja de melhor qualidade. Será possível acompanhar e orientar melhor as famílias para que possuam um desenvolvimento humano mais acelerado. Esse programa serve como um amparo para as próprias famílias que não sabem o que fazer para garantir uma educação melhor para os seus filhos e um desenvolvimento adequado. Isso é fundamental para garantir com que o país se desenvolva com mais qualidade, já que crianças bem alimentadas, nutridas e também aconselhadas, tem uma perspectiva de vida melhor". Fonte: <<http://bit.ly/2ds6Vmz>> Consultado em 05 de Novembro de 2016.

¹⁸ Fonte:< http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2016/Decreto/D8869.htm > Acesso: 29 de dezembro de 2021.

¹⁹ Canal do YouTube 'Paláciodo Planalto'. Disponível em: acesso < https://www.youtube.com/watch?v=nZ_G8WEzTQE > Consultado em 28 dezembro de 2021.

incutido na ideia de que as famílias mais carentes devem ser responsabilizadas por não proporcionarem um desenvolvimento e uma educação mais adequada para seus filhos? Qual olhar sobre estas crianças permeia a proposição de uma política pública para atender e "ajudar" famílias pobres, num determinado país, em determinado momento histórico e em determinada crise econômica? A problemática do programa Criança Feliz se torna maior quando percebemos que a proposição de controle carrega a premissa dos retrocessos incutidos nos avanços, pois se pretende discutir sobre melhoria dos direitos, baseado na tutela das famílias pobres e com discurso incorporado da crise. Sendo que, a inclusão da criança como cidadã tinha sido instituída desde a criação do ECA.

Ao longo da história várias políticas da infância tinham essa concepção higienista e racista, como uma máxima do controle e disciplinarização de corpos na forma de soberania e violência de Estado. Giorgio Agamben (2002) tomou o conceito de "vida nua" ou "mera vida" - *blosses Leben* -, a vida sacrificável, que não deixaria de existir - muito pelo contrário - nos atuais Estados democráticos, o que é importante para pensar a relação entre violência e as novas formas de soberania. Seu conceito de "vida nua" nos coloca diante de uma pergunta básica: sobre que vidas é possível exercer a violência sem nenhum tipo de punição? Revisitando este conceito, as recentes considerações de Judith Butler (2011) tratam das diferentes formas de distribuição da "vulnerabilidade" no mundo.

Porém, as questões relativas à violência e à soberania de Estado na América Latina jamais poderiam ser bem compreendidas sem levar em consideração a herança colonial de nossos países. Frantz Fanon (2008) traça análises da estrutura e dinâmicas da violência colonial. Mignolo (2008) em suas críticas a Agamben, na perspectiva decolonial, considera a escravidão, ou seja, a hierarquia racial e a fundação da modernidade enquanto um laboratório para o holocausto:

La «vida desnuda» que «descubrió» Agamben y que tanto entusiasmo a la mentalidad blanca de la Europa Occidental y de Estados Unidos, es tardíamente lo que indios y negros sabían de otra manera desde el siglo XVI. Que vidas de gente blanca fueran desechables fue una novedad para Europa y Anglo-América. Esa novedad es también parte de la ceguera del «hombre blanco», una ceguera en la que el descubrimiento de la desechabilidad de la vida humana permite ahora construir argumentos «críticos» basados en la humillación del hombre

blanco. El pensamiento de-colonial, que también atiende a los horrores del Holocausto, los atiende a través de su gestación histórica en el siglo XVI en sus historias paralelas, en Europa, a la explotación de indios y negros en América y África, pero también a las poblaciones de Asia (MIGNOLO, 2008, p. 268).

Não se trata aqui de hierarquizar as opressões, mas de pensar o colonialismo enquanto fundante do racismo. O que é de suma importância para pensar como foram construídas as políticas da infância, desde as raízes coloniais até as mudanças das doutrinas de atenção na legislação sobre as crianças, para assim compreender como o Programa Criança Feliz está inserido dentro de uma lógica de racialização.

Neste sentido, retorno à pergunta: O que é que um governo quer dizer quando anuncia que, porque trabalham fora, pais - e sobretudo mães, pois são grande maioria chefiando famílias no Brasil - precisam de ajuda para aprender a cuidar melhor dos brasileirinhos do futuro? De quais mães e pais estão falando? Infelizmente, mas não por acaso, o programa Criança Feliz se reduz a culpabilizar e responsabilizar integralmente as famílias – nesse caso as mulheres mães - pela criação dos filhos, ao passo que omite todas as questões objetivas e estruturais que garante um bom desempenho da criança na escola (vaga na escola, alimentação adequada, uniformes etc).

Além de que, o trabalho voluntário²⁰, como é defendido no discurso, não somente marca a transferência da responsabilidade do Estado na garantia dos direitos sociais, como também os nega. O verbo 'ajudar', utilizado propositalmente, faz jus ao ideário neoliberal de despolitização das políticas sociais, entendendo-as como favor e não como direito constitucionalmente garantido.

É preciso percorrer a história da Infância no Brasil e as mudanças das doutrinas de atenção na legislação sobre as crianças, para então entender o contexto. É importante situar que, até 1927, a maneira de pensar o que seriam "políticas públicas de atenção à infância" (salvo anacronismos) eram as chamadas "Rodas dos

²⁰ Durante o Governo de Jair Bolsonaro também foi instaurado o Programa Nacional de Incentivo ao Voluntariado, o Pátria Voluntária. Através do lema: "Nós, juntos, podemos fazer muito pelo nosso país" correspondendo às pautas neoliberais e chamando o terceiro setor a 'sociedade civil', para as questões sociais, invisibilizando os direitos, e transferindo qualquer responsabilidade do Estado. Fonte: <<https://www.gov.br/planalto/pt-br/acompanhe-o-planalto/noticias/2019/07/governo-lanca-programa-de-incentivo-ao-voluntario>> Acesso em 29 d dezembro de 2021

Expostos" onde as crianças - que tinham origem, classe e cor, grande maioria fruto de estupros e domínio da casa grande - eram colocadas nessa roda que girava e alguém do outro lado do muro de alguma instituição de assistência pegava, acolhia, cuidava e amparava; e mais tardiamente as encaminhava para dois projetos básicos: o trabalho e o casamento.

Em 1927, o Brasil instituiu o primeiro código conhecido como Código Mello Mattos, que fixou a maioridade em 18 anos. Teve o "mérito" de fazer a primeira política de atenção à infância, que tinha como intenção o saneamento social e higienização racial. À infância da família pobre foi atribuído o estatuto de periculosidade, então, o código Mello Mattos dizia que as crianças pobres deveriam ser institucionalizadas para que pudessem ser contidas e tratadas; e assim o país pudesse alcançar seu pleno desenvolvimento.

Portanto, era um dispositivo legal para a disciplinarização dos chamados filhos da pobreza. Seguidamente surgiu o Código de Menores, que reconhecia como sujeitos de direitos a criança e o adolescente, e, por outro lado, distinguia "os menores". Sendo que, menor era um termo designado às crianças pobres, a grande maioria negras. Somente com o estabelecimento do ECA, em 1990, as crianças filhas das famílias pobres deixaram de ser menores e passaram a ser consideradas juridicamente como crianças, como sujeitos de direitos e cidadãos plenos.

O Brasil demorou quase um século para atribuir às crianças a condição de cidadania. E o governo ilegítimo não demorou nenhum semestre para dar consideráveis passos atrás no que diz respeito às políticas de infância, retomando a dimensão assistencialista do programa Criança e a tese da incapacitação pela pobreza, retirando da criança e do adolescente a sua condição de sujeito de direitos. O desenvolvimento social e a inclusão foram tratados com a primeira dama sendo voluntária, generosa, ajudando as crianças pobres. Esse sentido de inclusão remete ao mito da democracia racial, onde não se reconhece as diferenças e não possibilita reparação aos danos causados pelo racismo.

Judith Butler (2011) firmou o conceito de vida precária, refletindo sobre o que nos vincula eticamente à alteridade. Em que este vínculo com a alteridade não

acontece de forma já estabelecida, ele emerge apenas quando reconhecemos a humanidade desde "outro" sob ameaça. Sob esta ótica, a representação da alteridade da criança constitui-se em meio de humanização/desumanização, de reconhecimento de vínculo ético moral com outro ou de justificativa de sua eliminação. Uma criança pobre - e negra - é construída, discursivamente, como uma existência precária que o tempo todo precisa negociar sua existência e sua condição de humanidade.

É preciso pensar os modos de controle dos corpos, pois, para avaliar os resultados de uma política pública, foram implementados testes de desenvolvimento cognitivo e psicomotor das crianças. Assombrosamente, as crianças foram objeto de avaliação desta "política pública" e as mães foram submetidas a teste de QI²¹, como se QI fosse quesito para saber se alguém cuida ou não. Uma criança não pode ser criada por esses protocolos de desenvolvimento. Não se faz política pública de forma vertical, sem reconhecer e encarar, como diz Judith Butler (2019), o rosto. Desumanizar para humanizar é a estratégia política, é um modo de olhar "o outro", como um rosto que é digno de compaixão.

Para pensar um programa como Criança Feliz é necessário tentar entender de qual criança estamos falando, qual é a sua cor, como vivem, será mesmo que estas mães e pais estão precisando de "dicas"? É preciso reconhecer o que há de singular nas experiências do indivíduo, que são permeadas pelas mais diversas variações de cultura, experiências de território e de transmissão de que uma criança é capaz. As crianças são objetos permanentes da biopolítica: um conceito de Michel Foucault (1984) que corresponde ao controle e o governo da população; pois não há território e corpo mais fugidos do que os das crianças, e mais disputados para atribuir-lhes uma essência e subjetividade.

Para além do programa Criança Feliz, os retrocessos no âmbito das políticas públicas galgaram a passos largos, principalmente depois da eleição de Jair Messias Bolsonaro: foi aprovada a agenda de reformas trabalhistas e previdenciárias; os investimentos em saúde e educação foram congelados; as favelas viveram intensas

²¹ A avaliação do Programa Criança Feliz passou por algumas etapas, entre elas teste de QI em mães e cuidadoras. Fonte: <[https://www.epidemiologia-ufpel.org.br/uploads/downloads/avaliacao-do-impacto-do-programa-crianca-feliz.pdf](https://www.epidemiologia.ufpel.org.br/uploads/downloads/avaliacao-do-impacto-do-programa-crianca-feliz.pdf)> Acesso 10 de Janeiro de 2022.

ondas de extermínio por força de intervenções militares, e a maioria das vítimas nesses confrontos são crianças.

Ao elaborar o conceito de necropolítica, Achille Mbembe (2016) trata da atual política que extermina a vida. Ao explicar que o holocausto foi um exemplo extremo que demonstra como este acontecimento teve ampla repercussão motivada, principalmente, porque os mortos eram brancos e europeus que estavam sendo sacrificados por uma máquina de morte promovida pelo Estado. De outro modo, o terror da escravidão não gerou - nem mesmo após sua extinção - sequer uma pequena declaração de proteção às crianças. A primeira declaração de proteção veio após a Primeira Guerra Mundial, com a Declaração de Genebra sobre os direitos da Criança, sancionada pela Sociedade das Nações, precedente da atual ONU, em 1924.

Enfrentamos no Brasil de hoje, com a ascensão da extrema direita, uma guerra “biológica” e racial, uma política de morte, uma guerra contra as crianças. É preciso entender o âmago do pensamento contra as crianças que foram mortas. Este, afinal, tem raiz na estrutura colonial onde a omissão do Estado, desde a roda dos expostos, talvez consistia em “fazer viver e deixar morrer”, e hoje se configura na forma de necropolítica: política da morte invisibilizada nas violências de Estado. Para Mbembe:

a noção de necropolítica e necropoder para explicar as várias maneiras pelas quais, em nosso mundo contemporâneo, armas de fogo são implantadas no interesse da destruição máxima de pessoas e da criação de “mundos de morte”, formas novas e únicas da existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o status de “mortos-vivos”.(MBEMBE, 2016, p.146).

Portanto, não convém falar de crianças abstratas, pois a ideia de criança condiciona e constrói uma imagem de pensamento sobre o que é ser criança. Fundamentada em disputas de muitas forças: epistemológicas, pedagógicas, filosóficas e até mesmo teológicas. E, quando tal forma de criança emerge, há uma construção que se faz hegemônica, que lhe imprimiu uma cor, um jeito de ser, uma forma e conteúdos construídos sob a denominação de “natureza humana”, na qual supostamente alguns se reconhecem em alguns valores que se imprimem na criança; entre eles a bondade, a ingenuidade, a pureza. Apenas sob esses valores é possível

reconhecê-las como “nossas crianças”, já as negras e indígenas não têm os seus direitos minimamente garantidos, ao contrário, são o principal alvo da necropolítica.

No Brasil temos um histórico imenso de violência contra crianças negras e indígenas. Portanto, não há como falar de políticas das infâncias e de direitos das crianças, sem constar presente os nomes Jenifer Cilene Gomes, Kavan Peixoto, Kauã Rosário Gomes, Kauê Ribeiro dos Santos, Ana Carolina de Souza Neves, Ágatha Félix, João Pedro Matos, assassinados pelas balas do Estado no Rio de Janeiro. Mais recentemente, o caso de duas crianças indígenas Yanomami²² sugadas por uma draga da exploração ilegal de garimpo: morreram afogados, ao que tudo indica, por ação do maquinário enquanto brincavam às margens de um rio em Roraima, denunciam indígenas. Há ainda o caso de uma criança indígena Guarani Kaiowa²³, da Aldeia Panambizinho, que sofreu ataque de um cachorro pit bull solto propositalmente por um latifundiário.

Embora o espectro da política da morte queira que o esquecimento, o silenciamento, e apagamento e a invisibilização sejam constantes, a luta é para que o direito seja para todas as crianças. E, ao pensar/sentir, volto ao contexto da região do Cidade Nova, onde o Estado se faz presente na forma da existência de apenas duas escolas e uma creche em toda região (estão construindo uma creche maior na Andradina); de acordo com os dados do Ibase²⁴ existem 156 pontos religiosos na região. Existe uma unidade do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS-Norte), e uma Unidade Básica de Saúde.

A dinâmica estabelecida é que muita gente de fora, através de instituições religiosas e ONGs, acessa esta região para fazer doações em datas comemorativas religiosas como Natal e Páscoa, além do Dia das Crianças. O grande espetáculo se aproxima em carreata, vem fazendo barulho e chamando a atenção da criançada,

²²Fote: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2021-10-16/duas-criancas-yanomami-mortas-por-uma-draga-de-exploracao-o-ilegal-de-minerio-diante-da-omissao-do-governo.html>> Acesso: 30 de Dezembro de 2021.

²³Fonte: <https://cultura.uol.com.br/noticias/43859_fazendeiro-solta-pitbull-em-cima-de-crianca-indigena-na-aldeia-p-anambizinho-em-ms.html> Acesso: 30 de Dezembro de 2021.

²⁴ O Ibase realizou em 2018 um diagnóstico social participativo no bairro Cidade Nova, na qual eu participei das reuniões comunitárias. O projeto “Núcleos de Integração Comunitária”, Instituto Brasileiro de Análises Sociais e Econômicas (Ibase) juntamente com Furnas Centrais Elétricas S.A pode ser acessado em: <https://ibase.br/wp-content/uploads/2021/10/Diagnostico-Foz-do-Iguacu_2019.pdf>

depois param em alguns pontos específicos abarrotados de coisas e as crianças fazem um alvoroço ao redor daquelas pessoas que distribuem as doações da vez, que muitas vezes são brinquedos, doces, chocolates, comida, sacos de surpresa. A filantropia e o assistencialismo têm parada certa nos territórios dessas infâncias, e a dualidade do olhar divide quem doa e quem recebe, quem é humano e quem vive na desumanidade. E assim, as crianças são lembradas como dignas de compaixão, enquanto nada se sabe, nada escuta ou se sente sobre quem são e o que querem.

Um dia a Carolina me disse que “muita gente esquisita” passava na casa delas para dar coisas, que os armários já não cabia tanta roupa usada, e que vinham pessoas de todas as igrejas. Interessantemente, as crianças me contaram das mais diversas visitas religiosas que recebiam, inclusive se lembravam de serem levadas em um encontro onde foram orientadas a repetirem: *Nam-Myoho-Rengue-Kyo* (pronunciado námh-miôrrô-rênguê-quiô, sem se pôr a sílaba tônica em nenhum lugar), as crianças simplesmente contavam curiosas sobre quem e como se aproximavam da casa delas. Segundo Carolina, eu era a única pessoa grande que era sua amiga e com quem podia fazer coisas juntas. Perguntei que coisas seriam essas e ela respondeu: “não sei falar, fazer qualquer coisa Edi!! Brincar principalmente!!

2.4 CAMINHOS POSSÍVEIS PARA ESCRITA ETNOGRÁFICA DAS INFÂNCIAS

Sempre me perguntei se a etnografia seria um método útil ao estudo dessas infâncias e como possibilita que as crianças participem e tenham voz direta na produção de dados sociais, mais do que qualquer outro formato de pesquisa. O que as crianças querem dizer? Como escutar? As crianças de fato podem narrar as suas próprias histórias? No começo, minha referência sobre o uso das ferramentas etnográficas foi usar um gravador e câmera para entrevistar a avó das crianças a partir das curiosidades delas. Lidar com esses meios audiovisuais como uma forma das crianças participarem levou a acontecimentos curiosos: o tempo todo as crianças faziam um teatro brincante da vida sobre o que fariam e como agiriam para “aparecer no livro que a tia Edi está escrevendo pra universidade”. Outras vezes, elas

simplesmente não queriam saber de nada disso, apenas queriam brincar e eu respeitava.

À medida em que fui me aproximando para tentar afinar os sentidos: olhando, escutando, intuindo; também precisei aceitar - e respeitar - que nem sempre as crianças querem compartilhar seus mundos, segredos ou vivências; ou ter seus dizeres, narrativas, processos, produções ou imagens expostos ou compartilhados. No entanto, diante da tarefa de compor a escrita, me entendo juntando as partes dos acontecimentos, tecendo uma história com meus próprios filtros, optando pelo cuidado minucioso e escapando de interpretações que possam defini-las abstratamente.

James(2019) afirma que a área dos Estudos sobre a Infância precisa tirar algumas lições da Antropologia no que concerne a legitimidade da escrita sobre as vozes das crianças pois:

Apesar das palavras das crianças citadas nos relatórios de pesquisa poderem ser “autênticas” – no sentido em que são um registro preciso do que as crianças disseram – as palavras e frases continuam sendo escolhidas pelo pesquisador e inseridas no texto para ilustrar um argumento ou sublinhar um ponto de vista. O ponto de vista apresentado é, portanto, a visão do autor, não a da criança. Além disso, o autor, inevitavelmente, encobre as vozes das crianças como parte do processo interpretativo. Como escritores dos textos, são os adultos que mantêm o controle sobre o que é colocado em destaque nas vozes das crianças e sobre que partes do que as crianças têm a dizer devem ser apresentadas. (JAMES. 2019, p.229)

Desde a antropologia clássica, James Clifford (1998), provoca um debate importante sobre a posição do pesquisador em campo e as negociações que podem ser feitas a partir disso. De fato, essas negociações fazem surgir muitas brechas no campo, provocando discussões sobre o modo que os textos etnográficos estão sendo produzidos, como o/a pesquisador/a se colocou em campo, como construiu as relações com os sujeitos em campo, como descreveu essas relações em seu texto e a partir de que lugar social está produzindo suas análises.

Portanto, as reflexões surgidas a partir refletir desse “lugar social” implica, primeiramente, assumir que nenhum/a pesquisador/a vai a campo de forma neutra,

pois suas lentes culturais e sua socialização a partir de uma determinada localidade inviabilizam a suposta “neutralidade científica”. Assim as análises antropológicas também não seriam neutras e, a escolha do que colocar e do que não colocar no texto etnográfico depende de como as relações em campo foram construídas.

De fato a antropologia feita atualmente, em pleno século XXI, não é a mesma feita por Malinowski (1978), pois as distâncias diminuiriam e a figura do pesquisador em campo, que “desbrava sociedades longínquas”, cederia espaço ao novo pesquisador de uma “alteridade mais próxima”: o “pesquisador em campo” com base na autoridade da experiência. Fato é que o processo da escrita leva a uma estranha nova relação consigo mesma.

Para mim a grande problemática em relação a isso é que as raízes do trabalho etnográfico são colonialistas, a Antropologia nasceu como uma disciplina que serve ao projeto europeu de colonização. Archibald Monwabisi Mafeje (1971) vai fazer duras críticas à noção de alteridade, ao considerar que toda noção de alteridade é calcada na ideologia do tribalismo, ou seja, não só na divisão entre o Eu e o Outro, mas na suposição de que este Outro é passível de escrutínio e passivo diante das investidas da produção de conhecimento acadêmica.

Esta crítica, em suma, se posiciona contra a constituição institucional e teórica das disciplinas, assentadas sobre premissas como a possibilidade de divisão do mundo - em tribos - e sua reconfiguração em um ordenamento que constitui esse Outro como subalterno, em uma relação de conhecimento de mão única, chamada ciência. Segundo o autor, ao fazer etnografia, estaríamos recompondo o mundo para além dos dualismos e das cisões.

A escrita deste trabalho não foi uma tarefa fácil, por muito tempo refleti sobre como elaborar uma escrita diante de todas essas reflexões e dos dados do campo com as crianças. Eu me perguntava: pra quem escrever? Como deveria escrever? Como as crianças falam comigo nessa pesquisa? Seria a antropologia essa coisa de “gente curiosa” que coleta informações na comunidade, sem refletir se quem fala está falando nessa pesquisa? Todas essas ressonâncias me acompanham. Depois de um tempo, aceitei que essa escrita tem a potência de romper os silêncios e escutar as

falas das crianças. Aceitei que posso sim escrever a partir da relação de afeto pelas crianças e, sobretudo, de uma forma política.

A poeta negra bell hooks povoa a minha escrita da forma mais inspiradora, ela me ensina que a forma da minha escrita pode ser transgressora e considera intelectual aquela/e que transgride “fronteiras discursivas porque ele ou ela vê a necessidade de fazê-lo. Intelectual é alguém que lida com ideias em sua vital relação com uma cultura política mais ampla” (hooks, 1995, p. 467). Sair do meu estado de negação do papel de intelectual foi o meu caminho de auto amor e reconstituição da nossa história coletiva.

Sobretudo, me fez refletir sobre uma maneira particular de olhar a realidade das crianças: tanto “de fora pra dentro” quanto de “dentro para fora”. Falar a partir da Grada Kilomba e da bell hooks, como uma escrita feita a partir de uma relação de afeto pelas crianças. Relatar os episódios em que me conectei com as crianças, por nos identificarmos com a relação com a terra como um modo de vida e as dificuldades encontradas para sobreviver nesta cidade de fronteira. Reconhecendo meus privilégios e que existe uma questão de autoridade permeando a escrita, por mais que eu saiba do meu lugar enquanto intelectual que se insere na comunidade.

Quando me coloquei o desafio de escrever estas experiências, me perguntei qual seria o limite subjetivo da antropóloga mulher negra de origem rural que iria para um texto acadêmico, e foi então que encontrei, em Gloria Anzaldúa um conselho para mulheres escritoras do terceiro mundo a seguinte frase: “não deixem que a caneta lhes afugentam de vocês mesmas” (ANZALDÚA, 2000, p. 235). Além dos perigos de se deixar transparecer demais, poderia haver o medo de não dizer tudo:

O perigo ao escrever é não fundir nossa experiência pessoal e visão do mundo com a realidade, com nossa vida interior, nossa história, nossa economia e nossa visão. O que nos valida como seres humanos, nos valida como escritoras. O que importa são as relações significativas, seja com nós mesmas ou com os outros. Devemos usar o que achamos importante para chegarmos à escrita. Nenhum assunto é muito trivial. O perigo é ser muito universal e humanitária e invocar o eterno ao custo de sacrificar o particular, o feminino e o momento histórico específico. (ANZALDÚA, 2000, p. 234)

Transpassada por afetos, passei um tempo prolongado envolvida na escrita com sentimento, pois o trabalho de campo era marcado pela permanência de ser moradora, e pelas vivências de um difícil momento histórico. Eu estava envolvida com a trajetória das crianças, eu escutei muitas confidências, segredos e partilhas na potencialidade de suas vozes.

Por fim, quero trazer em evidência as colocações da pesquisadora das Infâncias Anete Abramowicz²⁵ que explicam que o Estudo das Infâncias Plurais exige muito cuidado analítico, ético e metodológico. Justamente por ser um campo novo, onde as questões estão em aberto, e os conceitos não estão elaborados, e as ferramentas analíticas são experimentais, estão sendo inventadas. Busco na teoria uma forma de alargar o campo do possível, ampliando a forma de escrita que também sirva para ampliar as possibilidades de vida. Optando por colocar as falas das crianças no corpo do texto como falas.

Portanto, no papel de pesquisadora coloco-me neste lugar de questionar as ditas verdades construídas e legitimadas pelo pensamento hegemônico (branco, adulto e masculino), sou provocada a pensar novas formas de pesquisar e experimentar saídas para algumas problemáticas: a primeira é a desconstrução do olhar adultocêntrico; a segunda diz respeito a valorização das infâncias plurais e da criança como sujeito social que exige maior participação em nossa sociedade e, conseqüentemente, na produção do conhecimento sobre ela.

²⁵ Fonte oral disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=k7h59KwkjNQ&t=1684s>> Consultado em 07 de janeiro de 2022.

Fotografia 2- Coisa de Gente Curiosa.

Fonte: Acervo pessoal da autora, tirada em 2018.

3 EXPERIÊNCIAS ITINERANTES NO TERRITÓRIO DAS INFÂNCIAS

“Infelizmente, a paixão das crianças pelo pensamento muitas vezes acaba quando encontram um mundo que busca educar para conformidade e obediência apenas.” (bell hooks,)

*“...É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo...”
(Paulo Freire, 1992)*

Durante muito tempo, a filosofia pensou a infância como sem fala e sem razão; enquanto outras áreas, como a pedagogia, também olhavam a criança a partir da ideia da falta ou negatividade: ser criança como um processo de desenvolvimento dentro das etapas até tornar-se. Enquanto o pensamento ocidental definia que a infância era o momento da sem fala, Giorgio Agamben, na sua obra *Infância e História* (2005), sacode as estruturas dizendo que só é possível se inserir na linguagem quando criança. Assim, pela primeira vez, deu condições de se pensar a criança como portadora de positividade, agência e autoria.

Foi preciso colocar luz sobre as falas da criança para mostrar que ela tem textura, experiência e propriedade para subjetivar o mundo de uma maneira muito inusitada. Eu diria que, a cada nascimento de uma criança, as possibilidades do novo aumentam; não porque elas sejam definidas a partir das expectativas dos adultos, mas porque as crianças são devir. Diante disso, como alcançar as falas das crianças? Como perguntar, compreender e saber escutar o intempestivo, o inaudito, o acaso, o não esperado?

Passei um tempo visitando e conhecendo a família de Johnny, como vizinha que se identificava com as frutas daquele quintal, com o cheiro do fogão à lenha, por me abrirem a partilhar mudas de pimenta e maracujás. Até que esta pesquisa finalmente ganhou a rua, exatamente aquela paralela ao acesso principal a um dos

Campus da Universidade, no bairro Jardim Universitário. Ali, começamos a nos encontrar com as demais crianças, um grupo itinerante de 12 crianças de várias faixas etárias, sendo pertencentes ao mesmo núcleo familiar, cuja história de vida era marcada por trajetórias movidas entre Brasil e Paraguai, e que há 5 anos havia ocupado um terreno e construído uma casa de madeira.

A intenção inicial era realizar uma entrevista utilizando um gravador, com a participação das crianças para elaborar e depois realizar as perguntas para vó Dália. Descentralizar de mim a forma de pesquisar e abrir a potência de suas propostas. Assim, eu almejava como resultado o verdadeiro consentimento de pesquisa. E possibilitar que conhecessem, tocassem, usassem e interagissem com as ferramentas de campo, e assim pudessem despertar maior envolvimento com a pesquisa.

Ao conhecer a avó Dália, me abri a uma vasta sabedoria, experiência de vida e das histórias de luta, e suas palavras simples e potentes alcançavam do mais pequeno e da mais pequena aos mais velhos. Ela é brasileira, mas viveu quase 30 anos no Paraguai, em um pedacinho de terra trabalhando para patrões brasiguaios²⁶, nas imensas plantações de algodão em que muitas vezes contava com a ajuda das crianças.

Depois de um tempo, conseguiram se estabelecer em uma terra, mas ela decidiu deixar o marido e não viver mais a situação de violência doméstica. Nesse

²⁶ “Brasiguaios são brasileiros (e seus descendentes) estabelecidos em território da República do Paraguai, em áreas fronteiriças com o Brasil, principalmente nas regiões chamadas Canindyú e Alto Paraná, no sudeste do Paraguai. São em sua maioria, agricultores de origem alemã, italiana ou eslava e falantes do idioma português. A maioria dos brasiguaios não possuem terras regularizadas. Segundo Lindomar, na década de 1960 começou a migração significativa de brasileiros, estimulada por políticas de desenvolvimento agrário em ambos países. Não se sabe quando o termo surgiu, sabe-se que já é usado desde a década de 70 e tornou-se popular em 1985 quando um grande grupo de brasiguaios retornou ao Brasil com a assistência do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). A migração maciça aumentou com a construção da hidrelétrica de Itaipu – muitos agricultores que tiveram suas propriedades invadidas pelo espelho d’água da barragem receberam indenizações insuficientes para a compra de novas terras no Brasil. Optaram, então, por deslocar-se para o vizinho Paraguai, onde as terras eram cerca de oito vezes mais baratas. Além disso, no ano de 1967, o governo paraguaio aboliu uma lei que proibia a compra por estrangeiros de terras na faixa de 150 quilômetros de suas fronteiras. Um fator adicional a estimular a migração a partir do Paraná foi a crescente mecanização da produção de soja naquele estado, que resultou na concentração de extensas áreas de plantio na posse de grandes empresas. Os pequenos agricultores brasileiros buscaram, então, as terras mais baratas do outro lado da fronteira”. Fonte: Albuquerque, José Lindomar (2010). A Dinâmica das Fronteiras: os Brasiguaios na Fronteira entre o Brasil e o Paraguai.

contexto, atravessou a ponte sozinha, carregando o filho muito enfermo, em busca de tratamento para uma grave enfermidade. Finalmente encontrou assistência médica e sobreviveu.

Em seguida, Dália trouxe sua filha e netos, para que tivessem acesso à escola. Ao chegarem na região norte, também tomaram conhecimento de que a prefeitura estaria fazendo loteamentos e realocação de pessoas que tinham sido removidas de umas favelas da região central da cidade, como a Monsenhor, e que estariam regularizando alguns terrenos²⁷ na região do Cidade Nova. Cansadas de esperar serem contempladas, decidiram ocupar uma casinha no bairro Jardim Universitário e ambas foram trabalhar como catadoras.

Porém, depois que sua filha Márcia teve outras 9 filhas e filhos, e com a chegada da idade, foi necessário que dona Dália cuidasse de todes, inclusive de sua mãe que tinha mais de 80 anos (não se sabe ao certo pois ela não tinha documentos). A renda era resultante do trabalho da filha, que trabalhava na reciclagem, e do seu filho, que trabalhava em várias coisas, inclusive na plantação que existia em frente ao campus da UNILA.

Durante a entrevista as crianças se colocaram, se questionaram, pontuaram tudo que era importante para as suas percepções de mundo, interromperam o gravador para fazer comentários às falas da avó, deram risadas e se divertiram para escolher quem faria as perguntas à avó ou quem seguraria o gravador. Interessantemente quando Dona Dália relatou como aconteceu o processo de construção do fogão à lenha de barro e da reforma da casa de madeiras de paletes.

A neta Carolina rapidamente acrescentou as palavras: “Essa casa de péssima qualidade!!” A avó me olhou envergonhada diante do gravador e cochichou: “Fica quieta menina, cala a boca”. Mas a neta, no mesmo instante, falou: “mas ora, precisa falar que esta casa é muito ruim!!” No meu lugar de pesquisadora, fiquei contida e, ao

²⁷ Para saber mais sobre os relatos dos moradores e moradoras sobre como foram feitas as realocações e o processo de loteamento e parcelamento dos terrenos dessa região ao longo de algumas gestões municipais, consultar o Diagnóstico Social Participativo do Ibase, realizado no ano de 2019. Disponível em: <https://ibase.br/wp-content/uploads/2021/10/Diagnostico-Foz-do-Iguacu_2019.pdf> Acesso: 11 de Jan. 2022.

mesmo tempo, quis perguntar porque ela achava a casa ruim, mas, rapidamente entendi que aquela era uma fala e ponto, não precisava de explicação. Carolina sabia exatamente o que estava falando e muito mais porque e para quem falava, pois ela tinha total consciência dos problemas que afetam sua vida.

Por meio do sentir e da intuição a me guiar, a relação com as crianças fluiu como uma prática coletiva; me desafiei como pesquisadora a ter como principal objetivo pesquisar com e não sobre ou “a partir de”. Naquele dia, a entrevista terminou depois que a avó deu um depoimento de como ela tentou ensinar para os netos e netas sobre respeito entre as pessoas, que o maior desejo dela era que eles estudassem e tivessem alguma boa profissão; seguidamente, alguns foram dizendo o que gostaria de estudar na UNILA e, assim, a Carolina disse: “quero estudar Medicina na UNILA, pronto Fim!”. Ela mesma decidiu parar e apertar o stop do gravador. Era necessário assumir uma atitude em campo que tentasse reconhecer toda e qualquer fala das crianças complexamente como uma fala, sem muita elaboração ou classificação racional. Essa escolha me provocava e me guiava a todo momento.

Quando as crianças souberam que eu tinha começado a dar aulas 3 vezes por semana no bairro Porto Meira, na entidade que atende as crianças da ocupação do Bubas, a maneira como algumas delas me tratava se modificou: começaram a me chamar de professora. Talvez por se identificarem, Natália e Carolina me fizeram convites para conhecer a escola delas e passaram a me comparar com a professora. Em alguns casos, elas afirmaram que desejavam que eu fosse a professora delas, me pediam para contar o que tinha acontecido nas minhas aulas e me faziam relatos sobre o ambiente escolar que vivenciavam.

Natalia relatou que sentia que a professora não gostava dela e que disse que ela “era muito faladeira desobediente!”. Complementou dizendo: “a professora puxa o saco só dos meninos, de quem senta na frente e tem cara de sonso”. Enquanto ela falava, perguntei: “Por que você acha que ela puxa saco dos meninos?” Nathália não se conformava: “porque sim, porque ela é muito chata”. Essas histórias despertavam muitas conversas que reverberavam em trocas que estimulavam o pensamento sobre vários temas que se enredam em como elas vivenciam a escola.

Entendi que ser moradora, pesquisadora e professora eram coisas, de certa forma, inseparáveis nessa relação de pesquisa; pois, para mim, era muito importante considerar como as crianças me olhavam. Encontrei fundamentação para essas correlações no coração do pensamento de bell hooks, pois essa pesquisa toca várias temáticas de suas obras. O pensamento dessa importante escritora talvez possa ser considerado como um sistema fractal, em que a parte vai constituindo o todo (e vice versa), onde vários temas que ela escreve se unem e se complementam.

Onde não é possível deslocar uma análise de hooks sem descolar outras categorias que ela mobilizou ao longo de sua vida. Ela produziu teorias a partir de temáticas que se conectam e são atravessadas por questões contemporâneas que evocam a “pensar com” e não a pensar “a partir de”- no sentido de organizar categorias - e considera o pensamento como uma prática política de emancipação.

Ao trabalhar com educação e no lugar social de intelectualidades negras, nossas lentes de mundo se ampliam e pensamos/sentimos um outro mundo possível. Porque, por muito tempo, nos foi negada a humanidade e fomos impedidas de pensar; assim, como diz Sueli Carneiro, o epistemicídio nos capturava. As nossas existências não estão condicionadas àquilo que nos aprisiona. Agora, damos vazão ao conhecimento como águas que fluem e ao jorrarem nos transpassam de afeto.

Nas várias temáticas que hooks escreveu não é possível separar o pensar do agir, pois estão em conjunto; ou seja, ela nos convoca ao pensamento coletivo e conseqüentemente à ação. Portanto, produzir pensamento é um ato político e torna-se imprescindível reivindicar a produção intelectual de mulheres negras e nos desafiar a vivenciar ambientes de emancipação.

Essa pesquisa não requer uma descrição perfeita ou um processo classificatório e delimitador das crianças. Falar a partir do afeto é convocar à ação coletiva de agentes da transformação social. E, para pavimentar esse caminho, a obra de hooks “Ensinando a Comunidade” fala da pedagogia do esperar como uma prática política. É imperativo que mantenhamos a esperança, mesmo quando a dureza da realidade pode sugerir o contrário; porque a esperança é mais do que um mero idealismo, esperar é criar estratégias para se movimentar.

3.1 AS EXPERIÊNCIAS E AS POSSIBILIDADES DO AFETO

Refletindo nas palavras de bell hooks (2013, p.127) que nos aponta educação como prática social libertária e humanista; comprometida com as lutas anti racistas, anti sexistas, anti machistas , anti classista e contra os padrões (inclusive de infância) que o Ocidente criou. No ano de 2018, assumi o lugar de professora de Permacultura na Associação Fraternidade Aliança, no Projeto Casa da Criança²⁸, localizado na outra extremidade da fronteira de Foz do Iguaçu, no bairro Porto Meira.

Comecei o primeiro dia de aula dizendo que a permacultura tratava das histórias de nossos avós e pedi que colocassem no papel, escrevendo ou desenhando, tudo o que se lembravam já terem partilhado com os avós na roça. Nas aulas seguintes, levei muitas sementes, mudas de hortaliças do meu quintal, ervas medicinais e aromáticas, muitas delas encontradas nos quintais da dona Terezinha e outras mulheres do Jardim Universitário.

Ao perceberem essa dinâmica e meu trânsito, as crianças da região do Cidade Nova ficaram serelepes me ajudando a coletar mudas na vizinhança e demonstravam entusiasmo quando eu contava como tinham sido as aulas com as crianças do Porto Meira. Eu acessei muitos de seus trajetos no território a partir da busca de ervas, plantas, sementes, folhas e até mesmo terra com minhocas. Jhonny, José, Nathália e Carolina estavam mais presentes; interessados em me ajudar ampliar a rede com outras crianças e mães que também tinham quintais. Outras vezes, eu caminhava com a turminha toda.

Aos poucos, nossa interlocução foi se dando em torno de perguntas como “Por que você é uma professora que precisa dessas plantas e matinhos para suas aulas?” As crianças simplesmente perguntavam, estavam atentas a entender para que serviam as folhas e curiosas sobre como viviam as crianças às quais eu dava aulas.

²⁸ Para saber mais sobre o projeto acesse: <<https://fraternidadealianca.org.br/programas-e-projetos/projeto-casa-da-crianca/>> . Acesso em: 24 jan. 2022.

A possibilidade de traçar algum tipo de conexão entre as experiências das crianças da região do Cidade Nova e do Porto Meira, ampliou nossos diálogos e a potência do encontro, como rios que se atravessam e se tocam. Do outro lado da cidade, bem perto do rio Iguaçu, os temas das aulas se davam com Contação de Histórias; Dança Afro e Ritmos Africanos, em parceria com Matheus²⁹ e Janaína³⁰, amigos da UNILA; plantio de horta mandala na chácara da entidade; desenhos de permacultura; agroecologia, compostagem; atividades no barracão da comunidade do Bubas; rodas de mediação de leitura; cine debate com o filme O menino que descobriu o vento³¹.

A presença de Janaína e Matheus nas aulas foi extremamente importante para a autoestima e autoafirmação das crianças negras, mas no contraturno escolar estudam em uma instituição católica onde, por exemplo, todas as crianças são orientadas pelos educadores sociais a rezar antes do lanche. Depois da oficina de “Ritmos Africanos e Danzafró” eu conheci mais de 8 crianças pertencentes a religiões de matriz africana. Thiago se aproximou de mim completamente deslumbrado pelos ritmos dos tambores, e me contou que era Ogã³² e de Obaluaê.

Ele me perguntou como e porque eu sabia daqueles assuntos e ficou muito sorridente dizendo que nunca na vida teve um professor como o Matheus! Contei que

²⁹ Matheus Alencar F. Oliveira, é professor de história formado pela UNILA, percussionista e historiador, integrante do Afoxé Ogun Funmilaiyo e do grupo Danzafró. Sua área de pesquisa é centrada no ensino de história e cultura africana e musicalidade africana. Participou dos projetos de extensão da UNILA: entendimentos de Práticas da História: Danças e Ritmos Afrolatinos e Afrocaribenhos (Mais Cultura) e Alafia Ere: arte e educação das culturas afrodescendentes. Ambos criados pelo grupo DanZafro para realização de um trabalho de reconhecimento da história e cultura de matriz africana em Foz do Iguaçu.

³⁰ Janaína Santana, é professora de ciências sociais e relações étnico-raciais, doutoranda pelo programa Sociedade, Cultura e Fronteira (UNIOESTE), contadora de história e integrante do Afoxé Ogun Fúnmilaiyó e do grupo Danzafró. áreas de pesquisas: antropologia urbana, relações étnico-raciais na educação e movimento hip hop e cultura. Pesquisadora júnior pelo projeto NAPI Trinacional (Fundação Araucária / UNIOESTE)

³¹ O Filme “O Menino que Descobriu o Vento”, conta a história real do engenheiro William Kamkwamba, interpretado por Maxwell Simba. Aos 14 anos, William construiu um moinho de vento na vila de Wimbe, onde residia com sua família, beneficiando toda a comunidade que sofria com a falta d’água e a fome no Malaúí, país situado na região Oriental da África. O filme mostra como a educação pode ser transformadora em todos os sentidos. Não é apenas um drama em cima das dificuldades da comunidade de Wimbe, o filme tenta trazer leveza ao mostrar, que, muitas vezes, o que vemos apenas como peripécias ou brincadeira de criança, pode ser algo muito grandioso.

³² A palavra Ogã vem do Yorubá e significa Senhor da Minha Casa. O Ogã – médium responsável pelo canto e pelo toque – ocupa um cargo de suma importância e de responsabilidade dentro dos rituais de Umbanda e Candomblé, como o conjunto de vozes e toques do atabaque, por exemplo.

minha avó materna era da religião e tinha feito o santo, mas que ela morreu quando minha mãe tinha 7 anos. Thiago dizia: “Mas professora você precisava saber qual é seu Òri”. Em uma das aulas eu levei imagens de uma etnia indígena cultivando em terra preta, e contei histórias sobre a Amazônia, e algumas crianças quando viram a imagem exclamaram: “Chuta que é macumba”! A aula parou em debate, eu tentando ser firme e cuidadosa, mas Thais (irmã do Thiago) pegou a palavra e mediou as explicações com outras e outros colegas.

Eu escutava as crianças e aprendia muito. Sempre que oportuno Thiago me cercava e entre uma turma e outra pra saber que dia teria oficina com o nível 3 e se eu voltaria a “falar sobre aqueles assuntos”, algumas vezes ele me trouxe bilhetinhos em forma de desenhos de Orixás. E fez convites para eu conhecer sua casa, o que sem dúvidas também foi um convite a minha transformação pessoal.

A cada trajeto, me sentia completamente envolvida com o campo e com a inspiração de ser educadora, no rizoma da fronteira. Gosto de pensar em raízes que se interconectam, se comunicam e vão ganhando sentidos muito singulares. Sou consciente de que o distanciamento bloqueia a possibilidade de troca e de emancipação. A lógica do pensamento e metodologia moderna busca a neutralidade e distanciamento. Mas, aqui, minha sensibilidade é marcada por acontecimentos guiados pela intuição, sensibilidade e plantação.

Com essas crianças também aprendi com o inaudito e, a cada surpresa na relação de campo, era necessário respeitar as crianças e levá-las muito a sério. Em cada escuta atenta, eu partilhava sobre seus mundos, na tenacidade que me permite sentir/pensar/intuir/espiritualizar sobre como as crianças corporificam a rua como um modo de vida: a forma como caminhavam, subiam em árvores, brincavam com barro, se banhavam em rios ou se misturavam na terra, jogavam bolinhas de gude. A presença nesses trajetos das ruas é interrompida a cada vez que se aproxima algum adulto ou agentes de tutela (conselho tutelar, polícia, vizinhos adultos), pois é subentendido que seus corpos estão transgredindo.

É como se a experiência delas fossem marcadas pelo encantamento dessas vivências, pois, somente depois de caminhar muito com as crianças, eu fui me

transpassando de afetos de alegria pelas peripécias que povoam os sentidos delas. Nas palavras de hooks o amor tem um papel fundamental, pois permite pavimentar o caminho da transformação social, já que permite aos sujeitos ter uma visão saudável de si; é uma agência que permite se movimentar. Como posso tratar uma pesquisa baseada na “Autoridade da Experiência” e na intensidade de afetos? Trago algumas reflexões para aguçar esse questionamento.

A partir dos trabalhos sobre feitiçaria no Bocage, Jeanne Favret-Saada (1990) elabora o conceito de “ser afetado” e propõe repensar a antropologia, pois é uma área concatenada no estudo dos aspectos intelectuais da experiência humana, e consequentemente nas produções culturais do “entendimento”. A autora considera urgente reabilitar a “sensibilidade” e, para isso, critica o modelo positivista da ciência. Ao mesmo tempo, chama atenção para não cair no subjetivismo da “antropologia do eu” e deixa ressoando duas perguntas: Quais as características do conhecimento científico? Qual a capacidade de poder captar o mundo sensível?

Ao fazer duras críticas às metodologias ocidentais, segundo ela, até mesmo nas pesquisas que tentavam pôr em prática a “observação participante”, o que contava para os antropólogos não era a participação, mas a observação. Desta forma, aliás, foi se criando uma concepção bastante estreita: as análises da feitiçaria reduziam-se àquelas das acusações, porque, diziam eles, são os únicos “fatos” que um etnógrafo pode “observar”. Ela também pontua como os etnógrafos alargavam a grande divisão entre “eles” e “nós”, e que para evitar os mal entendidos é preciso ressaltar o seguinte: aceitar “participar” e ser afetado não tem nada a ver com uma operação de conhecimento por empatia, qualquer que seja o sentido em que se entende esse termo.

Ainda assim, a autora tenta elaborar uma noção científica que busca uma objetividade para fazer ciência, ou seja, ela considera a relação sujeito x objeto. Portanto, essas críticas fazem muito mais sentido para os antropólogos que se localizam a partir do norte como centro de saber/poder, e cujas pesquisas são construídas a partir das noções da invenção do “Outro”.

Para além dos afetos, a experiência, os sentidos também são capazes de modificar a relação do campo, como bem apresenta Oyèrónke Oyeùmí (2017) nas suas colocações. Em outras palavras, acredito que a experiência pode ser considerada como um lugar de produção de conhecimento, não sendo essa um conhecimento menor diante da racionalidade da Modernidade. Pois, como é sabido, a Modernidade privilegia a razão em detrimento a experiência; compreendida no sentido kantiano como âmbito das sensações, mas também como aquilo que o sujeito acumula como experiência vivida. Para bell hooks, a experiência é conhecimento que muitas vezes não é escrito, mas passado oralmente em outros sistemas de sentidos de mundo (indígena e de África).

As experiências das crianças, para mim, são marcadas por indecibilidade³³, por uma certa instabilidade que torna essa escrita sempre inacabada. Pois, assimilando os acontecimentos que elas vivenciam, caberia uma pergunta filosófica: o que fazer com o que advém/acontece? Talvez, o que importa antes de tudo é me colocar em desarmamento, em uma vulnerabilidade, em não saber o que fazer, em se deixar expor ao que não se deixa apropriar, ao que nunca acontece como oportunidade de uma credibilidade.

Escrever e pensar esses acontecimentos é algo que me provoca, pois pensamento e escrita se colocam em enfrentamento com as questões de identidade e diferença, e eu percebia certos limites e impossibilidade de narrar e definir as crianças. Nos termos de Derrida (2001), o im-possível é posto como o que há de mais "inegavelmente real" como o Outro. Como a "diferença irreduzível não apropriável do outro". Certamente, não quero aqui definir pelas crianças como elas se identificavam, pois esse assunto tão presente em nossas relações aparecia de forma inusitada.

Um dia, quando eu caminhava pela rua de casa carregando a caixa de livros que comprei com a verba do edital 15/2018 de financiamento do IMEA, para realizarmos as rodas de mediação de leitura, rapidamente começamos abrir a caixa de livros com a maior curiosidade serelepe e aí havia um livro chamado: Coisa de Índio, do autor indígena Daniel Munduruku³⁴.

³³ Conceito de Derrida (2001).

³⁴ Apresentar Danil Munduruku

Ao observar atentamente as ilustrações, a bisavó das crianças contou a todas e todos que ela não sabia ler palavras, mas reconhecia os desenhos dos livros (maracá, mbaraká, takuapu); então nos contou que nasceu e se criou em uma aldeia indígena. Naquele momento, algumas das crianças entraram no consenso de que algumas delas teriam “cara, olho e sangue de índio” como a bisavó, outras já achavam aquela história absurda. Uma delas soltou uma frase de exclamação: “vó, a senhora morava com os bichos no meio do mato?”

Essas histórias passaram a fazer parte de nossos encontros para leitura dos livros e, assim, (re)conhecemo-nos no território. Porém, faltam palavras para descrever, por isso deixo a poesia regar essa terra e a imaginação das crianças fertilizadas de resistência aos tipos de poder que só elas enfrentam. E, que bom nesse chão poder partilhar histórias e poesia a fazer morada na memória afetiva e coletiva.

3.2 O TERRITÓRIO

“Nosso território está localizado na zona norte de Foz do Iguaçu, entrincheirado pelas torres de energia que vai de Itaipu a Furnas e divide a comunidade ao meio. Por toda a extensão do linhão podemos observar os corpos energizados de famílias fortemente armadas com suas enxadas cultivando roças de mandioca, milho, quiabo, feijão andu, amendoim e batata doce. Nos quintais das casas, pequenas hortas com hortaliças, temperos e ervas medicinais, regadas à mangueira ou regadores de mão e jardins floridos atraindo borboletas, abelhas e beija-flores. Num pequeno passeio, quem for bom de olfato vai identificar o cheiro de coentro, salsinha, cominho, tempero baiano, colorau e da mistura de sabores e saberes desse povo oriundo de várias cidades. Bairro de manhãs sonolentas e fins de tarde eternos, de um pôr-do-sol que se desmancha no horizonte e sinfonia de pássaros, muitas vezes aparentando uma cidade pacata, congelada no tempo, com seus cavalos puxando carroças de papelão, galinhas soltas pelos canteiros perseguidas por cachorros serelepes acompanhados pelos olhares das crianças que vendem latinha para comprar sorvetes e doces depois da escola. É aqui onde as crianças ressignificam e reinventam seus territórios, pilotando bicicletas e carrinhos de rolimã por sobre o asfalto quente que se derrete em piche e pixo, marcando ferraduras de cavalos a caminho da roça, onde descansam os olhos na sombra dos abacateiros. Cientistas inventores de mundos paralelos, onde a bolinha de gude é a moeda social. É comum amanhecerem o domingo lavando suas bolitas, para depois sujarem novamente nos descampados de terra cor de urucum, arriscando tudo na bolsa de valores dos jogos de mil regras, onde as pequenas bolinhas são como planetas a serem conquistados. É incrível como aquelas bolinhas tão pequenas podem causar uma alegria tão grande, e é ali no campo de batalha

épico onde se cria os laços afetivos, de companheirismo e coletividade. Nas tardes de sol, as sombras convidam para um tererê, um chimarrão, um cafezinho e uma boa conversa entre vizinhos e visitas. Na frente das casas os adolescentes se reúnem com suas caixas de som portáteis turbinadas com seus pen-drives ao som do funk, pop latino, sertanejo, rap, música eletrônica, hits dos anos 60, 70 e 80, com copos gigantes de bebidas coloridas e celulares no coldre. Nas esquinas, a molecada se agrupa para fazer som de bateria com a boca onde inventam versos para tramar suas batalhas de rima e se aventuram em shows de talentos nos domingos ensolarados do Espaço Arapy e da Biblioteca Comunitária do CNI. Na ginga da capoeira ao som do berimbau, pandeiro e caxixi, lançam seus golpes de benção, meia lua, martelo, como besouros voadores exercitando corpo e mente, cultivando o respeito mútuo e levando a cultura adiante. Pés no chão e pensamento livre, voando no ar como vaga-lumes iluminando a noite. A qualquer momento pode passar pelas ruas de paralelepípedo um carro de som divulgando o culto, disputando espaço com as propagandas de supermercado, troca-se sorvete por extintor velho de carro, churros na porta de casa e vende-se cartela de ovos com 30 unidades. Vez ou outra o céu é cortado em cicatrizes por aviões com seus rasantes e torrentes sonoras divulgando o circo que pousou no centro da cidade, com seus espetáculos acrobáticos e roda-gigantes do tamanho do mundo, caraminhando a cabeça dos moradores. Nas copas das árvores podemos ver a galerinha enchendo o bernal de frutas de várias espécies. Ceriguela, ameixa, manga, goiaba, acerola, pitanga, ariticum, amora, ingá, abacate, jaca, e jabuticaba que não se acaba, faz a felicidade das criaturas criativas de sorriso largo e braços sempre abertos a abraços. Sobem em árvores como quem escala um Everest, fincando suas bandeiras, demarcando seus territórios e construindo a memória coletiva. Em dias de intenso calor, pegam trilha até o riozinho para banhar-se nas águas represadas com pedras e caetés e pescar com suas varinhas de bambu: pequenos lambaris, tilápias, mussuns, morenitas, bagres e traíras, que encherão as frigideiras para os petiscos de fim de tarde. No campinho improvisado, o sol rola macio pelo gramado, para felicidade dos quixotes de quixute, que dão dribles na realidade e enfrentam os dragões do time adversário, margeados pelos grafites que ocupam os muros. Mãos sujas de terra, semeando girassóis, chamando chuva, plantando, colhendo, com a naturalidade de quem vive o hoje como se houvesse amanhã. Bordadoras e bordadores do cotidiano, guardiões das sementes, portadores da resistência, hospedeiros da criatividade, do amor e da alegria. Empunham livros como armas nas rodas de leitura e contação de histórias, onde a liberdade é verbo de ação. E, sobretudo, substantivo feminino, onde o giz faz o asfalto gritar alto: RESPEITA AS MINAS". (Mano Zeu, 2019)

Morei no bairro Jardim Universitário de 2016 a 2018. No ano de 2017, me mudei para a mesma rua destas crianças, na distância de 4 casas. Ali, elas apareciam no meu portão com convites para experimentar um pouco dos itinerários que

agitavam nas ruas. Ali, também, pude perceber como ocupavam lugares e estabeleciam dinâmicas de transgressões que configuram aquele território. Tanto na forma como utilizavam o espaço público da rua para brincadeiras; como no modo como se subverteram entre as plantações de milho, campo de futebol, gramado e pés de abacate, nascente, riacho, dentre várias outras árvores frutíferas da vizinhança.

A grande maioria dessas casas foi construída com o Projeto “Minha Casa, Minha Vida”, que financiava a compra de terreno e a construção dos imóveis pré moldados; o que cria um aspecto homogêneo na composição das ruas e aos poucos fazendo restar apenas algumas casas com o privilégio de ter quintais, os moradores preencheram todos os espaços possíveis com kitnets para alugar aos estudantes da UNILA. Por ali, as paisagens de quintais pouco a pouco foram se transformando em um negócio lucrativo como “fragmentos de condomínios” abrigando três, quatro ou cinco “kitnets espremidas” entre cozinha e lavanderia coletiva. E, apesar do aumento dessas ofertas, nossas demandas, expectativas e condições de estudantes não correspondiam com a realidade de pagar R\$800,00 reais por moradia.

Nos quintais em que (re)existiam hortas, temperos, flores e frutíferas costumávamos passear para saborear a partilha. Numa certa manhã, o sol nascia bem maroto, depois de 3 dias de chuva sem trégua; eu saí para caminhar com meu cachorro Tupi, até as ruas do bairro Cidade Nova, me distraíndo com os quintais e observando a criançada brincar nas poças de águas. De longe, avistei, logo depois do cruzamento movimentado da Andradina com a Tancredo, um grupo brincando de dirigir; havia umas 5 ou 6 crianças, dentro de um fusca velho e sem rodas. Mais adiante, perto do morrinho do Cidade Nova, havia três meninos de cabelo amarelado fazendo uma manobra de correr e se lançar ao ar dando uma pirueta, encostando o pé no muro e gingando o corpo em um salto mortal, finalizando com corpo ereto e queixo erguido como o Besouro.

Parei pra observar, conversei, perguntei seus nomes: Aqualand, Blade e Cyborg³⁵. Conteí que estava fazendo uma pesquisa com crianças, e elas me estranharam bastante. Passei mais de meia hora por ali, e fomos surpreendidas com

³⁵ Optei por utilizar uma técnica infantil de inventar nomes de heróis pois faz-se necessário preservar a identidade dessas crianças, diante de tudo que me segredam.

a chegada de um carro da imprensa. Então, uma repórter que entraria ao vivo, volta das 11:00, no Programa Destaque³⁶, apresentando o bloco do programa que fazia o desafio da “Palavra do Dia” na comunidade, isto é, algum morador deveria adivinhar a uma palavra diante das dicas que eram repassadas ao vivo pela repórter.

Ela fez o primeiro chamado, dizendo: “estamos aqui ao vivo no bairro Cidade Nova, com uma molecada esperta e bonita! Vejam como por aqui a moda está sendo usar cabelos pintados com cores diferentes”. Em um estalar de dedos, várias crianças começaram a se aglomerar, inclusive Jhonny, seus irmãos e irmãs; também Rhianna, Calebe, Ezequiel e Joabe que eu tinha conhecido a poucos dias.

Existiu ali um jogo de imagem entre o dentro e o fora de estar ao vivo, o que era dito ao vivo, e como a repórter conduzia o diálogo com as crianças fora das câmeras. Aquele desafio teria a premiação de R\$100,00 reais das Óticas Borcato, para quem falasse ao vivo a “palavra do dia”. Observei as 3 ou 4 tentativas de acerto, cuja dica a repórter já tinha falado ao microfone “ é uma coisa bem grande que no mundo todo se consegue ver”. Rhianna se aproximou de mim e disse: “Edi você também vai aparecer na televisão”!?!?. Cochichei que sabia a resposta e sugeri que ela falasse ao microfone. Mas, ligeiramente, ela me retrucou: “ahh, vai você Edi, pois ninguém tem o direito de falar a palavra pelo outro!”

Foi assim que tomei coragem e falei ao vivo: a palavra é SOL. Uns comemoram, outros diziam: “ahhh como eu não pensei nessa palavra”, “Edi, cem pilas, que legal!!!” E, ao me entregar um cartaz em forma de prêmio de R\$100,00, a repórter me perguntou o que faria com o prêmio, eu respondi ao vivo agitando: “fazer um picnic pra todas as crianças que estão aqui no campinho da Biblioteca do Cidade Nova!!!”. Nesse momento de sorte, o chamado a todos para um picnic coletivo marcou minha experiência de campo. Não somente pela rede de crianças que se ampliou radicalmente, mas porque esse episódio de minutos serviu para analisar a relação com o território e a minha relação com a pesquisa.

Para explicar me volto a Rhianna, pois ela sabia que palavra é a nossa voz, de certa maneira, todos os demais presentes sentimos que podemos fazer muitas coisas

³⁶ Programa exibido pela Rede massa: <<https://www.redemassa.com.br/programas/destaque-foz/>> Acesso 20 de Jan. 2022.

com a palavra: A repórter ao vivo construía uma narrativa sobre o bairro e sobre como as crianças eram, a relação delas com os cabelos. E, fora do ar, tentava diálogos com as crianças, a fim de sacar alguma informação que pudesse ser falada dentro da exibição ao vivo. As crianças também reafirmaram, através das palavras, o modo como não queriam ser vistas.

Como pesquisadora também escolho as palavras e, a partir deste dia, passei a pensar politicamente o sentido de cada palavra e dos nomes das crianças. Ao notar que um menino cochichou com o outro: “mas ela ficou falando de nosso cabelo mano? Certeza vai dar b.o.” Ressoavam as seguintes questões: como eles eram vistos; como eles não queriam ser expostos; qual experiência realmente vivenciavam nesta zona do tráfico, pois eles sabem muito bem que são marcados socialmente, conhecem os perigos da exposição.

Interessantemente, algumas das perguntas feitas pela repórter eram respondidas por ela mesma com frases de efeito como: “Como está o dia da criançada aqui no Cidade Nova?” e diante do silêncio dizia: “A galerinha parece estar muito animada e feliz por aqui, depois de tantos dias de chuva. E, pelo visto, a moda por aqui é usar cabelos pintados muito diferentes!!”.

Grada Kilomba (2019), tratando das situações de racismo cotidiano, vai dedicar um capítulo de sua obra ao tema das políticas do cabelo, o que explica que nenhum comentário foi feito por acaso. A observação paralela da repórter também me ajudou a elaborar a hipótese de que, nitidamente, as crianças percebem quando a aproximação tem olhar de fechiche ou essencialismo.

Não sei o que e como elas elaboram internamente a percepção desses olhares, mas elas sentem e dão respostas imediatas a isso: se esquivam, protegem o rosto, silenciam por não conseguir expressar palavras, criam suas próprias resistências diante de tudo que aperta o gatilho contra suas existências e deixa marcas profundas.

Portanto, percebendo tudo que envolve a realidade social deste campo, me posicionei diante da guerra. Escolhi, nesta obra, dar pseudônimos a essas crianças, usando o lúdico dos heróis como uma técnica infantil para proteger as suas vidas.

Compreendo as diversas vezes em que elas me davam respostas que eu não queria, desviavam-se diante dos aparatos de pesquisa, como gravador e caderno de campo. E entendo as ambiguidades dessa relação, ao ser transpassada pelo afeto e identificação, mudava totalmente quando as crianças sentiam que tinha um interesse genuíno e sério (não curioso, “interesseiro” ou salvacionista) em compreender suas vivências.

Estabelecida a confiança como laço de palavras, muitas vezes escutei segredos que nem cabem nesta narrativa. Sobre situações reais, perigos, risco de morte, violação escancarada, estupros velados. E, como intelectual negra, demarco meu lugar no território desta pesquisa, considerando tudo que precisei lidar ao encarar essa realidade e dar respostas reais, atitudes sensatas, escuta ativa e não apenas coletar informações. Portanto, faço uma pesquisa possível, onde habitar seus territórios a torna muito desafiadora, e que me leva a constante aprendizado.

Depois que acessei o prêmio da TV, escolhemos juntar o maior número possível de crianças em uma tarde de sábado para fazermos o picnic e celebração na grama da Biblioteca do Cidade Nova. Posteriormente, fizemos algumas outras versões da ação, até que uma menina chamada Agatha teve a brilhante idéia: “Porque você não pede um dinheiro na faculdade UNILA que você estuda, para assim fazermos mais picnics!” Assim, criei um anúncio no grupo da UNILA pedindo doações de tintas, brinquedos e frutas. Mais tardiamente concorri ao Edital 05/2018 do IMEA, na linha de “Território e Cultura”³⁷.

Assim, nossos rizomas se juntavam. Mano Zeu desde então começou a brincar com as palavras e com as crianças, para assim buscarmos sentidos para a potência

³⁷Submeti a proposta para concorrer ao Edital 15/2018 de acordo com as informações e demandas do meu trabalho de campo, entendendo essa construção também como uma devolutiva às crianças e demais envolvidos. A Proposta do Núcleo de Cultura e Integração da UNILA, até então ligado ao Instituto Mercosul de Estudos Avançados, foi que estudantes escrevessem uma proposta a ser articulada e envolvida nos territórios da fronteira. E escrevi um projeto chamado: “Experiências Itinerantes no Território das Infâncias”, na qual coloquei no planejamento a participação de colegas da UNILA (Tui Antu, Checho, Gustavo Gamaro, Jéssica Machado, Jandir Rodrigues, Wellington de Souza) para contribuir com as oficinas de Grafite, Abayomi, Horta Mandala, Capoeira, Cisterna Ferro Cimento, Troca Sementes. Convidamos Mano Zeu, artistas da comunidade, dona Elza, Sandra Rocha-representando o Movimento de Mulheres Camponesas. Além disso, o Grupo PET Conexões de Saberes(que eu também faço parte) também foi convocado para colaborar com oficinas de Mediação de Leituras. Fomos contempladas com recurso proveniente do IMEA, R\$2000,00 referentes à bolsa e R\$2000,00 de custeio para materiais.

daqueles encontros que passaram a agitar galhos de árvores, gramas, terra e as águas do rio Almada. Essa região é um mundo em sua complexidade, é o mundo e o modo de vida das crianças. A escolha de brincar com cada palavra em poesia e rimas, que descrevem o cotidiano dos quintais, de crianças, corpos e territórios. No espaço de sua comuna (como chamava sua casa) já aconteciam interações com as crianças a partir do hip-hop, fanzines, cartoneras, plantio de hortas, etc. Além da marcada presença do Mano na Biblioteca do Cidade Nova, como um importante espaço de educação e cultura.

O que encontrei em campo revela que os trajetos das experiências com as crianças também são possibilidades do recomeço, do inédito e do compromisso com a continuidade. Sempre uma criança fala para outra que a árvore está dando pitangas, que as jabuticabas estão maduras, que os milhos da paisagem milharal estão quase no ponto, ou que lá no caminho das árvores tem a cascatinha para se banhar, pendurar nas árvores e dar saltos vitais. Esses são exemplos de trajetos, que são constantes movimentos nos territórios envolvidos e esmiuçados pela curiosidade.

Há certos códigos que transitam apenas de crianças para crianças, talvez por este motivo o menino que soltava pipa me disse que aquilo “era temporada de pandorga!” E me disse que “antropologia só podia ser coisa de gente curiosa!” Evidentemente, ele não queria parar de olhar pro alto e me segredar sobre o pluriverso que são as pandorgas dançantes no céu da tão esperada temporada de bons ventos. As palavras também transitam em Guarani e, assim, se transformam e se disseminam sem fronteiras à beira do pé de jabuticabas que não se acabam. Palavras são uma forma de se relacionar uns com os outros e também de provocar fricção.

Sobre esse ponto, trago outro interessante acontecimento de campo. As crianças estavam todas em roda criando um painel em uma tampa de caixa de isopor gigante encontrada na rua; ali, tentamos desenhar uma paisagem feita com colagem de folhas, terra, flores e pedaços de pau. Foi então que um dos meninos puxou os cabelos e chutou de propósito uma menina. De imediato, tentei contornar e dizer que quando estivéssemos juntos não era pra brigar, minha atitude piorou ainda mais a

situação. A menina começou a chorar e dizer que ela não tinha feito nada, mas sim o menino. Este, por sua vez, disse que ela quem tinha começado.

Surpresa, eu não soube o que fazer, se é que tinha algo a ser feito. Então, um segundo menino disse: deixa que eu resolvo Edi! E saltou voadoras e socos no primeiro. Outros entraram no meio para separar a briga. Tudo aconteceu, literalmente, em câmera lenta, pois uma das crianças gravou toda a cena de pouco mais de 8 minutos. Eu não sabia exatamente o que fazer, mas minha intuição dizia para deixar as crianças resolverem seus próprios problemas. Agatha, irmã mais velha de Lelê e Sara, disse que ele deveria respeitar as meninas, que bater não é legal e começou a gritar: “respeita as minas piá!!! Respeita as mina!!

Em menos de 20 segundos o coro estava potente; e eu, meio desajeitada e encabulada, larguei o painel no chão e entrei na onda das vozes. Lelê então gritou para parar, subiu numa árvore e ameaçou se jogar; todas as meninas cantavam mais e mais alto: Respeita as Minas! Em seguida, escreveram com um pedaço de cal de construção - giz - no chão de asfalto a palavra de ordem, talvez como uma retomada de seus corpos territórios.

Fotografia 3- Respeita as Minas.



Fonte: Acervo pessoal da autora, tirada por uma criança em 2019.

3.3 AS ITINERÂNCIAS: A PAISAGEM E OS PONTOS CEGOS

Como continuidade do acontecimento da ação narrada anteriormente, um carro parou na frente do gramado onde estávamos em roda e 3 meninas saíram da roda dizendo: “Lascou! Vamos corre, corre”!! Entraram no carro e um homem deu socos e tapas nelas. Ainda sem reação, perguntei para as outras crianças quem era a pessoa, e elas relataram que era o pai. Situações complexas como estas aconteciam em um campo real, onde crianças sofrem todos os tipos de violência. Esse foi um momento da pesquisa em que precisei acolher a vulnerabilidade e enxergar a dimensão das coisas que perpassam as vivências das crianças.

Depois que chegou a caixa de livros que comprei com recurso do IMEA, algumas crianças vieram a minha casa pedir emprestado ou chamar para lermos o livro em roda na grama do morrinho do Cidade Nova. Tinha vários livros selecionados, entre eles: Malala; As Lendas de Dandara; Meu Crespo é de Rainha; Contos de Todos os Povos; A Semente que veio da África; OMO-OBA Histórias de Princesas; Na roça, Aqui Plantando tudo dá; Coisa de Índio³⁸. As crianças apareceriam ao portão e saíamos para inventar leituras e mundos. Dona Dália e Márcia consentiram, e até incentivaram, mas sempre chegava um amiguinho ou amiguinha do qual a mãe eu não conhecia.

Certa vez, uma mãe chegou de repente, bem brava, arrastou um menino e uma menina com um pedaço de pau. Nenhuma explicação adiantou, ela disse que não podiam ficar na rua. O menino saiu com o livro na mão, e eu disse que poderia levá-lo depois o buscaria. Para minha surpresa, no outro dia a menina disse pela fresta do portão: “meu irmão mandou dizer que minha mãe rasgou e colocou no lixo o livro, tia Edi, não podemos sair de casa, minha mãe disse que a rua é perigosa e ela disse que só posso ler a bíblia!”

A presença forte das igrejas evangélicas nesses bairros influencia essas relações; as crianças, inclusive, frequentam um projeto chamado “A arca” durante os sábados, onde um pastor e outros membros da igreja as reúnem, distribuem lanche e

³⁸ A apresentação desses livros se encontram nos apêndices.

ensinam histórias bíblicas. Esse foi um dos limites da atividade de Roda de Leitura de Livros, dos encontros itinerantes, as crianças se dividiam entre uma atividade e outra, e algumas vezes me convidaram para ir conhecer a Arca.

Os trajetos das crianças traziam elementos que provocam a questão: O que uma criança vê quando olha para um portão? O que vê quando sai pelo portão e se depara com o Conselho Tutelar? O que vê quando um morador do bairro vizinho (não ligado ao tráfico) intimida com arma? O que uma criança vê quando olha para a paisagem de soja? O que vê quando olha o exército adentrando as ruas do Almada e simulando uma intervenção militar com tanques de guerra, soldados, fuzis e tiroteio com balas de festim sendo espalhadas por todos lugares?

A criança é pouco porta voz de si mesma: a mãe fala por ela, o pai fala por ela, o traficante, a escola fala por ela, o conselho tutelar fala por ela, a justiça fala por elas, a igreja fala por elas, as/os representantes dos bairros falam por elas. E, mais uma vez, me deparei com as questões metodológicas, pois o objetivo era saber o ponto de vista das crianças, ouvi-las e construir com elas. A paisagem e os pontos cegos acontecem quando as crianças criam a possibilidade de ocupar as ruas para viver seus trajetos, interesses, desejos e afetos.

Muitas vezes, esta ocupação desencadeia processos de contínuos embates, como, por exemplo, com o Conselho Tutelar. Algumas vezes encontraram as crianças sozinhas caminhando na rua e incidiram em afirmar que elas estariam em situação de abandono. Perguntei a José o que as pessoas do Conselho Tutelar perguntavam: “ah tia, eles querem saber porque andamos nas ruas e porque estamos sem nossa mãe!” Diante disso, uma senhora vizinha que me doava mudas de lavanda, me contou que era uma das pessoas que chamava o Conselho Tutelar, pois, segundo ela, as crianças viviam andando pelas ruas.

Eu simplesmente perguntei: “mas porque andam, o que fazem?” E ela me respondeu: “ahh elas ficam o dia subindo em árvore, caçando frutas pra comer, não devem ter comida em casa, alguém precisa dar um jeito, e aquela mãe precisa operar para não ter mais filhos, converse com ela!” Eu escutei e muitas vezes me posicionei: “mas ninguém pergunta pelos pais dessas crianças, só pelas mães!!”.

Voltando às crianças, elas me relataram que, depois de um tempo, criaram formas de se esconder ou fugir do carro do Conselho Tutelar; como se a todo momento trouxessem para o corpo uma forma de resistência que não performa com as normas de convivência e conveniências sociais, burlando, assim, as lógicas normativas. “Tia, quando eu vejo aquele carro branco eu já grito pra todo mundo: Fugam loucos!” Eu refletia nessas problemáticas, mas nunca me aprofundei em pesquisar sobre como opera o Conselho Tutelar em Foz do Iguaçu, constatei que certos corpos infantis, em determinadas ruas e região são alvo da disputa de uma narrativa.

Elas recriam maneiras de estar na rua, negociam e se afirmam diante dos agentes responsáveis por assegurar que o ECA seja cumprido. Elas justificam porque suas mães trabalham tanto fora para conseguir chefiar sozinhas as famílias, e na vida real não é possível negar que as crianças aprendem com a rua. Elas, muitas vezes, se escondem para não serem vistas.

Portanto, é sobretudo política a maneira como as crianças não querem ser vistas e querem poder viver trajetos, positivar sua forma de vida, sem o controle ou a culpa de certas lentes que as reduzem ou limitam suas experiências no território. Sem dúvida, há casos específicos em que as crianças vivenciam violação de direitos, portanto, é necessário serem acompanhadas pelo Conselho Tutelar. Mas, a questão de poderem transitar têm problemas que parecem ser bem peculiares desta região de fronteira.

As crianças me relataram que um morador do loteamento da Nova Andradina - uma área da região que recentemente foi loteada e regulamentada, tiveram as casas recém construídas, rede de energia e água - intimidava a passagem das crianças de outros lugares. Uma delas contou que ele já mostrou armas dizendo que ali não era a área delas. As casas dessa região têm como especificidade serem rodeadas de cercas elétricas e muros, a venda de terrenos é feita por imobiliárias, e muitas casas são construídas por construtoras de médio porte que fazem casas pré-moldadas com objetivo de venda. Também é vendida a ideia de segurança e separação das outras

vilas: Almada e Andradina. Porém, as crianças acessam essas ruas transversais para chegar às margens do rio Almada, onde pescam e se divertem nas tardes de calor.

Eu morei nesse bairro a partir do ano de 2018 e, intimamente, fui atravessada por essa situação. Receber a visita das crianças na minha casa e no portão alterou a dinâmica daquela rua; gerando um incômodo na vizinhança, narrado pelo dono das Kitnets, que posteriormente me pediu para deixar o imóvel por três razões: plantar e ter compostagem no quintal, meu cachorro sujar as paredes e calçadas de terra, e receber a visita de crianças que incomodavam. Eu enfrentei esse discurso com os argumentos legais de que é extremamente abusiva a forma como estudantes são tratados pelos donos de imóveis. Me recusei a ser expulsa e resisti nessa moradia até o início do ano de 2020.

Algumas vezes, ao tomar o trajeto para o rio, as crianças paravam na minha casa para pedir água, fruta, livro ou me convidar para ir na horta. Algumas vezes, paravam na calçada do meu portão e ficavam com caixinha de som mandando as rimas. No início, os vizinhos faziam rubras faces e se retiravam de suas calçadas. Eu me sentia rompendo com a lógica dos muros e, depois de um tempo, o vizinho da frente dialogava em termos de debates políticos, defendendo o que chamava de uma nova política; as piadas sobre as crianças e eu sermos "petralhas" e "sem terrinhas" também eram frequentes todas as vezes que nos viam portando enxadas e ferramentas.

Ao longo da construção do *Arapy*, a tratar no próximo capítulo, alguns destes vizinhos cedeu minimamente espaço para o respeito e começaram a apoiar a iniciativa da horta como um intento de: "ajudar as crianças a se livrarem das drogas e do tráfico, eu mesmo usava drogas de todos os tipos e a terra me salvou", diziam.

Uma memória marcante foi o dia em que Blade me chamou ao portão, pedindo um copo com água. Quando me aproximei com o copo, me deparei com um homem em uma moto alta, abordando o menino e mostrando uma pistola na cintura, enquanto questionava a presença dele de forma muito violenta. Me desmanchei de medo. Acaso seria um traficante e um acerto de contas? As minhas pernas bambas, a barriga com um buraco frio, me tremendo com o copo nas mãos eu disse: "moço, ele

só pediu água, o que está havendo?”. Respondeu: “pode dar água e fica tranquila moça, mas saia já daqui mocinho, aqui não é sua área!”

O menino saiu e o rapaz continuou: "Qual é o seu nome, moça? Sabe que eles vêm aqui para tentar roubar né? Ele acabou de passar sondando ali na casa da minha mãe e pediu um prato de comida!" Apenas por um prato de comida. Uma existência em desvalia. A microfísica da necropolítica. Porque você fez isso, rapaz? Alguma coisa me moveu os afetos da existência, por ousadia, atrevimento, por raiva e não aceitação eu quis entender o mundo daquele jovem de 22 anos que apontava uma arma para Blade.

Então, na relação de vizinhança, eu conheci sua história: viveu toda sua infância no Paraguai trabalhando na roça, contou que apanhou muito para aprender a trabalhar, tocando terras arrendadas por sua família. De tempo em tempo, latifundiários brasiguaios dispensavam sua família, eles ocupavam outras terras em áreas fechadas de mata e recomeçaram a lavoura. Isso aconteceu uma, duas, três vezes, até que o pai desistiu de viver.

Depois disso, ele, a mãe e os irmãos foram para Foz. Do lado de lá, a paisagem do Paraguai também foi se transformando no mar verde de monocultivo; do lado de cá, também tem soja no bairro. Ali estava o jovem, que gostava de estudar, mas tinha o sonho de aprender francês, porque tinha vontade de ir trabalhar no exército francês que, segundo ele, recruta brasileiros.

Contei que nasci na roça, também gostava de estudar, passei no concurso da Polícia de Minas Gerais e fui soldado aluno por 9 meses; saí da polícia e depois trabalhei em uma mineradora por 3 anos; com a crise da mineração em 2014 fui mandada embora e vim estudar na UNILA, a faculdade criada por Lula e com bolsas de permanência para estudantes (assim chegou a notícia em Minas Gerais), e enfim, hoje dou aulas de “fazer hortas e contar histórias” para crianças do Bupas e ali da vizinhança.

Quando soube que eu estudava na UNILA, travou alguns debates políticos comigo em defesa do Bolsonaro e também sobre outros assuntos como guerras e desarmamento. Uma ex soldado da PM e um jovem que sonhava em ser soldado,

postas as diferenças, havia o interesse em comum da “horta das crianças” dar certo. O moço foi me ajudar com as crianças e ali cavou 3 canteiros na terra, espalhou mudas e sementes, subiu na árvore, como uma missão de soldado, para pôr o balanço para as crianças brincarem.

Contudo, conhecer a história de vida e de como se construiu aquele jovem branco de 22 anos, que performava o policial da rua, não fez com que eu ponderasse nenhuma atitude de violência, como apontar a arma para uma criança. “Nem tudo que se junta, se mistura”, dirá Nego Bispo. A guerra está posta todos os dias, e nessa caminhada cada um tem uma trajetória interna individual e uma responsabilidade coletiva. Grada Kilomba (2019) vai dizer que o racismo é uma problemática branca, e que o que deve interessar realmente são as pessoas que dialogam comigo, as outras vozes não me interessam. Como mulheres negras, feministas que descolonizam o pensamento, precisamos aprender a focar na energia certa e eu estou aprendendo.

Certo dia, estava subindo uma rua do Nova Andradina com meu colega Pantera Negra de pele retinta, tínhamos acabado de voltar do espaço onde faríamos roda de mediação de leituras para as crianças, quando presenciamos os carros e tanques de guerra do Exército adentrarem as ruas do Jardim Almada: vários soldados se posicionaram e apontaram para alvos, atiraram de fuzis enquanto seguiam as ordens de um comandante. A cena pareceria um tanto surreal para mim, se não representasse a atual política de Estado.

No meio dos disparos, quase não conseguimos conversar, mas Pantera me partilhou sua experiência de corpo negro retinto que viveu a vida toda no Rio de Janeiro. “No Rio de Janeiro é assim todo dia!! Chego suar frio, as balas do Estado têm minha pele retinta como alvo”. Eu queria ir para o Almada ver como tudo isso acontecia, mas meu amigo me convenceu de que o espetáculo da guerra cria um fetiche para depois ser naturalizado. Depois, soube pelas crianças, numa linguagem entre a fantasia e a realidade, que correram serelepes e assistiram cada uma à sua distância: das janelas, do portão, no meio da rua.

Um menino me levou um projétil, parecia que era como me trazer uma prova do inusitado: “pode ficar com esse para você tia Edi, eu juntei quase uma sacola!!”

Contou que as balas eram de mentira, mas que uns malucos estavam achando que era verdade. Passei algum tempo tentando elaborar algo sobre esse acontecimento, pesquisei que os jornais haviam anunciado que haveria o treinamento militar, mas parecia um efeito anestesia onde muitos de nós não conseguiam sentir sobre isso.

Pantera tinha consciência, eu quis aproveitar outras oportunidades para aprender a escutar o que ele tinha a dizer. Tivemos duras conversas, pois me “mandava o papo reto” de não se juntar e não se misturar. Eu queria enfrentar o racismo entendendo as relações étnico raciais e transformando com afeto, ele me apontava um caminho sem negociações ou alianças, sem perder tempo e energia com a branquitude.

Aquela paisagem abriga outras guerras visíveis. A área do Jardim Universitário e Andradina faz extrema com a larga plantação de soja e de milho, uma paisagem comum ao Oeste, mas que, mesclada com o urbano, chama atenção por ter tanto verde monocultivado ao redor das necessidades de alimentação básica. Ali, nas partes mais altas da rua Angelin Favassa, também avistamos os mais lindos pores do sol da fronteira, irradiados na plantação que muitas vezes deixa os olhos turvos. Fronteiras de milharais, acesso restrito. Mas, a cada temporada, antes do gigante maquinário de colheita aparecer, as crianças maiores inventam formas de colher milho às escondidas e trazem para que vó Dália faça receitas típicas como pamonha, cural e uma espécie de sopa paraguaya.

Esses acontecimentos servem para pensar em criar outras realidades a partir do que é posto e do que nos atravessa, controla, cerceia e restringe. Com protagonismo e sagacidade, elas burlam as lógicas de inteligibilidade dos adultos. Nem mesmo a polícia acreditou quando foi acionada para intervir em um protesto feito pelas crianças, que tinha até piquete, reunida a criançada manifestando após uma amiga delas ter sido atropelada quando voltava da escola. Um trajeto sem pavimentação, semáforo ou calçada para caminhar. Uma menina de 7 anos ficou tetraplégica porque a gestão Municipal não olhava para essa região da cidade.

A paisagem é um meio de vida a ser conhecido de forma orgânica, reinventado e reivindicado, a paisagem sob os olhos de uma criança se presta a novos trajetos e a

novos traçados de vida, a paisagem pode vir a ser vetor de imaginação. Elas criam mil e um tipos de paisagem; com olhos de lince elas resistem, escapam, correm, sobem em árvores, buscam alimento, ocupam o campo de futebol, dão saltos vitais, rimam; comunicam as temporadas de jaca, pitanga, seriguela, goiabas, manga e abacates. Sagazmente, encantadamente, potencialmente, e, sobretudo infantilmente, com toda positividade de ser infantil.

Figura 2 - Trajetos e Itinerâncias antes do Projeto Arapy



Fonte: Material elaborado por Jéssica Machado, estudante de Arquitetura da UNILA, 2019.

4. CONFLUÊNCIA DE SABERES: UM LUGAR PARA HABITAR AS INFÂNCIAS

Confluência é a lei que rege a relação de convivência entres os elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se ajunta se mistura, ou seja, nada é igual. Por assim ser, a confluência rege também os processos de mobilização provenientes do pensamento plurista dos povos politeístas”. (Nego Bispo, 89)

No primeiro semestre de 2018, eu seguia morando no Jardim Universitário próxima à casa da maioria das crianças. Costumávamos passear para colher as frutas da estação: ariticum, amora, jaca e seriguela. Para minha surpresa, no mês de Janeiro o pé de manga dos fundos do quintal estava repleto de manga espada. Eu também havia improvisado uma bancada com várias bandejas, onde germinaram sementes de pimentas e maracujás na terra preta orgânica. Nas tardes muito ensolaradas, eu recebia a visita das crianças com as mãos transbordantes de frutas para compartilhar e de convites tentadores para banhar no açude de um terreno em frente à UNILA.

Em uma dessas visitas, José e Jhonny subiram no pé de manga para sacudir e derrubar as frutas maduras. Eu, com *adultidade* no controle, comecei a pedir muito cuidado, pois temia que o José caísse e se machucasse, e eu tivesse que me responsabilizar. “Tia Edi, eu já sou muito acostumado a subir esse pé de manga, faz tempo que eu subo nele!” Curiosa, eu quis saber como ele conhecia tanto aquela mangueira. E ele me respondeu: “Quando tudo nessa rua era quintal, eu e meus irmão parávamos aqui pra comer todas mangas que cabiam na barriga e a gente ficava um tempão brincando num balanço de pneu de moto.”

Espantada com a rapidez do crescimento dos loteamentos na região eu questionei como era a paisagem antiga. E Jhonny disse: “verdade tia Edi, não faz tanto tempo assim, tá vendo aquele pezinho de pitanga ali? Acho que ele nasceu porque comíamos pitangas e jogávamos as sementes aqui, ele deve ter quase o tempo que tem estas casas e muros aqui”. Nessas falas compreendia que as crianças

percebiam seus territórios se engendrando em caixotes de concreto, num de existência individualizado e sem relação com as outras formas de vida.

O concreto e o muro foram avançando à medida em que cada pedaço de terra se configurava em mercadoria. No contexto neoliberal, o ser humano em geral se torna o sujeito do mercado e da dívida, além do confinamento nos variados tipos de prisões. Por isso, a presença e os trajetos confluentes daquelas crianças nas ruas é uma forma de burlar sistemas de controle e prisões. Elas avançam as cercas, sobem nas árvores proibidas, se banham em açudes e águas “privadas”, colhem e semeiam flores de canto a canto. Escalam jaqueiras e limoeiros em piruetas e saltos que causam vertigem nos adultos. Elas pisam na grama com todo gosto de ser, em ouvir a reclamação gritante das gentes que têm se tornado sintática com o monocultivo da mente.

Ao sentir que nossos encontros itinerantes na comunidade ganhavam impulso para acontecer em um espaço comum, comecei a entendê-los como um território de confluências, com toda potência que essa palavra nos ensina através do mestre Antônio Bispo dos Santos, o Nêgo Bispo³⁹. “Nem tudo que se junta se mistura” (BISPO, 2015), assim fricciona-se a potencialidade do encontro com as diferenças, e, tencionam-se interesses e formas de ler o mundo. Acontecia uma disputa em torno de onde e de quem seria a horta; quem poderia colher, seria apenas quem plantava?

Os adultos que se consideravam como sabedores de como manejar a terra e muitas vezes não queriam deixar as crianças se misturarem no processo (“não sabem de nada”, diziam). As crianças queriam celebrar a brincadeira da horta dos saberes, o que também foi uma forma de criar diversas narrativas sobre o encontro com as

³⁹ Em 2018 Nêgo Bispo recebeu título de Mestre das Periferias, promovido pelo Instituto Maria e João Aleixo (IMJA) junto à Mariele Franco (in memória), Ailton Krenack, Conceição Evaristo. Recebeu título de Honoris Causa mas rejeitou o título. Autor do Livro COLONIZAÇÃO, QUILOMBOS modos e significados (2015) publicado pelo INCT de Inclusão, onde aborda o conceito de contracolônização, contestando o atual modelo ecocida e desumano de desenvolvimento econômico ao qual o Brasil, junto com os demais países da América Latina, se rendeu completamente. Como é apresentado no site da UNB na disciplina Encontros de Saberes: “Antônio Bispo dos Santos nasceu em 10/12/1959 no Vale do Rio Berlingas, antigo povoado de Papagaio, hoje município de Francinópolis/PI. É lavrador, formado por mestras e mestres de ofícios, e morador do quilombo Saco do Curtume, localizado no município de São João do Piauí, semiárido piauiense, distante cerca de 500 km de Teresina. Militante de grande expressão no movimento social quilombola e nos movimentos de luta pela terra”. Fonte: <<https://www.saberestradicionais.org/antonio-bispo-dos-santos/>>

experiências da infância. A partir da afro-perspectividade a infância - como conceito ontológico – é apontada por Noguera (2019) como uma condição existencial, uma forma de experiência, um modo de relação e aquilo que nos aproxima de outras espécies vivas, que torna possível aumentar o repertório de possibilidades de viver.

Bispo dos Santos (2015) discorre sobre sentidos de mundo *afro-pindorâmicos*, que também ajudam a ampliar os olhares sobre o conceito de infância e a resgatar a forma de organização comunitária, baseada na sabedoria ancestral quilombola. Ele envolve⁴⁰ este conceito inter-relacionando com a palavra “pindorâmico”, fazendo referência ao nome Pindorama, o qual teria sido usado por povos indígenas para nomear o atual território brasileiro antes da invasão européia colonizadora. Já a palavra “afro” faz referência à população negra afrodescendente. A partir dessas correlações é possível compor sentidos de mundo *afro-pindorâmicos*.

A fim de estabelecer as diferenças entre visão de mundo ocidental - denominada de eurocristãos monoteístas - e sentidos de mundo afro-pindorâmicos, ele vai dizer que as manifestações culturais dos povos euro-cristãos geralmente são organizadas em “uma estrutura vertical com regras estaticamente pré-definidas, número limitado de participantes classificados por sexo, faixa etária, grau de habilidade, divididos em times e/ou equipes, segmentadas do coletivo para o indivíduo”(SANTOS, 2015, p. 41). Dessa forma, o talento individual costuma ser sempre mais valorizado que o trabalho em equipe e opera em permanente estado de competitividade arbitrado por um juiz, aos olhos de torcedores e simpatizantes que devem participar com vaias e/ou aplausos.

Por outro lado, o modo de vida dos povos afro-pindorâmicos, as manifestações culturais, políticas religiosas, movidos por sentidos de mundo que estabelecem outras formas de organização:

[...] geralmente em estruturas circulares com participantes de ambos os sexos, de diversas faixas etárias e número ilimitado de participantes. As atividades são organizadas por fundamentos e princípios filosóficos comunitários que são verdadeiros ensinamentos de vida. É por isso que no lugar dos juízes, temos as mestras e os mestres na condução dessas atividades. As pessoas que assistem, ao

⁴⁰ Nego Bispo prefere não usar a palavra desenvolver, pois os eurocristão- monoteísta foram quem nos (des)envolve do que somos envolvidos organicamente.

invés de torcerem, podem participar das mais diversas maneiras e no final a manifestação é a grande vencedora, porque se desenvolveu de forma integrada, do individual para o coletivo (onde as ações e atividades desenvolvidas por cada pessoa são uma expressão das tradições de vida e de sabedoria da comunidade) (SANTOS, 2015, p. 41-42).

Por isso, na concepção de vida em comunidade quilombola, é comum o lugar das crianças ser junto aos mais velhos, sem a linha divisória e a dualidade, mas como pessoas na roda de compartilhamento de saberes: começo, meio e começo. Enquanto a infância eurocentrada é vista pela *adulthood* por um olhar de expectativa, comparação e julgamento. Onde a criança está empobrecida no aluno, no pequeno consumidor, empobrecida em ideias preconcebidas de infância.

Ouvi muitas falas dos adultos em relação às crianças como: “ah melhor não ficar sujando na terra e perdendo tempo, vagabundos vão roubar essas alfaces todas”; “eu acho que tem que aprender a trabalhar, que bom que estão aprendendo alguma coisa boa para serem alguém na vida”; “cuidado com aquelas duas meninas, elas vão destruir a horta pois são muito arteiras”; “Se querem ver a horta vingar tem que colocar cerca para as crianças não entrarem e destruírem tudo, pois são uns capetas em forma de gente”.

O convite a estarmos em roda era sempre um grande desafio, pois as lógicas individuais de competitividade e individualismo que o capitalismo instituiu operam em todas as relações. Há que restabelecer as distribuições de posição, de lugar e de poder entre adultos e crianças, de maneira a emancipar e dar autonomia às crianças, e, segundo René Schérer (2012, p. 65), “pensar uma infância maior, emancipada, infantil, mas não infantilizada”. Por este caminho trilhamos ao praticar a minha relação de campo e de vida com as crianças.

Renato Nogueira (2019) ao estabelecer teses para combater o racismo indica que a educação deve ser antirracista e antiadultocêntrica. A questão é que há uma infância que modela a criança, e quem a concebe é o adulto, que a pensa de maneira pregressa e assim retira a potência e a possibilidade de transformação que há na própria infância. Portanto ele convida a habitar nossos corpos nas infâncias,

reconhecendo que apenas a infância pode suscitar a curiosidade e o encantamento diante da vida, mesmo nos momentos mais terríveis. m e

Também apresenta que, na área da Educação, a afroperspectividade é um convite para que, durante os processos educativos, crianças, idosos, adolescentes, jovens e adultos possam habitar suas infâncias – apenas podemos ensinar e aprender frequentando nossas infâncias. Assim, a condição da infância é um modo de lançar olhares inéditos sobre o mundo em busca de percursos que estão por fazer. Não se trata apenas das experiências das crianças, mas de toda comunidade.

Em *Arapy* talvez fizesse germinar um processo de educação baseada na infância, isto é, comprometida com a vida. O que não é uma exclusividade da abordagem *afroperspectivista*, mas um princípio inegociável desta concepção de educação é viver em estado de infância. Neste contexto, confluímos saberes que transpassaram corpos e suas histórias no desejo de permear a terra vermelha de onde brotavam nossas sementeiras. Nada mais era igual e a cada dia a paisagem se transformava com as interações. Os encontros se manifestaram entre tensões e sobreposições. Confluir não quer dizer harmonia, ao contrário, é contra colonizar o projeto hegemônico que tenta capturar nossa forma de ser e estar.

Confluímos no território das infâncias como ponto de contato, não esquecendo a nascente do rio e ao acompanhar a correnteza que se adapta para se movimentar e mesmo com toda porosidade não perde a força potente do encontro das águas. Outras formas de vida: Borboletas, joaninhas, pássaros, minhocas, formigas cortadeiras, abacateiro, mudas de mandioca, batata doce, gabirola e feijão-guandu. Foi nascendo alimento de verdade, nutrindo em alegria tantos saberes das infâncias plurais.

4.1 CONFLUINDO NO TERRITÓRIO: OS DESAFIOS NA FRONTEIRA

Julho de 2018, eu me mudei para outra extremidade, para as novas kitnets de R\$500,00 na Vila Nova Andradina, na divisa entre os bairros Cidade Nova, Jardim Almada e Andradina. Estranhei a recente urbanização do bairro, construída desde um

modelo de caixa de sapato, cimento, muros altos e redes elétricas que justificavam o discurso de medo e xenofobia tão abrangentes na região fronteira que habitamos.

O cimento e as divisórias que separavam as pequenas oito habitações de “estudantes unileiras” respondiam à demanda construída por estudantes, como eu, que buscavam lugares tranquilos e individuais para podermos responder às exigências acadêmicas, permitindo a “concretificação”⁴¹ de certo isolamento para cumprir com os requisitos de conclusão de curso.

As novas caixas de sapato -como nomeamos as kitnets- tentavam nos separar da realidade do bairro. O cimento sempre tão limpo, sempre tão cinza fazia contraste com a terra vermelha que marcava nossos sapatos, que quase entrava em nossas peles como uma transformação epidérmica do território sobre o corpo.

Ouvíamos que o vermelho da terra que marcava nossos passos era sujeira, que deveríamos sempre apagar as marcas da rua em nós e nas nossas casas, pisos brancos e calçadas cinzas. Tudo o que pudesse entranhar no corpo deveria ser deixado do lado de lá de fora do muro, para que no momento em que atravessasse o muro que marcava o dentro nos tornássemos assépticas e distantes dos conflitos do território.

Apagando as memórias dos pés vermelhos, limpamos os rastros que evidenciaram que existia impacto de nossas presenças no bairro. O impacto multiforme de nossas presenças era um convite para a inevitável curiosidade das crianças: Quem são elas? Como moram? Onde estão suas famílias? Quem são suas famílias? O que elas comem? Eca! Elas comem orelha de árvore (fugis)! Pipoca picante! Bolo de feijão! As crianças perguntavam, simplesmente perguntavam.

Na medida em que desafiava o muro, mais perguntas ultrapassaram o concreto que fomos aos poucos quebrando. Suas perguntas permeavam a autopercepção da minha existência naquele lugar que era tão novo pra mim e tão antigo pra elas. Deixei que as perguntas quebrassem o concreto sem saber que embaixo dele apareceria

⁴¹ Palavra inventada para explicar como estruturava a intenção de concretizar nosso isolamento no e pelo concreto das construções, pois nenhum espaço desta moradia possuía terra exposta, plantas, grama, ou paisagem. Nosso campo de visão fora de casa alcançava pedacinhos do céu. E no meu caso, ocupei a kitnet da frente que tinha vista para as grades, e ali no espaço da calçada plantei um jardim de alimentos, ervas e aromáticas em caixas de isopor, o que atraía insetos e crianças.

uma terra fértil, enfim uma terra para nossos territórios que pareciam em tantas conversas um imenso não-lugar.

Nosso cimento e ladrilho, nossas roupas, mãos e pés avermelhados deixavam de ser paisagem para quem vê de fora na medida em que as sementes plantadas nas caixas de isopor cresciam em exuberância. Pois eu tinha uma pequena floresta de alimento com chuva de mangueira e tudo em caixas de isopor ao pé da calçada. Vira e mexe chegava um grupo de crianças querendo plantar na casca do ovo, levar muda para casa, contar a história de que a mãe teve aquela planta ali na outra casa e que estava muito feliz de poder ter outra vez.

As memórias que as crianças traziam dos adultos à sua volta eram como alegres retomadas de saberes que a gente não sabia, ou que eles talvez tenham tentado esquecer na medida em que o cimento avançava. A kitnet, a calçada e o morrinho foram importantes pontos de encontro entre mim e as crianças que, entre brincar de caçar cigarras, subir nas árvores e dar um pião por aí, me permitiam ver os entramados de relações sociais nas quais elas e eu estávamos inseridas.

No Cidade Nova conheci uma família que tinha 6 crianças entre 4 e 14 anos. Uma delas tinha o apelido de “alemão” e tinha pele mais clara, as outras eram crianças negras. Ali, as conversas sobre machismo e racismo eram constantes, cruzavam suas experiências dentro e fora de casa, dentro e fora da brincadeira. Na ocasião em que eu estava com elas no “morrinho da rua” estavam brincando de lutinha, quando Joabe (criança negra) deu um golpe ligeiro no Kaleb (apelidado de alemão) e ele furioso disse: “preto acha que é gente!!!”

Muito surpresa e sem muito jeito para lidar com o fortuito, comecei a mediar a situação, quando a Rihanna entrevistou e disse: “você não deve duvidar das pessoas por causa da cor!! Isso não tem nada a ver, preto é só a diferença da cor, você não tem que duvidar das pessoas por isso Kaleb!”

Angela Davis (2018) nos coloca exatamente a questão fundamental sobre o que é a participação das crianças nas lutas contra o racismo, e sobre a discriminação na luta contra o fascismo, por exemplo. Diz ela:

Lembro que, em 1963, durante a época da luta pelos direitos civis, antes da Marcha sobre Washington, no verão daquele ano, houve uma cruzada infantil em Birmingham, Alabama. As crianças foram mobilizadas para enfrentar jatos d'água de alta potência e a polícia, que em Birmingham estava sob as ordens de Bull Connor. Óbvio que algumas pessoas não concordaram em permitir que as crianças tivessem tal grau de participação - mesmo Malcolm X pensava que não era apropriado expô-las a tamanho perigo -, mas elas quiseram participar. E as imagens das crianças fazendo frente aos cães da polícia e aos jatos d'água circularam por todo o mundo, ajudando a criar uma conscientização global sobre a brutalidade do racismo. Foi uma iniciativa extraordinária. E esse papel que as crianças desempenharam para romper a barreira de silêncio em torno do racismo é algo com muita frequência esquecido. (DAVIS, 2018, p. 81)

Percebi, assim, que os territórios itinerantes das infâncias eram também espaços férteis para dialogar sobre nossas condições sociais. Os livros e rodas de leituras chegaram para alimentar essa demanda constante, de leituras sobre a história de Malala acompanhadas de breves momentos de alfabetização, conversamos sobre as distintas e duras realidades de tantas mulheres ao redor do mundo, ao passo que ensinava a desenhar algumas letras e fazer o som proposto pelo desenho.

As constantes situações de racismo nos levavam a mapas mundis desenhados a muitas cores para mostrar onde era África, que eram muitas Áfricas e onde estávamos nós em relação a elas. Atravessadas por batalhas de rap que fazíamos inspiradas nas letras de Mc Carol que diz “quem descobriu o Brasil não foi Cabral” “opa, na música fala de dandara, tia! quem é Dandara?” E assim fomos nos reconhecendo e nos reterritorializando. As perguntas e demandas não cabiam no kitnet, na calçada nem no morrinho onde costumávamos nos encontrar para depois sair conhecendo e brincando em outros lugares que jamais imaginaria sozinha.

Insistentemente tivemos alguns encontros itinerantes pelos caminhos comuns àquele grupo itinerante de crianças que costumavam ter seus trajetos pelas ruas, espaço da Biblioteca Comunitária, gramado e árvores do espaço chamado de “morrinho” próximo à Associação de Moradores. Ali nos reunimos e tracei a narrativa de alguns acontecimentos etnográficos.

Até que num determinado dia fui demandada diante do grupo por uma menina de 10 anos chamada Ágatha sobre realizarmos picnic e construirmos um encontro

com o “dinheiro que conseguimos na Universidade”, quando lançamos a proposta que fora selecionada pelo Edital 15/2018, que fomentava iniciativas de extensão elaboradas por estudantes, dentro da temática Território e Cultura. A partir da mediação da Michele Dacas⁴²- coordenadora do Núcleo de Integração e Cultura da UNILA⁴³- conseguimos firmar parceria com a Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Relação com a Comunidade, além da Secretaria da Agricultura e Diretoria do Banco de Alimentos.

Após as negociações para legitimar o espaço, iniciamos a ocupação com hortas e programar eventos que foram fomentados de maneira colaborativa entre a Universidade e o poder público Municipal, que também angariou recursos do Programa Encontros e Caminhos⁴⁴. Foi então que o *Arapy*, existente em fragmentação territorial e itinerância, se tornou terra. O território que previamente já havíamos traçado mapas subjetivos, ganhou corpo no momento em que a aprovação do projeto pelo IMEA possibilitou um pensamento esquemático e a longo prazo para as experiências orgânicas de nossas relações.

⁴² Possui graduação em Comunicação Social-habilitação relações públicas (2008) e mestrado em Ciências Sociais (2010) pela Universidade Federal de Santa Maria. Em 2015, concluiu doutorado em Comunicação Social no PPGCOM da UFMG, investigando a representação da cultura latino-americana em novos modelos de exibição, produção e circulação televisual em rede, como a TAL (Televisión América Latina). cursou, em 2020, a especialização internacional em “políticas culturais de base comunitária da Flacso. Desde 2011 é relações públicas da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), onde trabalha no campo da gestão cultural, com políticas culturais, e difusão cultural. Entre 2018 e 2019, coordenou o Núcleo de Integração e Cultura do Instituto Mercosul de Estudos Avançados (IMEA), e nele, realizou a construção de políticas de fomento à cultura como o edital de cultura e território 15/2018. E conduziu ainda nesse mesmo período, o primeiro grupo de trabalho sobre política e plano institucional de cultura, entre outras ações e projetos. Atualmente trabalha com ações culturais do departamento de culturas e comunicação da Pró-Reitoria de Extensão (PROEX), no qual desenvolveu o museu digital unila e o convênio de cooperação museal e patrimonial com a prefeitura de Cascavel. Suas experiências, contemplam, de modo geral, a realização de eventos, produção e circulação de conteúdos digitais; organização e curadoria de exposições; projetos de artes visuais, articulação de convênios e redes de cooperação; políticas de cultura, organização de acervos/coleções digitais, editoração de revistas, e pesquisa. Seu interesse de pesquisa está voltado a estudo, análise e mapeamento da organização de equipamentos/espços públicos culturais e a sua interferência e diálogo com as realidades concretas das cidades.

⁴³ Link do Edital disponível em <<https://documentos.unila.edu.br/unidade/imea?page=5>>

⁴⁴ Informação disponível em <<https://www.itaipu.gov.br/sala-de-imprensa/noticia/encontros-e-caminhos-sera-levado-aos-54-municipios-da-area-de-influencia-da>> Acesso 20 de Janeiro de 2022.

Figura 4 - Muralismo Agroecológico



Fonte: Acervo pessoal da autora, tirada em 2019.

Chegamos a essa terra através de dois meninos, que eram moradores do Almada, num dia em que os encontrei na rua fazendo um piquete de entulhos e galhos de árvores e tomei um baita susto quando me disseram que estavam brincando de “Lula Livre!!!” Perguntei de onde elas sabiam as coisas sobre o Lula, e a resposta foi: “ora, eu sei sabendo uai” Agitei de emoção interna e não exitei em fazer outras perguntas de respostas não esperadas.

Então, eu disse que poderíamos brincar de várias outras coisas, inclusive de ampliar a horta para além do meu quintal de caixas de isopor. “Aonde vcs acham que poderíamos construir a horta, o grafite, fazer piquenique e roda de leituras?” Esta foi minha pergunta, para de prontidão ser acompanhada pelas crianças até a terra que ficava atrás do Campinho de futebol da Vila Andradina, localizado ao lado do Banco de Alimentos e da Cooperativa de Pequenos Produtores Rurais de Foz do Iguaçu.

Pude perceber que a terra já era parte da itinerância das crianças. Estratégica, ela se localiza na intersecção entre bairros e parecia ser um antigo espaço de encontro do projeto sementes. Com abacateiros abundantes, perto do rio que tomávamos banho, perto do banco de alimentos e da construção já acabada de uma creche. Lá, muitas crianças empinavam pipa e jogam bola, escalavam a caixa d'água e transitavam em uma paisagem de grama, conjuntos habitacionais e uma considerável extensão de monocultivo.

Na manhã seguinte, chamei minha amiga Tui⁴⁵ - vizinha de kitnet, estudante de Antropologia que me acompanha na escrita deste capítulo - lhe mostrei o lugar, descemos a nossa rua, aquela que tempos depois iríamos descer tantas vezes de carruola, carregando frutas, bolos e livros. Mas nessa manhã descemos sozinhas, e eu dizia: “bixa, tenho que te mostrar um lugar!” Cruzando zigue-zagues de caixas de sapatos nos deparamos com o que era a parte de trás do visível, a parte de trás do CRAS, um corta caminho que algumas vezes já havia tomado sem muita atenção.

Em seguida, convidei Mano Zeu e Checho para erguermos os canteiros e fazer o trabalho de podas mais pesadas. Sandra e Jandir trouxeram generosas sementes crioulas. As crianças vinham mandando rimas e brincando de criar palavras. Os melhores encontros foram acompanhados de muitas tintas para revitalizar os pneus e preparar um canto destinado à roda de leituras. Com direito a prateleira de livros, sofás de paletes e muitas placas com palavras e sentidos criados com as crianças: Colha, Colabore, Plante! Somos todos natureza! A terra é de todos! Comunidade, Ancestralidade. Caminhos da Roça. Não jogue Lixo, Jogue Sementes! Eles passarão, Nós Passarinho! Cuidado de la Tierra, Cuidado de la Vida.

Após colher um par de abacates, sentamos para imaginar e planejar a existência material de *Arapy*. Imaginávamos a mandala, o trabalho, as crianças, o sol quente e infinitas possibilidades de relações entre os bairros que abrigam o *Arapy* como um umbigo da região norte. As primeiras jornadas de trabalho, desenhando a mandala e erguendo os canteiros; acompanhadas das crianças que palpitavam,

⁴⁵ Tui é graduanda do curso de Antropologia na UNILA, grande companheira de luta e cúmplice das vivências com as crianças dentro das caixas de sapatos e também na terra entranhada na nossa corpa.

davam dicas, conselhos e ideias a cada enxadada. Aos poucos já tínhamos o desenho da mandala, logo as mudas, a serragem, os pneus, as tintas, e um par de livros que puderam transbordar a kitnet e enraizar em *Arapy*.

Fotografia 5 - Cuidado de la Tierra, Cuidado de la Vida



Fonte: Foto de Tui Antu, tirada por uma criança em 2019.

Quanto mais coisas tínhamos, mais frequentes eram as afirmações “mas Edi, alguém vai roubar, vamos colocar uma cerca!” “mas se é de todo mundo, o que seria roubar?” A cada pé plantado, a desconfiança e o questionamento do que é meu e do que é coletivo se densificavam. Com o tempo *Arapy* foi criando corpo, quem passava na avenida Andradina ou mesmo adentrava o CRAS não podia deixar de ver uma pequena floresta crescendo ali: girassol, feijão guandu, quiabos, tomates, pepino, batata doce, milho de semente crioulo, feijão de rama, com mais frequência apareciam os pais e mães das crianças que anteriormente desconfiavam de nós, pensando “o que será que essas mulheres querem com minha/meu filha(o)?”

Quando *Arapy* era um corpo que já não era nem meu nem seu, quem passava se ajuntava, vinha, somava uma jornada de trabalho, uma história daquelas que ficam quase esquecidas. Pude notar que algumas vezes pais e mães que viveram parte da vida na roça, se sentavam com a gente e começavam a contar sobre algumas plantas que tinha por lá, dessa história já desembocava para outra e outra... As lembranças escorrem como as intensas águas da região, rompendo a reserva do silêncio, as memórias do campo brotavam. Às vezes parecia tão curiosa a nossa curiosidade (na forma mais redundante) sobre as histórias que o desejo de “melhoria de vida” compactuado com o ideal de progresso faziam parecer bobagens do passado. Aqui identifico duas potências estabelecidas na dinâmica com o espaço *Arapy*.

Primeiramente, terra comum não tem roubo. Cuidar e alimentar algo que pode não ser de usufruto individual colocava a nós, e as crianças em constantes tensões entre fazer pelo outro que a gente nem sabe quem é, fazer pelo mundo e que os outros façam por nós. Tragam algumas mudas, colham umas folhas e levem para casa, plantem uma semente para que outros possam colher, arrumem e pintem os paletes para alguém se sentar, levem um pneu para alguém balançar. A segunda potência está no campo das memórias e das valorizações sobre elas, as crianças muitas vezes ouviam seus pais e mães por meio dos nossos olhares valorativos sobre as histórias apresentadas, como uma curiosidade: “ué, o que ele sempre fala deve ser legal de ouvir”.

A terra, as memórias e as afetividades precisam de tempo para assentar, decompor e gerar novos corpos e outras tantas fertilidades pouco imaginadas em um primeiro momento. Assim foi com *Arapy*, os quilos de compostagem que nos chegou por meio de quatro caminhões veio se decompondo. Na medida que souberam, as hortas das vilas foram ficando cada vez mais férteis e a compostagem foi se misturando em outros quintais. Com características argilosas a pouca infiltração do solo resulta numa enorme perda de nutrientes para as plantas, que escorrem junto às águas da chuva, por isso demanda muita matéria orgânica.

A companheira Tui me contou que uma e outra vez lhe deram a dica “sabe o *Arapy*? tem uma terra muito fértil, a gente pega lá!” Com alegria segui vendo a itinerância do território, agora decomposto em fertilidade para outras terras. O *Arapy*

que nasceu sem terra, se assentou e se dispersou, alimentou com sua abundância as crianças e gente que não conhecemos, chegou na mesa de muitas famílias da região, não tenho dúvidas, seja em forma de chás, remédios, temperos, frutas e hortaliças, mas também voltou como terra para outros territórios.

O sonho *Arapy* parecia ser o começo de uma realidade, e como a sabedoria diz que tudo na vida é feito de começo, meio e fim. Finalizado o convênio, *Arapy* segue tecendo redes e construindo uma região norte da cidade menos impermeável a nossas histórias, a nossos nutrientes e raízes que uma vez fortalecidos seguem como rizomas se espalhando e encontrando outras terras para serem *Arapy*. Recentemente, a colega do curso de Antropologia me convidou para uma reunião onde senti uma passagem de bastão para novos companheiros que seguem traçando rizomas neste território fronteiriço.

A narrativa das crianças familiares que nasceram no Paraguai e hoje vivem por estas margens de Foz do Iguaçu, reconheceram a palavra *Arapy* e recriaram em *Araty*, traduzida em lugar de plantação, para denominar o espaço, talvez como forma de negociar os sentidos e ressignificações territoriais.

Tornando cada vez mais necessário problematizar o conceito mais simples de fronteira como construção geográfica que define uma linha divisória entre nações, e que se sobrepõe a imaginários e processos históricos compartilhados, impondo restrições territoriais e identitárias voltadas ao Estado Nacional. É importante entender a fronteira como: “lugar de passagem, trânsito e circulação de mercadorias, seres, ideias, línguas e práticas sociais que criam novas territorialidades, ou seja, novas paisagens com características próprias e particulares” (PEREIRA, 2014, p,182).

Transitamos entre fronteiras e por não lugares, e finalmente confluímos o conhecimento, pois esta ação foi uma construção colaborativa entre comunidade, Universidade e coletivos como a Biblioteca Cidade Nova. Neste sentido, "Experiências Itinerantes no Território das Infâncias" buscou pensar as infâncias desde o contexto de região de fronteira. Na inspiração de viver *Arapy* como um espaço de aprendizados e de confluências de saberes orgânicos como nos ensina Nego Bispo.

Fotografia 6 - A horta: Plante, Colabore, Colha !



Fonte: Acervo pessoal da autora, tirada em 2019.

4.2 DAS TRANSGRESSÕES: ESCUTAS ANTROPOLÓGICAS E POÉTICAS DAS INFÂNCIAS

Para mim, *Arapy* foi um ponto de encontro e escutas das poéticas das infâncias. Lugar de transgressão, mas não no duro sentido de ser proibido ou errado como geralmente se pensa essa palavra. Transgressão com bell hooks é caminho para pavimentarmos e nos movimentar, e por aí trilhamos em amor e responsabilidade com o que nos afeta. Exercitarmos o cuidado e a construção positiva da imagem das crianças por elas mesmas.

Portanto foi por onde nossa humanidade não é negociável, portanto não se mistura com o que sequestra nossa existência. Ali a transgressão foi um modo de ser e estar no mundo, onde também invocamos a experimentação da liberdade para todes. Assim, a transgressão torna-se inseparável da consciência das limitações e normativas que pretendemos ultrapassar.

Por isso criamos linguagens e diálogos que conseqüentemente deslocavam as formas de interações das crianças. Os espaços públicos são terreno fértil para a compreensão de que opressões como racismo, machismo, preconceito religioso e classismo afetam nossas vidas. Ao longo do texto relatei vários exemplos que quero novamente pontuar: o dia que escreveram no asfalto: Respeita as Minas; o dia e que Rhiana dialogou sobre não duvidar das pessoas por causa da cor; o dia em que Thaís explicou o que realmente era macumba e conversaram sobre respeitar a religião de matriz africana; o dia em que Agatha pediu para conseguirmos dinheiro na Universidade; o dia que Carolina afirmou que as condições de moradia eram de péssima qualidade.

A transgressão não é algo negativo ou culpável, mas sim o desígnio da diferença que rompe com a noção de normalidade. Por isso, também existe a necessidade de um trabalho interno, de uma transgressão individual, . As crianças me ensinaram que aumentar a potência de uma pessoa equivale a expansão de seu território de ação, ampliando a sua independência, propiciando outras relações com os outros corpos e até mesmo modificar os seus territórios.

Na esfera individual, eu diria que plantar, ler, cantar, traçar desenhos, ginha na capoeira ou ouvir histórias tem a potência de trabalhar internamente e reparar danos causados pelo racismo e demais opressões do nosso tempo. Precisamos educar para a transgressão, para que a criança rompa os silêncios e denuncie que algo está errado quando sofrem violências dos mais variados tipos física, sexual, psicológica, racial) .

Elas muitas vezes têm consciência dos problemas de moradia, falta de espaço para lazer, ausência de políticas públicas de praças com arborização, rios limpos e campos para soltarem pipas, mas suas vozes são sufocadas pelo adultocentrismo. Assim, se juntam e se organizam para além dos limites instituídos. Elas se banham nos rios, elas conhecem as nascentes perto do Almada. E ali os seus cavalos se deliciam com água fresca e sombra. Cavalos e cachorros são responsabilidade assunto sério para as crianças.

Ao transgredir coletivamente e deslocar os lugares estabelecidos, a periferia se coloca no centro como espaço de produção de conhecimento e cultura. Quando as crianças ocuparam *Arapy* no dia das crianças, com gincana sem premiação individual da competição, e fizeram show de talentos em que cada um retoma o protagonismo do tear coletivo. Neste dia houve quem jogou capoeira, quem mandou rimas; quem discotecou a mesa de som, quem fez as fotografias, quem cantou, quem plantou e quem dançou. Com orgulho daquilo que a mídia não mostra.

As crianças transgridem quando elas ocupam certos espaços públicos conscientes do que, para que porquê estão fazendo: quando ocuparam e negociaram o campinho de futebol ao lado do CRAS. E quando as crianças coletivamente fizeram a manifestação com piquete reivindicando sinalização e pavimentação da Avenida Andradina.

Transgressão é inventar novos trajetos e sentidos. É guardar seus segredos entre elas mesmas e colocar a antropóloga no lugar de curiosa. Transgressão também é falar, Anete Abramowicz (2020) ao fazer provocações metodológicas sobre como fazer a criança falar, considerando que isso não é pouca coisa, e além disso

quando falamos seria possível fazer ecoar as vozes que não ressoam e as vidas atravessadas pela *necropolítica* e que não deixam rastros? Nos coloca o desafio:

“Deste modo, importa indicar, há uma infância que surge, sempre há uma infância que surge - mesmo quando nada indica que seja possível brotar algo deste e de outros tempos sombrios. São as infâncias que estes tempos tentam matar! Pois as infâncias são o outro do mundo! Se há uma nova possibilidade de reconstrução social, é na própria infância que temos que buscar”. (ABRAMOVICZ, 2020, p.20)

. Vivemos escutas transgressoras, várias situações envolvendo o racismo. Se almejamos uma nova possibilidade de reconstrução social é preciso entender que o racismo captura as crianças de suas infâncias para poder transformá-las em pequenos adultos. Além disso, o racismo atinge as crianças tirando o direito às infâncias. Angela Davis escreveu sobre as crianças negras sul-africanas: “Sua resistência é inspiradora. Mas, não esqueçamos de que são crianças” (Davis, 2017, p. 96) Com isso, ela não afirma a inexistência da vulnerabilidade infantil, mas, reconhece que apenas a infância pode suscitar a curiosidade e o encantamento diante da vida, mesmo nos momentos mais terríveis.

Apesar da estrutura capitalista racial e patriarcal transformar as crianças em pequenos adultos, alvo em grande potencial do consumo, reduzi-las a alunos, e, na realidade da fronteira iguaçuense, serem pequenos trabalhadores superexplorados como catadores, exército do tráfico, contrabando de mercadorias, exploração sexual, violação de direitos básicos como moradia, alimentação digna, acesso a escolas e ainda o direito de falarem suas línguas nativas.

Duras realidades que meus sentidos puderam experimentar e por vezes resistir e transformar em potencialidades. Aqui a poesia cria afeto e convoca a outros pensamentos, outras visões sobre esses múltiplos lugares e não lugares da fronteira periférica. Renato Nogueira (2019) ao citar o filósofo Spinoza, afirma que somos seres afetivos e que não existe uma cisão radical entre as dimensões do afeto e da razão, e que para Aménemope o coração é um órgão pensante. Dito isso, é importante reconhecer que o racismo, machismo, sexismo, fascismo são problemas que podem

ser enfrentados pelo afeto. Para além do afeto é urgente e necessário políticas públicas combativas e educativas capazes de mover as estruturas.

O racismo atinge as crianças dessa fronteira de forma violenta e perversa como apontam os dados dessa pesquisa. O campo apontou como elas vivenciam o racismo cotidiano em suas relações, mas também como as crianças são afetadas pelo racismo ambiental pois a região onde vivem os os rios são contaminados, sobretudo por agrotóxicos do monocultivo.

Além disso, o número de escolas é insuficiente e o caminho que leva para Itaipu e Furnas é pavimentado por pontos cegos, para que essas infâncias sejam apagadas e invisibilizadas, e sejam vistas apenas pela lente da caridade em datas religiosas como o Natal. Na região não existe nenhuma praça pública ou área para lazer. A reforma do Banco de Alimentos fará com que o concreto avance por esse terreno público e será restrito o acesso e circulação das crianças, dos adultos e idosos que arrastam seus carros de material reciclado). Elas são afetadas pelo racismo institucional quando o Conselho Tutelar cerceia a presença das crianças na rua, muitas vezes sem uma denúncia contundente.

Para além das faltas e ausências essa pesquisa propôs a escuta ativa e a construção de uma autoestima positiva. Transgredir nas escutas antropológicas também foi fazer conexões, troca de saberes e a inversão do diálogo com a comunidade, em especial com as crianças, o que nem sempre foi fácil. Mas buscamos respeitar saberes orgânicos: como lidar com a terra e a horta. A terra e a horta possibilitam uma reflexão sobre um tipo de experiência de infância moderna que é coisificada e apartada da relação com a vida orgânica. Para os saberes sintéticos a terra é considerada sujeira, coisa ruim, algo que é imposto que as crianças neguem. Minha suposição é de que as plantações geram memórias de dor e diante da dor acionamos mecanismos de negação.

Aprender com as crianças a restituir a relação com a terra é também restituir e ressignificar tudo que nos foi tirado: Os cheiros, sabores, cores, sons, flores são resgate de nossas sabedorias e tecnologias ancestrais. Isso é tão real e potente que eu constatei a seguinte fala durante a aula de permacultura em uma chácara, dita por

um menino de 7 anos: “Professora eu posso até parecer bandido mas da horta ninguém me tira”, perguntei o porquê e ele disse: “Porque a horta lembra meu avô que já morreu, me dá uma saudade professora.”

A horta é algo que desperta profunda curiosidade e interesse nas crianças e a partir dessa relação a consciência renasce pois nossos tempos provocam que os processos educativos resgatem a relação com o alimento: de onde vem, como crescem, como são produzidos os alimentos são as perguntas mais vitais que emanam das crianças. Na horta os brincantes encenam, vivem em realidade, incorporam sem encarnar: faz de conta que é sendo, pela força de um atravessamento, um arrematar mútuo na dimensão orgânica com a interação de outras vidas e espécies. “Um faz de conta que não depende da palavra, sendo gesto vital que reforça a vitalidade do corpo e faz nascer o novo do mesmo ao romper a linguagem para tocar na vida, são gestos, sons, água palavras, terra, gritos e sorrisos”.

Fotografia 7 - O Menino Regador de Plantas Medicinais



Fonte: Acervo pessoal da autora, tirada por uma criança em 2019.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os anos se passaram desde que Jhony me olhou pela fresta do portão pela primeira vez. Meses atrás encontrei sua mãe na fila da Caixa Econômica sacando o auxílio emergencial, contou que as coisas estavam muito difíceis sem as crianças irem para escola, pois lá pelo menos tinham merenda. Também disse que os tempos da horta fizeram muita diferença. Jhony teria voltado há poucos dias de uma clínica de recuperação, a última vez que eu tinha escutado sua voz foi em Maio de 2020 as 4:30 da manhã, porém não pediu livros, enxada, nem frutas. Em dois anos, tudo mudou na sua vida, por isso dessa vez ele pediu dinheiro, mas não era pra ir ao cinema com a escola, tínhamos aproximação para ele segredar que era R\$20,00 para se aliviar. A estrutura é esmagadora diante de formigas como nós, mas “combinamos de ficarmos vivas”.

Hoje eu conto histórias sobre o *Arapy* como um quintal que era nosso. No entanto, não há explicações, argumentos ou sentimentos iguais sobre o que representou aquele movimento. Ao escutar algumas pessoas adultas que circulavam pelo espaço, eu soube que agitamos muitas confusões. Talvez a ocupação tenha gerado disputas, mas sobretudo gerou transgressões: pegar hortaliças, mudas e flores de girassol; melão e batata doce colhidas “antes da hora” para matar fome; grafites que provocavam o pensamento nas paredes do Banco de Alimentos; crianças matando aula para ficar na horta ou na estante de livros.

Arapy gerou uma mobilização dos artistas locais como MC Magrinho⁴⁶ e a Banda Onda Guazú⁴⁷; foi a oportunidade de trazer para perto as alunas de música da

⁴⁶ Mano Magrinho Mc: "Desde 2016 estou na área do rap e não podemos parar porque a cultura dura ao começo pelo encontro conjunto dos aliados da periferia que são as pessoas que trouxeram inspiração como DJ Mano Zeu que também trouxe uma inspiração do conjunto entre várias pecto de vários artistas seja seja brasileiro como outros países, sou mais eclético nas músicas entre os hip hop variáveis em vários estilos de rap”.

⁴⁷ A partir de eventos culturais independentes em Foz do Iguaçu e da UNILA, os músicos Guilherme Arruda (guitarra), Leonardo Braga (baixo), Rodrigo Moura (bateria) e Atilio Gazola (percussão) se conheceram e fundaram a banda Onda Guazú. Trata-se de uma banda de rock instrumental progressivo com composições autorais.

UNILA Clarissa⁴⁸ e Liz⁴⁹ com uma apresentação muito emocionante; foi o lugar onde o companheiro Checho⁵⁰ partilhou sabedoria andina, semeou, abriu os primeiros canteiros em meio ao capim, regou com alegria e viu brotar muitas sementes de nossos sonhos itinerantes; foi onde o DJ Mano Zeu⁵¹ discotecou músicas que tocam nossos corações latinocaribenhos; foi a concretude na prática do plantio de árvores e troca de sementes no Dia da Soberania Alimentar, junto ao Movimento de Mulheres Camponesas⁵², representado pela Sandra Rocha⁵³ juntamente com suas filhas

⁴⁸ Clarissa é uma mulher negra, professora de canto, compositora e pesquisadora. É formada pela UNILA em Música com ênfase em canto. Durante sua trajetória acadêmica e musical, explora o universo de cantoras e compositoras afrolatinoamericanas. Sua pesquisa dentro da área de música é marcada por questionar o espaço acadêmico como um ambiente branco e de manutenção do racismo. Clarissa é atualmente mestrandando no IELA - UNILA, dando continuidade a sua pesquisa sobre música e raça.

⁴⁹ Lizle Martinez é violonista e compositora. No Paraguai participou de projetos musicais relevantes como o Ensemble de violões Pu Rory e o projeto Jeporeka de jovens compositores. Conformou um duo com a cantora Clarissa Souza com quem se apresentou em diversos espaços, pesquisando e apresentando dando ênfase ao repertório de mulheres compositoras. Na pesquisa suas áreas de interesse relacionadas a música tem a ver com gênero, educação e colonialidade e descolonialidade, entre outras. Tem amplo interesse na música latinoamericana o que é manifestado em todas suas áreas de atuação. Forma parte da AIVIC (Asociación Internacional de Mujeres Compositoras)

⁵⁰ Sergio Montoya "Checho" de carinho, Colombiano, agricultor un arte que herede de mis antepasados, criado en la montaña hijo de la tierra que es mi alimento y cuidado de ella porque me nutre; es la fuerza misma que me trajo al brasil a seguir luchando con la consigna de que la naturaleza es el unico medio y fin de nuestra existencia.

Trabaje en colombia en un proyecto con los campesinos de mi region (golpeados por la violencia del estado) cultivando y exportando plantas medicinales y condimentarias, un proceso que buscaba minimizar el impacto y hacerle frente a la agricultura industrial. Ya en mi llegada al brasil en 2019 hice parte del proyecto *Arapy* como voluntario procurando de igual forma con una pequena comunidad de la ciudad de foz de iguazu de seguir alimentando esa idea de cuidado y amor por la tierra.

⁵¹ Mano Zeu é meu camarada de luta, poeta e agitador cultural, Membro do Coletivo No Hay Frontera, Selo Editorial Capivara Preta e ECO Estúdio Comunitário. Também é membro e Fundador da Biblioteca Comunitária CNI. Se apresenta em forma de palavra poesia: "Mano Zeu, hermano, cidadão do mundo, como poeta é um bom Dj. Pesquisador da música negra, se organiza no Quilombo Comuna. Luta contra os senhores de engenho moedores de cana e carne negra que transforma tudo em mercadoria. Nas trincheiras da escrita, como esgrima, se esquivava, se alastra, assim como a água que nem os canos prendem. En la contra-mano da moda, da onda, suor e saliva salgados como o mar e abraço dulce como dominguear en lunes en una cachoeira. pantera negra de dentes en riste, mandando a letra. Porte ilegal de sonhos. Caneta Preta. No horizonte: la integracion latinocaribenha"

⁵² O Movimento Mulheres Camponesas MMC é um movimento social popular, fundado em 2004, composto por mulheres camponesas em sua diversidade no país: elas são agricultoras, arrendatárias, meeiras, ribeirinhas, posseiras, bóias-frias, diaristas, parceiras, extrativistas, quebradeiras de coco, pescadoras artesanais, sem terra, assentadas; são mulheres indígenas, negras, descendentes de europeus. O movimento defende a Reforma Agrária e a construção de um projeto popular de agricultura agroecológica para alcançar a soberania alimentar, produzir alimentos saudáveis e garantir comida de verdade no prato do povo brasileiro, contribuindo para melhorar a qualidade de vida no campo e na cidade, preservando a agrobiodiversidade.

⁵³ Sandra Marli da Rocha Rodrigues é camponesa, graduada em pedagogia para educadores do campo, pela UNIOESTE de Cascavel, mestre e doutoranda em Sociedade, Cultura e Fronteiras, pela UNIOESTE de Foz do Iguaçu. Área de pesquisa: economia feminista das mulheres camponesas, violência contra as mulheres, alimentação saudável, quintais produtivos, soberania e segurança, alimentar, agroecologia, educação do e no campo. Atua como educadora popular, militante do MMC.

Amarílis⁵⁴ e Assucena⁵⁵; o dia da Consciência Negra que Evelyn⁵⁶, uma menina negra de 13 anos muito atuante, que pediu que acontecesse no *Arapy* “para as crianças negras aprenderem a se amarem cada vez mais”; Evelin também trouxe um grupo de jovens de um curso no SESC para realização de uma gincana sobre ODS (17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da ONU). Foi onde Jessica⁵⁷ fez um lindo desenho com tecnologias ancestrais de construção para co criarmos espaço de lazer, saneamento, compostagem e mudas de hortaliças, além de ter trazido bambus da horta da Maria dos Santos Cerrati⁵⁸ para fazermos oficinas de criar brinquedos com as crianças. *Arapy* também se tornou o lugar onde Bugão organizou as oficinas de Capoeira com a criançada. Lugar onde o companheiro Jandir Rodrigues⁵⁹ construiu com moradores do bairro uma cisterna Ferro Cimento. As paredes falam pela arte de Gustavo Gamarra⁶⁰ que deu oficina de grafite para as crianças juntamente com os jovens da AFA (Associação Fraternidade Aliança) que vieram conhecer e plantar nos canteiros da horta mandala. Foi onde Dady⁶¹ preencheu os muros de cores. Onde nos envolvemos junto às demais companheiras e companheiros Oficinas de mediação de

⁵⁴ Amarílis da Rocha Rodrigues, criança do MMC, defensora da Natureza. 9 anos

⁵⁵ Assucena da Rocha Rodrigues, estudante do ensino médio técnico integrado em meio ambiente no IFPR de Foz do Iguaçu. Militante do MMC, integrante do coletivo de jovens do MMC.

⁵⁶ Evelin é uma jovem negra da comunidade Nova Andradina atuante no Movimento Negro.

⁵⁷ Jéssica M. Seolin, é arquiteta formada pela UNILA, foi bolsista do projeto de extensão Assessoria Tecnológica em Arquitetura e Engenharia para Habitação Popular, onde realizou diversos cursos e atividades em comunidades e assentamentos de Foz do Iguaçu. Desenvolveu um projeto conjunto no *Arapy*, visando realizar oficinas de técnicas construtivas para desenvolver e materializar o espaço de forma colaborativa com a comunidade.

⁵⁸ Maria dos Santos Serati cuidava de uma propriedade que no ano de 2018 sofreu um processo de reintegração de posse e remoção forçada, a família dos Santos matinha a terra e preservava as águas há mais de 20 anos. Gravamos o documentário nasceu pela demanda da família Dos santos de construir uma contranarrativa ante a ameaça de remoção articulada pelo Estado e Itaipu. Por meio de fotos, Maria Serati nos conta sobre a chegada e ocupação da família nas terras que margeiam o córrego Brasil.

⁵⁹ Jandir Rodrigues, é camponês, formado em Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar pela UNILA, participou do grupo PET na UNILA, estou gerente administrativo da COAFASO/COAFFOZ.

⁶⁰ Gustavo Gamarra, artista e grafiteiro estudante do curso de Desenvolvimento Rural e Segurança Alimentar.

⁶¹ Pintor haitiano Dady Simon, estudante de Letras Artes e Mediação Cultural na UNILA.

leituras pelo PET Conexões de Saberes⁶² da UNILA. Onde Paulinho⁶³ mandou vários sambas em versos que parafraseiam as lutas dos trabalhadores de Itaipu. Lugar onde aconteceu dança de rua na roça com Harry Big⁶⁴ e Bianor⁶⁵. Lugar onde karô⁶⁶ coletou muitas sementes de girassóis itinerantes de feira em feira na revolução agroecológica. Dona Elza⁶⁷ ali esteve agitando a gincana no dia das crianças e relatando histórias sobre o Cidade Nova. Mara⁶⁸, moradora da Nova Andradina, reivindicou que a prefeitura preservasse a nascente atrás da construção da nova creche e permitisse que ela seguisse plantando horta sem agrotóxicos no terreno atrás da Cooperativa de Pequenos Produtores Rurais para alimentar a quem quisesse colher.

⁶² Grupo PET/Conexões de Saberes “Literatura e Cultura como espaços de integração da Universidade no projeto latino-americano”, de abrangência interdisciplinar, que tem como foco a temática “Da América Latina à Tríplice Fronteira: estudos e práticas interdisciplinares”. Com a finalidade de desenvolver ações inovadoras que ampliem a troca de saberes entre as comunidades populares e a universidade, valorizando o protagonismo dos discentes universitários que entraram por meio das ações afirmativas no âmbito das Universidades públicas brasileiras, contribuindo para a inclusão social de jovens oriundos das comunidades do campo, quilombola, indígena.

⁶³ Paulo Silva: “Sou filho da Teresa, sobrinho da Tia Madalena e neto da Dona Almerinda. Sou de Mauá, lado b do ABC Paulista e foi mais um chegante na Vila C em Foz do Iguaçu em 2016. Compositor, músico e fotógrafo popular. Graduado em História/América Latina. Fez parte do grupo de estudos e pesquisas Saberes em Movimento e da Escola Popular de Planejamento da Cidade. Atualmente continua fazendo zuada com seu cavaquinho em Foz do Iguaçu”.

⁶⁴ Bboy Profissional, atleta amador, agente cultural-comunitário, nascido e crescido em Foz do Iguaçu.

⁶⁵ Bianor Dias Junior: “tenho 28 anos, fundador da Sioux Crew atuo na arte desde os 10 anos de idade sendo 3 lugar no concurso retratos de foz, fiz parte aos 11 anos do projeto pti arte e cultura tendo aula com Anderson Passos e tenho ilustrações no livro jovens poetas vl.2, participou do único grupo de dança de rua da época chamado companhia de rua do professor Alexandre rodrigues, depois vim participar do projeto plugado da casa do teatro com a itaipu e jovens pela não violência da itaipu com a unesco, lançando o primeiro clipe de rap que se tem conhecimento, me formei em educação física, em 2017 fundou a Sioux Crew, e posteriormente assumiu o quebrando fronteiras do mano Guilherme Nantes, promovendo a 3 e 4 edição do evento, hoje ainda batalha para sobreviver da dança e construir um caminho para que outros também vivam dela”.

⁶⁶ Karolina se apresenta: “Eu sou curiosa, e curiosando vou, andarilhando, caminhando ou de bicicleta, foi assim que cheguei nessa fronteira, dura fronTeira, mas também hermosa triplefrontera; Muita coisa me interessa e me compõe, por isso se faz difícil me encontrar e apresentar dentre essas tantas Karôs~Karolinas. Mas o que eu quero é vida, floresta em pé, água boa brotando e correndo rios, ar puro, pé na terra, semente no chão e yuyos na mão; Persistimos. Luta~labuta diária ante as políticas de morte, plantando cuidado y afeto, seguimos! Doula, placenteira, bicicletera, agrofloresteira, criante e atualmente estudante de graduação em Antropologia e Diversidade Cultural Latino-Americana pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), fui bolsista dos projetos de extensão: Núcleo de Apoio aos Povos da Terra-NAPTerra, Kunha kuéra Arandu: apoio à prática de saberes tradicionais de mulheres Guaraní no Oeste do Pananá; Laboratório de Tradução da UNILA. Coordenadora e integrante do projeto "Vamos en Bici: Mobilidade Ativa y Integração". Tenho como áreas de interesse: Antropologia do Desenvolvimento, Ecologia Política, Cultura e Poder, Agroecologia, Estudos Latino-Americanos, Patrimônio e Memória”.

⁶⁷Elza Mendes moradora de Foz há 30 anos, membro da Biblioteca Comunitária do Cidade Nova, promotora legal popular.

⁶⁸ Mara é moradora antiga da Vila Nova Andradina, plantante de hortas comunitárias e preservadora da nascente localizada atrás da creche do Andradina.

A grande maioria dessas pessoas já estão com seus rizomas espalhados pelos mundis latinocaribenhos. A UNILA também já não é a mesma, o Núcleo de Cultura e Integração foi desmontado, e, eu sou capaz de afirmar que caminha cada vez mais para um projeto neoliberal, uma empresa com discurso de diversidade e integração. Eu também me transformei, no início de 2020 me mudei da região Norte de Foz germinando uma semente dentro de mim; e entre gestar e parir renasci na maternidade, com toda potência, desafio e luta de criar Aurora em um mundo que não respeita as crianças e não garante o direito de viver em estado de infância. Seguimos buscando terra para (re) existir.

Fotografia 8 - Dia da Soberania Alimentar



Fonte: Acervo pessoal da autora, tirada no Dia da Soberania Alimentar em 2019.

Com as crianças que me relacionei na vida em comunidade fronteiriça foz iguaçuense, aprendi a amar e cuidar. Elas me abriram muitas questões e a maioria delas seguem abertas. As epistemologias ainda são minhas invenções provocadas pelo trabalho de campo com crianças. Um campo do possível, da realidade e da

violências e das resistências a todo tipo de opressão. Racismo, machismo, classismo, especismo, facismo tomam conta de nossos tempos sombrios. Mas eu quero falar desde as resistências que brotam, com elas experimentei cheiros, sabores, texturas, cores e sintropas.

Do cheiro de chuva com terra molhada e da lama que nos lambuzamos até a cara na argila preta do açude. Do cheiro de mato, de flores e madeira fresca. Tupi estava sempre presente, como o animal que logo sou, parceiro e alegre mesmo quando eu não queria ir para a roça; quando ninguém aparecia na porta convidando, ele dava latidas e pulos que só eu entendia a linguagem de pedir pra ir no mato do *Arapy* encontrar outros cachorros. Nossa movida era por saltos corajosos da árvore para o açude. De galho em galho até o alto do pé de ariticum.

Também construímos uma tricicleta que cabia a todes e descemos ladeira abaixo pedalando sem medo. Escutamos o chamado das centenas mil cigarras no morrinho do Cidade Nova e subimos em árvores imitando a canção. Enquanto lá embaixo as formigas cortadeiras organizavam seu exército para se mudarem das terras de *Arapy* para as terras mono cultivadas, pois ali em *Arapy* permanecia quem quisesse construir. De passagem ficavam nos hotéis das copas das árvores, nos ninhos e também nas casinhas-pousadas de madeira que construímos todos passarinhos migrantes. E as andorinhas se juntaram para fazer o nosso verão.

Qualquer pedacinho de matéria orgânica veio para nossa compostagem dar vida às minhocas e viver entre bichitos. Onde as papas doce saltavam exuberantes e espinacas alimentavam as mães. Cheiro de poejo, menta e arruda se misturam no ar. Manjerição e alecrim trazendo alegria e prosperidade. Beterraba e cenoura enchendo a vida de cores com ânimo, humor e saúde. Um enxame de abelhas veio conhecer os gigantes girassóis, mas também buscavam pela Aroeira que somente lá nas bandas do semiárido mineiro estão dando as melhores floradas do mel que cura e faz bem ao estômago.

Por aqui temos lavanda e alecrim, e todas as bruxas vieram usando cetim e colares para aromatizar seus caldeirões curadores. Conexões de abundância e magia entre folhas raízes que no rizoma da vida se comunicam e se cooperam. O solo

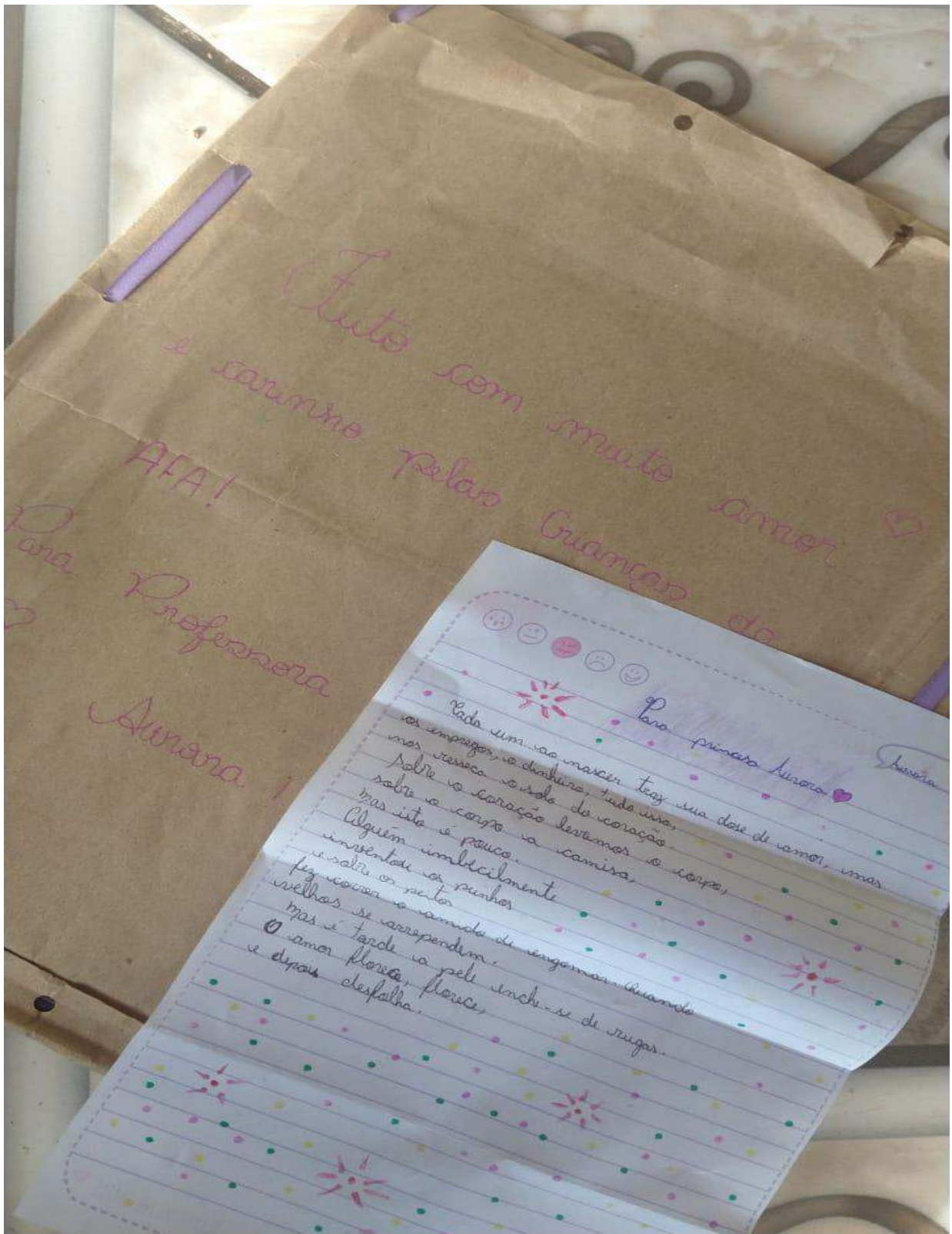
permeado pela biodinâmica entrelaçado nas raízes que se nutrem e exalam na magia das folhas o potencial da cura. Contamos histórias de nossos antepassados, da minha bisavó de 90 anos, de minha avó de 72 e de minha mãe de 51. A Roda da Sabedoria, girando bem antes de nós e se recria por meio da palavra: Te Benzo e Te Curo.

Na caixa de som de Blade sacode um hit MC Carol cuja letra diz que quem descobriu o Brasil não foi Cabral. Dandara juntou todes para contar que um vampiro mordeu o pescoço de Afropindorama, e tentam que nossas águas virem mercúrio, nossas florestas sejam derrubadas, nossa horta vire poeira de agrotóxicos. Muitas de nós e muitas crianças se foram, mas o que eles não sabem é que Nêgo Bispo falou que “Nós somos o começo, o meio e o começo e por isso existiremos sempre. Porque para nós não existe o fim. Sorrindo nas tristezas para comemorar a vida das alegrias, nós somos a gira da gira na gira. Nós somos a Periferia” (Nêgo Bispo, 2018)⁶⁹.

Chegou a pandemia, e as aulas de permacultura com as crianças no Porto Meira foram pausadas. De lá eu recebi alguns vídeos das crianças fazendo canteiros frondosos em suas casas e até criando experimentos com compostagens. Quando eu estava gestando Aurora, recebi mais de 100 cartinhas carinhosas embrulhadas em um envelope com laço de fita, nelas haviam desenhos com muitas cores, abundantes verdes, plantações, regadores, hortaliças, flores e legenda escrito: somos guardiões das sementes. Em vários desenhos tinham eu de chapéu de palha junto da Aurora e das crianças da AFA plantando. Tinha também as poéticas desejosas de que eu volte logo para plantarmos juntamente com minha semente. Também haviam palavras e poesia que transbordam:

⁶⁹ Discurso proferido por Nêgo Bispo na premiação Mestre das Periferias. Disponível em: <<http://imja.org.br/pt-br/2018/08/15/mestre-das-periferias-leva-grande-publico-a-mare-em-noite-de-premiacao/>> Acesso: 25 de fev de 2022.

Fotografia 9 - Cartas a Antropóloga



Fonte: Acervo pessoal da autora, tirada em 2020.

Aqui eu também deixo palavras para homenagear! Pois a cada começo, meio e começo (re)existimos. Reverenciando Mãe Marina de Ògum foi quem me jogou e disse pra eu cuidar da minha cabeça pois sem folha não há Orixá, Kó si ewé, kó sí Òrìsà. Orientou minhas pisadas pela terra vermelha e abençoou os meus caminhos. Thiago Ogã esperto, me chamou para ouvir um canto vindo das águas, era mamãe Oxum na cachoeira. Que eu seja como suas águas doces que seguem desbravadoras no curso dos rios, entrecortando pedras e se precipitando as cachoeiras sem parar até me cobrirem de auto amor. Saudando as benzedeiras que na linhagem vem antes de mim. Lágrima cai a cada verbo que eu tive que mudar na escrita desse trabalho do presente para o passado ao revisar as palavras de bell hooks, ancestral que povoa minha vida dentro e fora da academia sua Grandeza atravessa a eternidade.

Figura 10 - Verbo Esperançar



Fonte: Acervo pessoal da autora, tirada por uma criança em 2019.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOWICZ, ANETE ; DE OLIVEIRA, FABIANA . **Políticas públicas e direitos das crianças: uma reflexão a partir da perspectiva étnico-racial**. ZERO-A-SEIS (FLORIANÓPOLIS) , v. 19, p. 290-307, 2017.

ABRAMOWICZ, A. ; Rodrigues, Tatiane Cosentino . **Descolonizando as pesquisas com crianças e três obstáculos**. Educação & Sociedade (Impresso) , v. 35, p. 461-474, 2014.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer: O Poder Soberano e a Vida Nua I**, trd. Henrique Burigo, 2 ed., Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002 (*Homo Sacer – II Potere Sovrano e la nuda vita*).

AGAMBEN, Giorgio. **Infância e história: destruição da experiência e origem da história**. Belo Horizonte: Editora UFMG; 2005. 188p. (Trad. de Henrique Burigo. Título original: *Infanzia e storia: distruzione dell'esperienza e origine della storia*; 1978). ISBN: 85-7041-459-5.

ALEXANDRE, I. J. ; ABRAMOWICZ, A. . A diversidade e a diferença não tem uma natureza, não há nenhuma essência que defina o que é a diferença. **REVISTA EVENTOS PEDAGÓGICOS** , v. 11, p. 122, 2020.

ANZALDÚA, Gloria, et al. "Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo." **Estudos feministas** 8.1 (2000): 229-236.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos Científicos, 1971.

ARROYO, M.. **Descolonizar o paradigma colonizador da infância**. In: SANTOS, S. E. et al. (org.). *Pedagogias descolonizadoras e infâncias: por uma educação emancipatória desde o nascimento*. Maceió: Edufal; Imprensa Oficial Graciliano Ramos, 2018. p. 27-58.

BERNARDO, Fernanda. **“Pontos de não-contacto entre “Lévinas e Derrida”**. Seminário «Lévinas et Derrida» do Programa de Seminários 2007-2008 do Collège International de Philosophie e da Sorbonne IV/Paris, com o título *Emmanuel Lévinas et la Philosophie Française Contemporaine*, 2007. Disponível em: <http://www.revistaitaca.org/versoes/vers14-09/238-266.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2012.

BORGES, A. et al. **Pós-Antropologia: as críticas de Archie Mafeje ao conceito de alteridade e sua proposta de uma ontologia combativa**. Soc. Estado., 2015, vol.30, n.2, pp.347-369.

BONDÍA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. In: *Revista Brasileira da Educação*, N° 19, Jan/Fev/Mar/Abr, Rio de Janeiro: ANPED, 2002.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente** Brasília : Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2017.

BUTLER, Judith. **Vida precária**. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, n.1, p. 13-33.

CASTRO, L.R. A infância e seus destinos no contemporâneo. Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v.8, n.11, p. 47-58, junho, 2002. CHAUI, Marilena de Souza. **Espinosa: uma filosofia da liberdade**. São Paulo: Moderna, 1995.

CHAUI, Marilena de Souza. **Espinosa: uma filosofia da liberdade**. São Paulo: Moderna, 1995.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Editora UFRJ, 1994.

COHN, C. **Antropologia da criança**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

COHN, C. A criança, o aprendizado e a socialização na antropologia. In: SILVA, A. L. da; MACEDO, A. V. L. da S.; NUNES, A. (Org.). **Crianças indígenas: ensaios antropológicos**. São Paulo, Global, 2002. p. 213-235.

CORSARO, William. “Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas”. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 443-464, maio-ago. 2005.

DAVIS, Angela. “Crianças primeiro: a campanha por uma África do Sul livre”. Trad. Heci Regina Candiani. In: DAVIS, Angela **Mulheres, Cultura e Política** São Paulo: Boitempo, 2017. P. 95-103.

Davis, Angela. **A liberdade é uma luta constante**. São Paulo: Boitempo, 2018. DELEUZE, Gilles. O que as crianças dizem? In: G. Deleuze (Org.). **Crítica e clínica** (pp. 73-79). Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles e GUATARRI, Félix, **O que é a filosofia?** São Paulo: Editora 34, 1997.

DERRIDA, Jacques. **O animal que logo sou**. Tradução Fábio Landa. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador, Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. 2º ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

FAVRET-SAADA, J. “**Ser afetado**”, Cadernos de campo, n. 13, 2005.

FEYERABEND, Paul. **Contra o Método** Tradução de Cezar Augusto Mortari. São Paulo: Unesp, 2011.

Foucault, M. **Microfísica do poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Paz e Terra, 1992.

FRIEDMANN, A. Vozes da infância brasileira. In D'ávila C.; FORTUNA, T.(org.).

Ludicidade, cultura lúdica e formação de professores. Curitiba: CRV, 2018.

_____. **História do percurso da sociologia e da antropologia da infância**. Revista Veras, São Paulo, v.1, n.2, 2011.

_____. **O olhar antropológico por dentro da infância**. São Paulo: Instituto Alana, 2015.

hooks, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo Martins Fontes, 2013.

KILOMBA, Grada. "Introdução"; "Quem pode falar?" e "Dizendo o indizível". In: **Memórias da plantação**. Rio de Janeiro, Cobogó, 2019, pp. 27-32 e 47-92.

KRAMER, S. **Autoria e autorização: questões éticas nas pesquisas com crianças**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n.116, pp.41-59.

NUNES, A. **A sociedade das crianças a'uwe-xavante: por uma antropologia da criança**. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 1999.

NUNES, Míghian. Sociologia da Infância, Raça e Etnografia: intersecções possíveis para o estudo das infâncias brasileiras. **Revista Eletrônica de Educação**, v. 9, n. 2, p. 413-440, 2015.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MASOLO, Dismas. Filosofia e Conhecimento Indígena: uma perspectiva africana. In: SANTOS, Boaventura de Souza; MENESES, Maria Paula (Org.). **Epistemologias do Sul** Almedina: Coimbra, 2009.

MAPA da infância Brasileira. **Quem está na escuta?** São Paulo: 2016.

_____. **Vamos ouvir as crianças**. São Paulo: 2017.

MBEMBE, A. **Necropolítica**. *Arte & Ensaios* - Revista do PPGAV/EBA/UFRJ, n. 32, p. 123, dez. 2016.

MEAD, M. **Adolescência y cultura en Samoa**. Barcelona: Paidós, 1971.

NOGUERA, Renato; ALVES, Luciana Pires. Infâncias Diante do Racismo: teses para um bom combate. **Educação & Realidade**, [s.l.], v. 44, n. 2, p.1-22, 15 jul. 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623688362>. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/edreal/v44n2/2175-6236-edreal-44-02-e88362.pdf>. Acesso em: 29 fev. 2020.

OLIVER, Kelly. **Animal ethics: Toward an Ethics of Responsiveness**. Research in Phenomenology, v.40, p. 267-280, 2010.

OYEWUMI, Oyeronke. **La Invención de las Mujeres**: una perspectiva africana sobre los discursos occidentales del género. Tradução de Alessandro Molengo Gonzalez. Bogotá: La Fronteira, 2017.

PEREIRA, Diana Araujo. Cartografia imaginária da Tríplice Fronteira. São Paulo: Dobra Editorial, 2014.

QVORTRUP, Jens. **Nove Teses Sobre a “Infância Como Um Fenômeno Social”**. Pro-Posições, Campinas, v. 22, n. 1, jan./abr. 2011.

SANTOS, Antônio Bispo. **Colonização, Quilombos. Modos e Significações**.

Brasília: Instituto de Inclusão no Ensino Superior e na Pesquisa, 2015.

SANTOS, Renato Emerson dos (org). **Questões Urbanas e racismo**. Petrópolis: DP et Alii ; Brasília: ABPN, 2012.

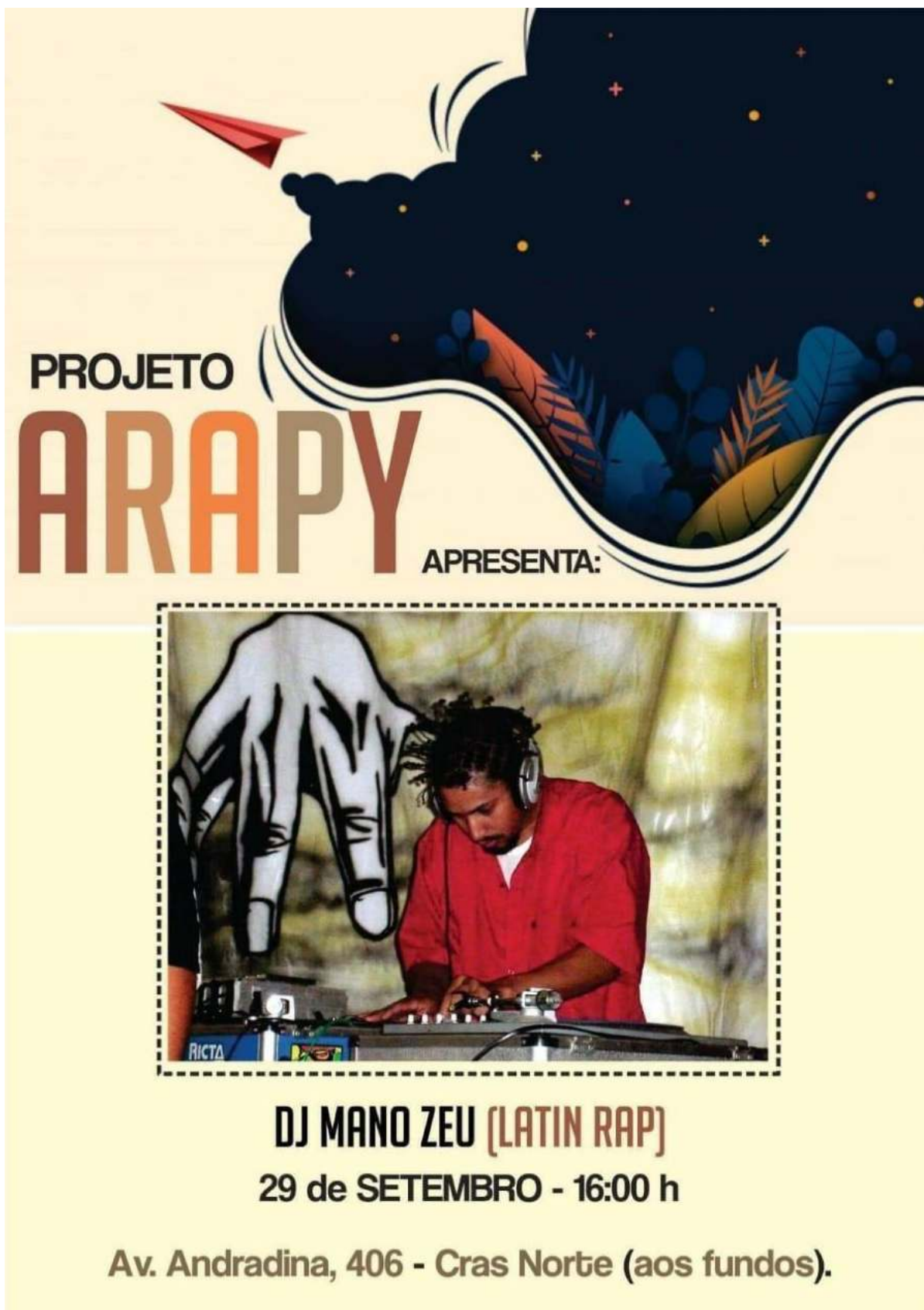
SARMENTO, Manuel Jacinto. Visibilidade Social e Estudo da Infância. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; VASCONCELLOS, Vera Maria Ramos (Org.). **Infância (In)visível** Araraquara: Junqueira & Marin, 2007.

SARMENTO, Manuel Jacinto. Sociologia da infância: correntes e confluências. In: SARMENTO, Manuel Jacinto; GOUVÊA, Maria Cristina Soares de (Org.). **Estudos da Infância**: educação e práticas sociais. Petrópolis: Vozes, 2008. P. 17-39.


SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Belo Horizonte, Editora UFMG, 2010.

Schérer, R. Devir-criança: devir-maior ou devir-menor. Conversa com René Schérer. In **Imprópria**. Política e pensamento crítico. N.2, 2012.

ANEXOS



PROJETO
ARAPY APRESENTA:



DJ MANO ZEU (LATIN RAP)
29 de SETEMBRO - 16:00 h
Av. Andradina, 406 - Cras Norte (aos fundos).



PROJETO
ARAPY APRESENTA:



ONDA - GUI JAY - MANO MAGRINHO & RAFA GONZÁLEZ
+ PARTICIPAÇÃO ESPECIAL: DJ MANO ZEU
+ DANÇA DE RUA COM: HARRY BIG & BIANOR (SIOUX FAMILY)
[AS APRESENTAÇÕES SERÃO DURANTE A OFICINA DE GRAFITE DE: GUSTAVO GAMARRA]
28 e 29 de SETEMBRO - 14 Hs
Av. Andradina, 406 - Cras Norte (aos fundos).

CRONOGRAMA RODA DE MEDIAÇÃO DE LEITURA E ESCRITAS DE SI - EXPERIÊNCIAS ITINERANTES NO TERRITÓRIO DAS INFÂNCIAS				
DATA	Atividade	Material	Descrição e Resumo	Interações
15/06/2019	Leitura e Picnic	“Na roça. Aqui, Plantando tudo dá!”	Nas montanhas de Honduras, América Central, Maria Luz ajuda seu pai no Plantio. Mas o solo está seco. Este livro conta a história de uma comunidade que, unida, faz a terra resgatar a sua força - cultivando, mais que sementes a esperança.	Germinar sementes e sortear uma composteira.
22/06/2019	Leitura, Picnic e Plantio de jardim.	A turma da Horta Viva	A turma é formada por um grupo de crianças que um dia resolve fazer alguma coisa em prol do meio ambiente. Juntos eles decidem limpar um terreno baldio do final da rua onde moram e fazer uma horta. Muitas aventuras irão envolver a limpeza do terreno e a criação da horta. Desde a possível venda do terreno até a expectativa se tudo daria certo. Busca mostrar como a turma da rua se tornou a Turma da Horta Viva. E depois apresentar o que eles andam aprontando para entender a natureza e o que podem fazer para preservar o meio ambiente.	Convidadas Laura para levar Zines sobre permacultura.
24/08/2019	Leitura, Picnic e Plantio de jardim	Minha Casa Azul	Pelo olhar de um menino, o leitor percebe as proporções do Universo: as galáxias, o Sol, a Lua, a Terra, os continentes, os países, as cidades, os bairros, as ruas, a casa azul em que vive, com seus aposentos e pertences pessoais, entre eles um espelho, no qual o menino se observa para ver o que tem dentro do corpo, e é no coração que ele reencontra o mundo que ama.	
31/08/2019	Leitura e troca de sementes	A semente que Veio da África	Existe, na África, uma árvore que causa assombro aos que a conhecem. Chegando a medir até 45m de largura e 3m de altura, ela pode viver mais de seis mil anos. Conhecida como adansônia no Brasil, essa árvore serve de inspiração para diversas lendas em toda a África. Georges Gneka, de Moçambique, apresenta a lenda da origem do Baobá, como a espécie é conhecida no país, e comenta sobre a influência desse traço da cultura africana em sua obra. Mário Lemos fala da relação intrínseca da árvore com as tradições culturais do país, principalmente na Costa do Marfim, onde a árvore ganha o nome de Embondeiro. Utilizando recursos da tradição oral, como onomatopeias e palavras simples, o livro leva o leitor a conhecer um pouco mais da cultura africana e o incentiva a aprender algumas palavras ao espalhar o vocabulário ao longo das páginas. As crianças se encantarão com os contos, as lendas e as curiosidades da adansônia, como também vão se divertir aprendendo jogos inventados com as sementes da árvore e que são comumente jogados pelas crianças africanas	Levar sementes para serem trocadas.

08/09/2019	Leitura de livro mais picnic troca de saberes.	História de um africano no Brasil.	O livro narra a trajetória de Kiese, um menino que foi capturado ainda na infância em sua aldeia, na África, e trazido para o Brasil para ser escravizado. É também a história de muitos africanos que foram tirados de seu território, separados de seus familiares e amigos e trazidos para o Brasil ao longo do tempo que durou o regime escravista em nosso país. A história de Kiese é a história de um brasileiro que lutou para conquistar um lugar para ser feliz com sua família, seus amigos e sua gente. Sua história se confunde com a própria formação do Brasil.	Convidado Alessi para falar sobre cultura africana.
15/09/2019	Leitura de livro e troca de saberes	OMO-OBA história de princesas.	Omo-Oba: Histórias de Princesas é um livro que privilegia o recontar de mitos africanos, muito divulgados nas comunidades de tradição ketu, pouco conhecidos pelo público em geral e que reforçam os diferentes modos de ser femininos. Os seis mitos apresentados têm o objetivo de fortalecer a personalidade de meninas de todos os tempos	Convidada Janaína, Ellen, Nicole...
22/09/2019	Leitura e troca de saberes.	As Lendas de Dandara	Dandara dos Palmares, guerreira e companheira de Zumbi, que luta à frente das formações de palmarinos dispostos a reconquistar a liberdade de a dignidade para si e para seus irmãos escravizados. As lendas de Dandara é um romance apaixonado e apaixonante, que conquista o leitor desde a primeira página e ajuda a preencher lacunas de uma história do Brasil que nunca foi bem contada.	
06/10/2019	Pic nic + oficinas sobre cabelos	Meu Crespo é de Rainha	A obra de bell hooks incentiva a liberdade de expressar a individualidade. Os rituais implícitos no livro estão enraizados nas tradições da própria infância, quando "fazer" o cabelo é uma boa desculpa para as meninas se reunirem, rirem e contarem histórias juntas. "Com este livro em mãos, nossas crianças terão - muito mais cedo que as da minha geração - mais ferramentas para reverter o processo histórico de invisibilidade. Percebi afeto e estímulo em cada palavra! E isso é transformador, é mágico!"	Convidado Robert para oficina de cabelos.
13/10/2019	Picnic + roda de conversa + brincadeira	As cores no mundo de Lúcia	Nesse livro, Lúcia é uma menina de sete ou oito anos, muito inteligente e que adora brincar. ela não pode enxergar, pois sofre de cegueira congênita. No entanto, descobre uma maneira divertida de perceber as cores no mundo a sua volta. Ela sabe usar como ninguém a audição, o olfato, o paladar e o tato, sentidos aguçados que lhe permitem superar a deficiência visual. Em prosa poética, a história convida o leitor a superar preconceitos, a vencer dificuldades e a descobrir o quanto a vida pode ser uma festa.	

20/10/2019	Leitura + batalhas de rimas	Caderno de Rimbras do João	Caderno de rimas do João é o primeiro livro do autor e ator Lázaro Ramos publicado pela Pallas Editora. O menino João encanta os leitores com rimas espontâneas e temáticas diversas. Ele nos apresenta, de um jeito divertido, os assuntos de um modo mais colorido. Além do texto escrito por Lázaro Ramos, O livro conta com as ilustrações do renomado Maurício Negro. Uma combinação que só podia dar certo! Venha você também se encantar com as rimas do João!	Convidado Mano Zeu e colegas do Hiphop.
27/10/2019	Leituras + brincadeira	Catando Piolhos Contando Histórias	“Ali, contávamos para todos os adultos presentes tudo o que havíamos feito durante o dia. Embora não parecesse, todos nos ouviam com atenção e respeito. Aquele era um exercício de participação na vida de nossa comunidade familiar.” Memórias de infância de um menino indígena que nos fala das tradições de seu povo Munduruku transmitidas pela narrativa oral nos momentos felizes quando, sentado na aldeia, no colo dos mais velhos ou ao pé da fogueira, ouvia histórias enquanto eles catavam piolhos em seus cabelos e lhe faziam carinhos na cabeça.	Convidado estudante indígena.
03/11/2019	Leituras + brincadeira	Coisas de Índio	A versão infantil de Coisas de índio, de Daniel Munduruku, traça um panorama das diferentes comunidades indígenas. Os textos tratam dos povos indígenas, situando o leitor em aspectos como: os locais onde vivem, a arte, a alimentação, a medicina, o trabalho e os elementos culturais que compõem esses povos. As imagens remetem às tradições indígenas e são feitas pelo próprio Munduruku, por Yaguare Saterê Mawé e pelo indígena Xavante Siridiwê Xavante; outras são retiradas de livros sobre o assunto, e outras, ainda, são concebidas por Ionit Zilberman, o que compõe uma interessante troca entre indígenas e não indígenas.	Convidada Nekinha indígena Tikuna.
09/11/2019	Leitura + picnic	Kabá Darebu	O autor, nativo do povo munduruku, localizado no Pará, cria uma narrativa que apresenta aos leitores aspectos de sua cultura. Atenciosamente, as ilustrações representam frutas e animais que, em sua maioria, nos são desconhecidos. Daniel Munduruku aborda os costumes e o dia a dia de sua tribo, descrevendo tanto atividades, como a caça e os ritos, como também as brincadeiras feitas por meninos e meninas de seu povo. Mostra-nos a relação dos índios para com a natureza, com o olhar sensível a cada elemento. Ao final, há textos explicativos sobre a cultura do povo Munduruku, desde a etimologia das palavras e a cosmogonia à história e à localização geográfica. Um livro importante para nos fazer conhecer um pouco mais da cultura de nosso país.	

CERTIFICAÇÃO: PT31J065KX6A6A59

DIVERSIDADES, ADVERSIDADES, RESISTÊNCIAS
9 A 12 DE DEZEMBRO DE 2019

6ª REA
REUNIÃO EQUATORIAL DE ANTROPOLOGIA
SALVADOR, BAHIA, BRASIL



CERTIFICADO

Certificamos que **EDIANE HIRLE** apresentou o trabalho **Experiências itinerantes no Território das Infâncias** na VI REA - Reunião Equatorial de Antropologia, realizada no período de 09 a 12 de dezembro de 2019, no Campus de Ondina - UFBA, em Salvador/BA.

Salvador - Bahia, 12 de dezembro de 2019



Profª Fátima Tavares
Departamento de Antropologia e PPGA/UFBA
Coordenadora Geral da 6ª REA



XXIII SULPET

EDUCAÇÃO PÚBLICA & COMPROMISSO SOCIAL

Certificamos que o trabalho intitulado **EDUCANDO NO ARAPY: Construindo Espaços Coletivos e Confluências de Saberes**, de autoria de *Ediane Hirle, Heloísa Marques Gimenez*, inserido no eixo Educação cidadã e compromisso social, foi considerado um **DESTAQUE** para o **XXIII Encontro Regional dos Grupos PET do Sul: Educação Pública e Compromisso Social**, que ocorreu de forma online entre os dias 29 de agosto à 25 de outubro de 2020, totalizando uma carga horária de quinze horas.


Prof. Dr. Renato H. A. Freitas
Coordenador Geral do XXIII SULPET

CERTIFICADO DE TRABALHO

Certificamos que **HIRLE, E.** foi apresentador do trabalho **MEDIAÇÃO DE LEITURAS: A arte de ler e construir espaços de confluências.** que teve como autores **HIRLE, E. ; LIMA, S. W. ; GIMENEZ, M. H.**

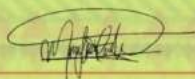


Marina de Arruda Alencar
Representante da Comissão Organizadora

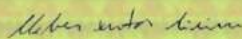


CERTIFICADO

Certificamos que **Ediane Hirle** apresentou o trabalho **ESPAÇO ARAPY um modo de ocupar os espaços urbanos ensinando a transgredir** no ST 49: População Negra e o Direito à Cidade: interfaces entre raça e espaço urbano no **"XI Congresso de Pesquisadores/as Negros - XI COPENE"**, realizado entre os dias 23 e 26 de maio de 2021 sediado na Universidade Federal do Paraná - UFPR.



Prof. Dra. Megg Rayara
Gomes de Oliveira
Coordenadora NEAB-UFPR



Prof. Dr. Cleber Santos Vieira
Presidente da Associação Brasileira de
Pesquisadores/as Negros/as



Prof. Dr. Paulo Vinicius
Baptista da Silva
Superintendente de Inclusão, Políticas
Afirmativas e Diversidade - SIPAD UFPR



As relações do espaço

O espaço Arapy possui uma dinâmica que existe muito antes do surgimento do projeto, pois ele faz parte do trajeto diário dos moradores da região, que utilizam o local para "cortar caminho", facilitando o acesso ao seu destino e diminuindo a distância percorrida.

A criação do projeto proporciona a integração de vários bairros vizinhos além de promover um espaço para lazer, cultura e um local onde podem colher o que plantam. O projeto tem como foco principal as crianças, público mais frequente no espaço.

Trajetos comuns realizados pelos moradores da região.



Relação com os bairros vizinhos.



<p>HOJE Construções Ecológicas 1415 0025-3000 hojeconstrucoes@gmail.com</p>	Relações do espaço e fluxos Responsável Técnico: Fernando Carneiro Pires CAU: 205741-7		Planilha 2/9
	Desenho: Jéssica Machado Seolin		
	Data: 23/11/2019		Escala: XX



ARAPY

O Arapy é um projeto voltado para a integração da comunidade local. É um espaço que está sendo construído com o apoio da população e, principalmente, das crianças, um dos focos do projeto. O projeto tem a intenção de criar um espaço de convívio para a população dos bairros vizinhos e região, com diversas atividades de lazer, cultura e educação. E ainda, conta com uma horta para atender a população, ação que marcou o início do projeto.



Localização



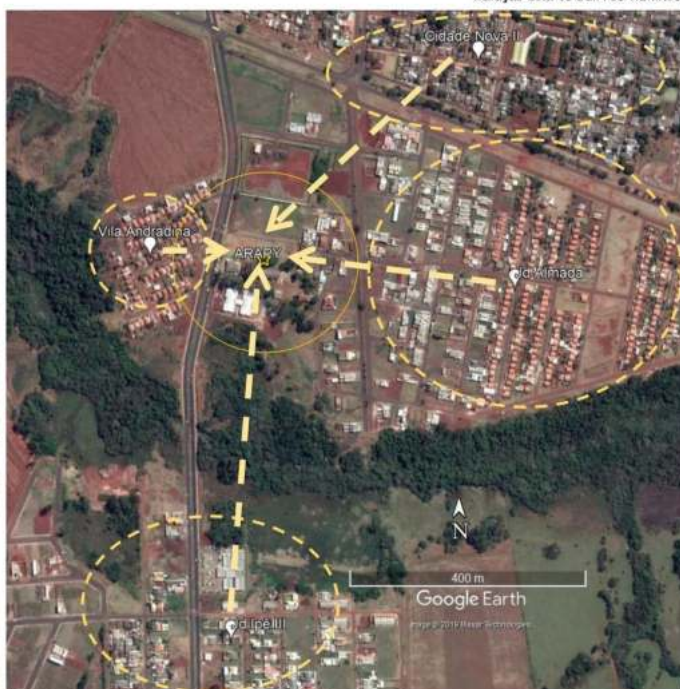
<p>HOJE Construções Ecológicas</p>	Tel: (45) 99125-2938 hojeconstrucoes@gmail.com	Responsável Técnico: Fernando Carneiro Pires CAU: 205741-7	Estagiária: Jéssica Machado Seolin	Conceito do Projeto Arapy e localização	Data: 13/12/2019	Escala: ---	Planilha: 01/10
--	---	---	--	--	---------------------	----------------	---------------------------

As relações do espaço

O espaço Arapy possui uma dinâmica que existe muito antes do surgimento do projeto, pois ele faz parte do trajeto diário dos moradores da região, que utilizam o local para "cortar caminho", facilitando o acesso ao seu destino e diminuindo a distância percorrida. A criação do projeto proporciona a integração de vários bairros vizinhos além de promover um espaço para lazer, cultura e um local onde podem colher o que plantam. O projeto tem como foco principal as crianças, público mais frequente no espaço.

Relação com os bairros vizinhos.

Trajetos comuns realizados pelos moradores da região.



	Tel: (43) 99825-5928 hojecostrucoes@gmail.com	Responsável técnico: Fernando Carneiro Pres CAU: 205247-7	Estagiária: Jéssica Machado Seolin	Relações do espaço e fluxos	Data: 13/12/2019	Escala: --	Plancha: 02/10
--	--	---	---------------------------------------	-----------------------------	---------------------	---------------	-------------------

Programa de necessidades

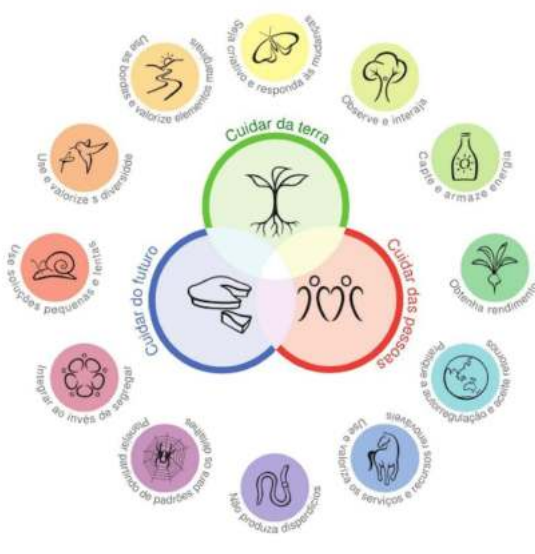
Em algumas conversas surgiu a necessidade de criar uma infra estrutura de apoio ao projeto e as ações que ocorrerão no local, bem como espaços que traga conforto aos usuários e incentive o uso do mesmo. Algumas das necessidades levantadas foi a criação dos seguintes espaços:

- Viveiro para plantas e mudas;
- Geodésica para eventos culturais;
- Espaço para oficinas;
- Banheiro e saneamento;
- Casa de ferramentas/Depósito;
- Jardim;
- Espaço com bancos para descanso;
- Espaço com mesas para alimentação;
- Academia ao ar livre;
- Espaço infantil/parquinho.

Estudo Preliminar

Design de Permacultura

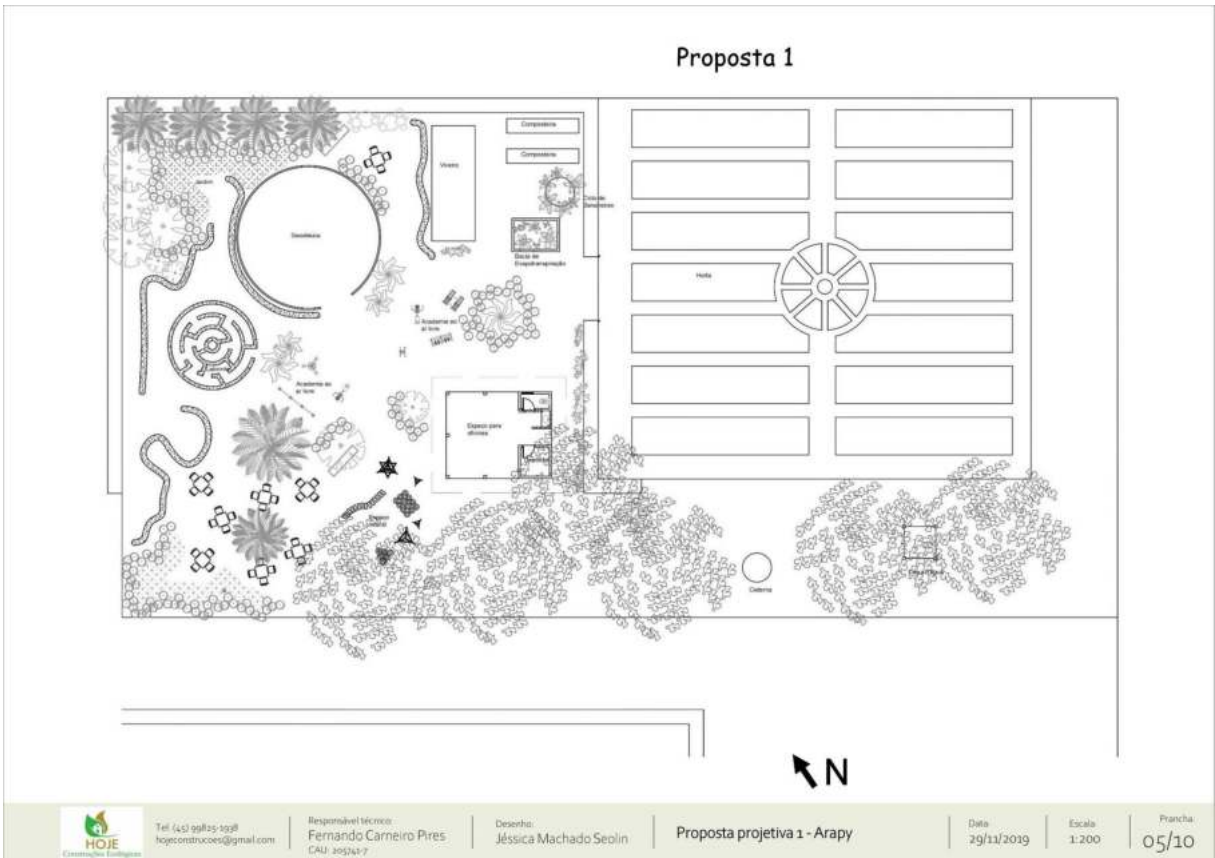
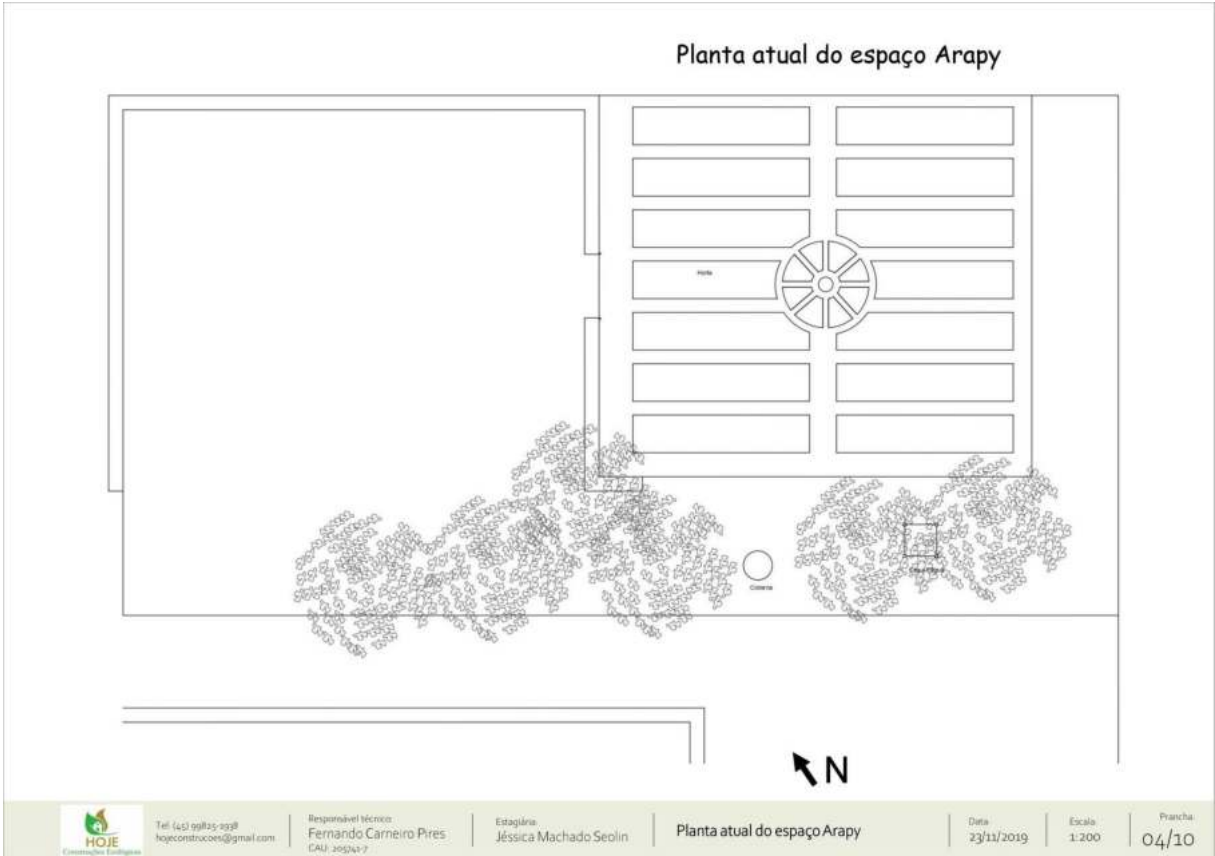
A criação dos espaços bem como o planejamento do mesmo pretendem seguir os princípios da permacultura, mostrados abaixo. A permacultura é um sistema que pensa o espaço e planeja os ambientes humanos de forma sustentável e produtiva em equilíbrio e harmonia com a natureza.



Zoneamento



	Tel: (43) 99825-5928 hojecostrucoes@gmail.com	Responsável técnico: Fernando Carneiro Pres CAU: 205247-7	Estagiária: Jéssica Machado Seolin	Estudo preliminar	Data: 13/12/2019	Escala: --	Plancha: 03/10
--	--	---	---------------------------------------	-------------------	---------------------	---------------	-------------------



Proposta 2

Tel: (43) 99125-9398
hojeconstrucoes@gmail.com

Responsável Técnico:
Fernando Carneiro Pires
CAU: 2052431-7

Desenho:
Lilian Luciana Escobar

Proposta projetiva 2 - Arapy

Data:
29/11/2019

Escala:
1:200

Plancha:
06/10

Geodésica

A geodésica é uma cobertura, normalmente feita de bambu ou madeira, com diversas frequências, tamanhos e formas possíveis.
A construção de uma geodésica no espaço Arapy será para criar um local de cultura, onde serão realizados eventos, teatro, música, entre outros.

Frequências

Freq.	Length	Area (sqm)	Volume (cubicm)
A	2,000	37	49
B	2,132	39	49
C	2,264	41	50
D	2,396	43	51
E	2,528	45	52
F	2,660	47	53
G	2,792	49	54
H	2,924	51	55
I	3,056	53	56
J	3,188	55	57
K	3,320	57	58
L	3,452	59	59
M	3,584	61	60
N	3,716	63	61
O	3,848	65	62
P	3,980	67	63
Q	4,112	69	64
R	4,244	71	65
S	4,376	73	66
T	4,508	75	67
U	4,640	77	68
V	4,772	79	69
W	4,904	81	70
X	5,036	83	71
Y	5,168	85	72
Z	5,300	87	73
AA	5,432	89	74
AB	5,564	91	75
AC	5,696	93	76
AD	5,828	95	77
AE	5,960	97	78
AF	6,092	99	79
AG	6,224	101	80
AH	6,356	103	81
AI	6,488	105	82
AJ	6,620	107	83
AK	6,752	109	84
AL	6,884	111	85
AM	7,016	113	86
AN	7,148	115	87
AO	7,280	117	88
AP	7,412	119	89
AQ	7,544	121	90
AR	7,676	123	91
AS	7,808	125	92
AT	7,940	127	93
AU	8,072	129	94
AV	8,204	131	95
AW	8,336	133	96
AX	8,468	135	97
AY	8,600	137	98
AZ	8,732	139	99
BA	8,864	141	100

Conexões

Fundações

As estruturas normalmente necessitam de um apoio para que não fiquem em contato direto com o solo e não se deteriorem rapidamente.

Tel: (43) 99125-9398
hojeconstrucoes@gmail.com

Responsável Técnico:
Fernando Carneiro Pires
CAU: 2052431-7

Estagiária:
Jéssica Machado Seolin

Conceito de geodésica

Data:
13/12/2019

Escala:
--

Plancha:
07/10

Saneamento

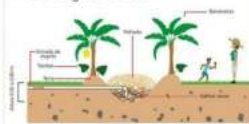
Banheiro seco

O banheiro seco consiste em um local para coleta dos resíduos e destinação adequada sem a necessidade de utilizar água no processo.



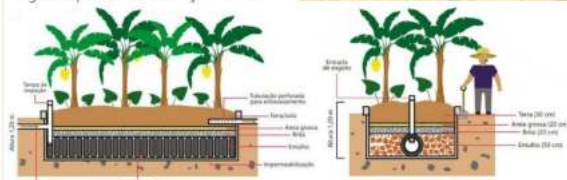
Ciclo de Bananeiras

Tratamento complementar de efluentes provenientes de tanque séptico, bem como de disposição final de águas cinzas.



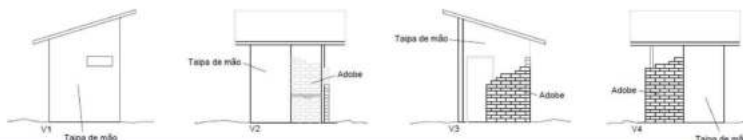
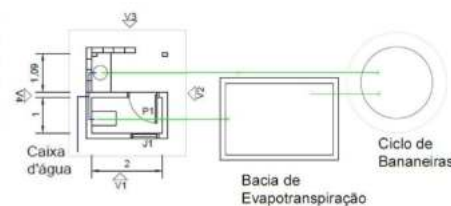
Bacia de Evapotranspiração

Sistema fechado de tratamento de águas negras (usada na descarga de sanitários convencionais). Os resíduos humanos são transformados em nutrientes para plantas (normalmente bananeiras) e a água sai pela evaporação/transpiração da vegetação. O sistema não gera nenhum efluente e evita a poluição do solo, das águas superficiais e do lençol freático.



Projeto Banheiro

A proposta de um banheiro para o espaço Arapy consiste na aplicação das técnicas taipa de mão e adobe para a construção da estrutura e para a parte de saneamento, conta com uma bacia de evapotranspiração, para o tratamento das águas negras, e um ciclo de bananeiras, para o tratamento das águas cinzas.



Tel: (43) 99825-5938
hojeconstrucoes@gmail.com

Responsável técnico:
Fernando Carneiro Pres
CAU: 205247-7

Estagiária:
Jéssica Machado Seolin

Conceitos e projeto de saneamento

Data:
13/12/2019

Escala:
--

Plancha:
08/10

Alvenaria de terra

A terra é um dos materiais mais abundantes e acessíveis do mundo. A utilização da terra para a construção civil possui diversas vantagens como: sua aplicação ter baixos gastos energéticos, sendo utilizado energia mecânica humana na maior parte da sua produção, e o material apresentar bom comportamento térmico e acústico, além de ser reciclável, podendo ser reutilizado.

Adobe

Técnica que confecciona blocos de solo e palha que são assentados de forma semelhante aos tijolos convencionais.



Hiperadobe

Técnica que consiste em compactar o solo úmido em saco raschel contínuo, e posteriormente revestido com argamassa de terra.



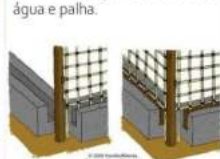
Superadobe

Técnica que consiste em compactar sacos de rafia cheios de terra e posteriormente revestido com argamassa de terra.



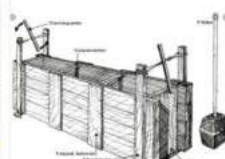
Taipa de Mão

Para a confecção da taipa de mão é necessário criar uma estrutura ou emaranhado de madeira ou bambu que posteriormente será revestido com uma argamassa de solo, água e palha.



Taipa de Pilão

Técnica que consiste em compactar o solo úmido em fôrmas de madeira, produzindo camadas de terra compactada.



Tel: (43) 99825-5938
hojeconstrucoes@gmail.com

Responsável técnico:
Fernando Carneiro Pres
CAU: 205247-7

Estagiária:
Jéssica Machado Seolin

Conceitos de alvenaria de terra

Data:
13/12/2019

Escala:
--

Plancha:
09/10



Oficinas

Além das diversas ações realizadas, houve uma oficina de manejo de bambu na Horta do seu Zé, pois o material que era considerado um problema para os moradores, foi reutilizado na oficina de parquinho no projeto Arapy, que foi a primeira oficina realizada para fortalecer os laços com a comunidade e iniciar o processo de conscientização e incentivo ao uso do espaço.

Oficinas de Bioconstrução

Oficina de Manejo de Bambu **Dia 23/11 Sábado**

Horta do seu Zé
Local: Rua N. S. do Carmo, nº 212 - Vila C. Arapá do seu Zé - 13.120-000 - Arapá - SP
Atividade: Oficina de manejo de bambu para reutilização do material em projetos de bioconstrução.

Oficina de Parquinho **Dia 30/11 Sábado**

Local: Avenida Arapá - Vila Arapá
Atividade: Oficina de parquinho para a comunidade.

Para mais informações, consulte o site: www.hoje.org.br



Tel: (45) 99125-5998
hojeconstrucoes@gmail.com

Responsável Técnico:
Fernando Carneiro Pires
CAU: 3052417

Estagiária:
Jéssica Machado Seolin

Oficinas

Data:
13/12/2019

Escala:
--

Prancha:
10/10